

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**A ESCRITURA DE MICHEL LEIRIS COMO UMA INTERROGAÇÃO SOBRE AS  
FORMULAÇÕES DA LETRA EM JACQUES LACAN: ESCRITA E LALÍNGUA**

Marcelo Matta de Castro

Belo Horizonte

2006

*Marcelo Matta de Castro*

**A ESCRITURA DE MICHEL LEIRIS COMO UMA INTERROGAÇÃO SOBRE AS  
FORMULAÇÕES DA LETRA EM JACQUES LACAN: ESCRITA E LALÍNGUA**

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Jesús Santiago  
Linha de Pesquisa: Estudos Psicanalíticos

Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte  
2006

150  
C355e  
2006

Castro, Marcelo Matta de

A escritura de Michel Leiris como uma interrogação sobre as formulações da letra em Jacques Lacan [manuscrito] : escrita e lalíngua / Marcelo Matta de Castro. - 2006.

128 f.

Orientador: J3sus Santiago.

Disserta33o (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ci3ncias Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Escrita – Teses. 3. Leiris, Michel, 1901- 4. Lacan, Jacques, 1901-1981. I. Santiago, J3sus. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ci3ncias Humanas. III. T3tulo.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Mestrado em Psicologia**

A Dissertação "*A escritura de Michel Leiris como uma interrogação as formulações da letra em Jacques Lacan: Escrita e Língua*"

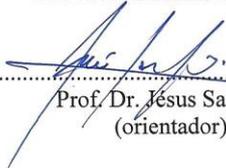
elaborada por: **Marcelo Matta de Castro**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

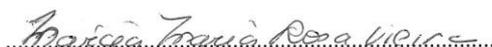
**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2006.

**BANCA EXAMINADORA**

  
.....  
Prof. Dr. Jesus Santiago  
(orientador)

  
.....  
Prof. Dr. Jeferson Machado Pinto

  
.....  
Profa. Dra. Márcia Maria Rosa Vieira

## Resumo

A obra escrita de Michel Leiris apresenta uma importante interrogação a alguns conceitos da clínica lacaniana. O conceito de letra e posteriormente a noção de “lalíngua” são abordados neste trabalho a partir das questões suscitadas pela escritura leirissiana, que é composta por um intenso jogo com as palavras, produzindo uma profunda perturbação da linguagem lexilizada.

**Palavras-chave:** escritura, escrita, letra, “lalíngua”, gozo.

## **Abstract**

The written work by Michel Leris presents an important questioning about some concepts related to the Lacanian clinic. In this work, both the concept of “letter” and the notion of “lalangue” are approached from the questions provoked by the writing of Leris, which is composed by an intense word game, producing a deep disturbing of the language.

*Key-words: écriture, writing, letter, lalangue, jouissance.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, área de concentração em Estudos Psicanalíticos, pela acolhida à minha proposta de investigação;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jesús Santiago, pelo respeito constante às minhas indagações e a meu modo próprio de apropriação da teoria psicanalítica;

À banca examinadora, por aceitar o convite;

Aos professores da área de concentração em Estudos Psicanalíticos, pelo esforço de transmissão;

Aos funcionários da Secretaria do Mestrado, especialmente a Beth, por estar sempre disponível;

Aos colegas de mestrado, companheiros de jornada.

Ao Prof. Dr. Jéferson Machado Pinto, por sua contribuição indispensável para a inspiração deste trabalho;

A Alessandro Magno da Silva por sua atenção e cuidado.

A Eduardo Vidal por seu apoio constante e efetivo.

A Leila Mariné por sua atenção e disponibilidade .

À Célio e Maria eternas letras de meu nome...

Aos meus amores Kátia, Gabi e Laurinha : letras vivas de minha existência

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>p. 03 - 14</b>
<b>Capítulo 1 – O significante no domínio da letra</b>	<b>p. 15 – 41</b>
O Signo em Saussure A Subversão do signo em Saussure: o algoritmo laciano “A letra no inconsciente”: Escrita e Leitura	
<b>Capítulo 2 - A letra como litoral e a escritura de Michel Leiris</b>	<b>p. 42 – 91</b>
A letra em “Lituraterra” “...reusement!” “Chansons” – os monstros orais Uma leitura psicanalítica	
<b>Capítulo 3 – Escrita e lalíngua</b>	<b>p. 92 - 117</b>
O escrito como <i>pas-à-lire</i> Conceito de lalíngua	
<b>Conclusão</b>	<b>p. 118 - 124</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>p. 125 - 129</b>

## INTRODUÇÃO

A força que move e anima este trabalho é uma interrogação sobre a função e o uso da *letra* na clínica psicanalítica. A pergunta sobre esse conceito apresenta inicialmente duas dificuldades: a primeira diz respeito à sua não formalização na obra de Sigmund Freud, a segunda dificuldade incide sobre a extrema complexidade desse conceito na obra do psicanalista francês Jacques Lacan, aqui sim formalizado. Podemos sintetizar essas dificuldades da seguinte maneira: em Freud há escassez de formulação sobre a letra, em Lacan há um excesso.

A obra teórica e clínica de Freud não formaliza o conceito de letra. Sabe-se que, em psicanálise, teoria e clínica estão intimamente ligadas. A teoria psicanalítica se faz a partir da clínica e um conceito em psicanálise participa desses dois campos. Se em Freud não encontramos o tema da letra como conceito teórico e/ou clínico, isso não nos leva a concluir que essa noção inexistia em sua obra. No início de suas construções teórico-clínicas, Freud faz o uso de *letras*. Como primeiro exemplo, pode-se citar a carta 52 à Wilhelm Fliess, que é um esforço no sentido de se escrever de modo descritivo o aparelho psíquico:

	I	II	III	
W	Wz	Ub	Vb	Bews
X X _____	X X _____	X X _____	X X _____	X X
	XX	X	X	X

(FREUD, 1990 [1896], p. 325)

O uso de letras nesse esquema visa a demarcar claramente o modo como operam cada um dos registros designados por cada uma das letras apresentadas. O aparelho aparece

estratificado e essa estratificação está indicada por letras, de modo que o esquema da carta 52 escreve-se como uma metáfora escritural.

O que significa tomar a carta 52 como uma metáfora escritural? A elaboração desse esquema do aparelho psíquico por Freud obedece a determinadas regras. Freud designa o material no aparelho como “traços de memória (*Erinnerungsspur*)” (FREUD, 1990 [1896], p. 324), que estão sujeitos a uma retranscrição. Traços (*spur*), mas também rastros, vestígios são a presença de inscrições que marcam o aparelho e que sofrem sucessivos rearranjos, designando o deslocamento constante sofrido pelos rastros de memória.

O material que se apresenta como registro nas instâncias do aparelho são tratados como passíveis de uma re-escritura. Freud assinala que na instância W [*Wahrnehmungen* (percepções)] não há registro, “nelas não se conservam nenhum traço do que aconteceu [...] a consciência e a memória são mutuamente exclusivas.” (FREUD, 1990 [1896], p. 325) Portanto, na primeira instância não se registra, o registro só ocorrerá na “WZ [*Wahrnehmungen* (indicação da percepção)] é o primeiro registro. (*Niederschrift*)” (FREUD, 1990 [1896], p. 325)

O termo *Niederschrift*, traduzido por “registro”, possui em alemão um significado mais preciso como *escrita*. É o que nos sugere Eduardo Vidal: “O inconsciente é o traço de uma perda decantada como escritura: o prefixo *nieder*, abaixo assinala o caráter de precipitar, assentar, próprio do ato de escrever.” (VIDAL, 1999, p. 489)

Os registros são uma escrita que se precipita, assenta-se a partir da intensidade da passagem da palavra gozante pelo aparelho psíquico, palavra que é composta de restos verbais, de coisas ouvidas e vistas, porém não compreendidas e nem reconhecidas e que sulcam o aparelho imprimindo-lhe os seus vestígios.

Na carta 52, Freud descreve clinicamente o recalçamento: “Uma falha (*die Versagung*) na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como recalque.” (FREUD, 1990 [1896], p.

326] Os registros de cada uma das instâncias são como um texto, uma escrita que sofrerá traduções ao longo de seu trajeto. No momento em que se encontra uma falha na tradução, ela é reconhecida clinicamente como recalque. A falha (*Die Versagung*) remete, em alemão, à privação, denota um sentido intransitivo, ou seja, não há possibilidade de traduzir. A ênfase recai sobre a negação, no prefixo *Ver* – “*Ver: Ver* afasta, exila, abandona faz desaparecer.” (RABINOVITCH, 2001, p. 33)

Como metáfora escritural, a carta 52 interessa a Lacan em seu retorno a Freud. No *Seminário III: as psicoses* (1955-1956), Lacan enfatiza o aparelho e destaca a novidade teórica introduzida por Freud ao conceituar a memória como múltipla e registrada sob diversas formas. É na pluralidade da memória ao se inscrever nas instâncias como pluralidade de registros que Lacan localiza o significante e, no seu nascimento, as relações de simultaneidade.

Nesse seminário, ao se perguntar – para distinguir o que é da ordem do significante daquilo que é comunicação – quando estamos no nível do significante, Lacan já o articula ao campo da escritura:

Há uso próprio do significante a partir do momento em que, no nível do receptor, o que importa não é o efeito do conteúdo da mensagem, não é o acionamento no órgão de tal reação pelo fato de que o hormônio sobrevenha, mas isto- que no ponto de chegada da mensagem, a mensagem é registrada para posterior utilização [...] É isto que é fundamental. Coloco minha responsabilidade ao abrigo. A distinção do significante esta aí. Escrituro o sinal. (LACAN, 1985 [1956], p. 215)

Estamos no nível do significante quando eu escrituro a mensagem para um uso posterior. Escriturá-la para posterior utilização define o significante. Ele se apresenta isolado de seu conteúdo de mensagem. Assim, a passagem supracitada apresenta o significante como letra.

No texto da “Negativa” (1925), Freud ocupa-se desse mesmo problema. Ao trabalhar o juízo de existência, pergunta-se sobre “a existência real de uma coisa representada”. (FREUD, 1925, p. 13) Trata-se novamente dos rastros mnêmicos, pois o que é percebido como representação no eu precisa ser reencontrado também na percepção (realidade). Não basta ao aparelho articular-se ao mundo exterior, é necessário a escrituração de um registro no próprio aparelho para que haja representação. A “prova de realidade” não é encontrar na percepção um objeto correspondente no mundo externo, mas “reencontra-lo”, certificar-se de sua existência, nos próprios registros, naquilo em que ele está escriturado para uma posterior utilização.

No livro sobre a “Interpretação dos Sonhos”, Freud faz novamente uma menção sobre o uso da letra. Ao criticar a forma como os sonhos foram interpretados anteriormente ao seu trabalho, demonstra que o modo como se deve ler um sonho é tomá-lo como um *rébus*. A figura do *rébus* organiza-se não por uma leitura pictórica das imagens e sim por seu valor ao tomar cada imagem por uma letra:

O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu valor pictórico, e não de acordo com sua relação simbólica, seríamos claramente induzidos ao erro. [...] O sonho é um quebra-cabeça pictográfico desse tipo, e nossos antecessores no campo da interpretação dos sonhos cometeram o erro de tratar o *rébus* como uma composição pictórica, e como tal, ela lhes pareceu absurda e sem valor. (FREUD, 1990 [1900], p. 271-2.)

O que Freud institui nesse momento é um uso da letra como forma de decodificar o texto do sonho. O essencial é o fato do sonho ser lido como uma linguagem escrita, ou seja, o seu valor interpretativo é dado por seu aspecto literal e não pelo seu valor pictórico.

No texto sobre a “Psicopatologia da Vida Cotidiana”, ao analisar o esquecimento dos nomes próprios a partir do nome *Signorelli*, Freud novamente atribui um outro uso da letra na clínica psicanalítica. A ação do recalque se dará sobre as letras, ou, no dizer de Freud,

O nome *Signorelli* foi dividido em duas partes. Um dos pares de sílabas (*elli*) ressurgiu inalterado num dos nomes substitutos, enquanto o outro, através da tradução de *Signor* para *Herr*, adquiriu numerosas e variadas relações com os nomes contidos no tema recalcado, mas, por esse motivo, não ficou disponível para a reprodução [consciente]. Seu substituto [para *Signor*] foi criado como se tivesse havido um deslocamento ao longo da conexão de nomes “Herzegovina e Bósnia”, sem qualquer consideração ao sentido ou aos limites acústicos das sílabas. [...] À primeira vista parece impossível descobrir qualquer relação entre o tema em que ocorreu o nome *Signorelli* e o tema recalcado que o precedeu no tempo, salvo por esse retorno das mesmas sílabas (ou melhor, seqüências de letras)”. (FREUD, 1990 [1901], p. 22)

No complexo esquema do esquecimento dos nomes próprios, o que está em destaque é o re-arranjo de sílabas e letras. A descrição freudiana do mecanismo de esquecimento estabelece um modo lógico de operação englobando substituições de letras e sílabas. Novamente o caráter literal da palavra é enfatizado.

No relato clínico de um caso analisado por Freud, o aspecto de presença da letra se lê como uma marca ligada ao nome do paciente. O caso do Homem dos Lobos apresenta um Freud obstinado na busca do efeito sexual traumático da cena primitiva. Sua investigação se realiza na escuta das associações do paciente. Em primeiro lugar, uma fobia ligada aos insetos que o remetia ao abrir e fechar das asas de uma borboleta, esta por sua vez estava associada ao V romano que era ao mesmo tempo a figuração das pernas abertas de uma mulher e ao horário em que o paciente (cinco horas) caía em depressão.

As associações do Homem dos Lobos prosseguem e sobrevivem a lembrança de infância de ver a sua ama *Grusha* (*pêra*, em russo) ajoelhada varrendo o chão. Na cena, o paciente, excitado, urina e ela faz-lhe uma ameaça de castração. Por fim, um sonho narrado por ele a Freud:

“Tive um sonho”, disse ele, “em que um homem arrancava as asas de Espe”. “Espe?”, perguntei, “o que você quer dizer com isto?” “O senhor sabe: aquele inseto com listras amarelas no corpo, que dá uma picada. Isto deve ser uma alusão a Grusha, a pêra de listas amarelas”. Agora eu podia corrigi-lo: “Você quer dizer uma Wespe” [Vespa]. “Chama-se Wespe? Na verdade eu achava que era Espe.” (Como tantas outras pessoas, ele usava as suas dificuldades com a língua estrangeira como uma forma de encobrir os atos sintomáticos). “Mas Espe, então, sou eu mesmo: S. P”. A Espe era, é claro, uma Wespe mutilada. (FREUD, 1976[1918], p. 119)

A intervenção de Freud se dá sobre a letra e o que conta nesse relato não é a produção de sentido. Ao denunciar o *Espe* como *Wespe mutilada*, Freud produz um efeito de redução, de literalização que se precipita no SP, as iniciais do nome do Homem dos Lobos, Serge Pankjeff. A letra aqui é tomada na radicalidade da inscrição do nome, da marca que sustenta o sujeito.

Os exemplos clínicos de Freud têm a força de indicar a presença da letra na clínica, demonstram uma profunda argumentação clínica a partir da letra, ou seja, na obra de Freud podem ser destacados os usos da letra, porém este fato não nos leva a concluir que o conceito de letra esteja aí formalizado como um conceito psicanalítico.

A obra de Jacques Lacan apresenta uma formalização da letra como conceito do campo, da teoria e da clínica psicanalítica, porém de modo complexo e muitas vezes contraditório, como bem nos faz observar Juan Ritvo:

Existem definições de letra, em Lacan, que praticamente são homólogas às definições de significante, mas há outras, onde ele define especificamente letra e significante. Poderíamos perguntar: por que duas definições para um mesmo conceito? É um mesmo conceito? São dois aspectos do mesmo conceito? (RITVO, 2000, p.9)

A profunda ambivalência desse conceito traz uma dificuldade especial à nossa pesquisa e impõe uma decisão metodológica: a de um recorte a partir de dois momentos cruciais da elaboração do conceito de letra na obra de Lacan. Estes dois momentos

correspondem cronologicamente a duas datas, 1957 e 1971. É o momento, em primeiro lugar, do texto “A instância da letra no inconsciente e a razão desde Freud” e, na seqüência nos anos 70, da escrita do texto “Lituraterra”. O procedimento metodológico aqui proposto é o da leitura comparativa desses dois textos com o objetivo de responder a pergunta sobre a função da letra na clínica psicanalítica. A partir dessa leitura, a hipótese a ser testada diz respeito a cernir de forma mais clara qual é o estatuto da letra na clínica psicanalítica.

Uma vez enunciada essa hipótese, coloca-se a questão de nosso título. Na leitura comparativa desses dois textos apresentam-se as dimensões da letra na clínica psicanalítica. Em “A instância da letra”, a dimensão da letra é o significante; no texto “Lituraterra” e por extensão na leitura do *Seminário XX: mais, ainda* (que são contemporâneos), destacamos como dimensões da letra uma teoria da escrita e a noção de *lalíngua*.<sup>1</sup> No primeiro, ao conjugar letra e significante, Lacan os conceitua a partir da promoção da fala. Nesse momento de seu ensino, o que é relevado é a autonomia do simbólico. Para tanto, é necessário, em “A instância da letra”, descrever as leis da linguagem – representadas pela metáfora e pela metonímia – como forma de apreensão de uma lógica na qual o significante se insere e sua conseqüente manifestação na fala do paciente.

No texto “Lituraterra”, a letra separa-se do significante num contexto de promoção do escrito e, ao separar-se, possibilita a apreensão de uma constante da clínica denominada *satisfação libidinal*, em Freud, e *gozo*, em Lacan. É ao privilegiar a letra como *litoral* que Lacan poderá construir um aparato clínico de tratamento do gozo, que incluirá uma reformulação da escrita como *pas-à-lire* e, conseqüentemente, a invenção da noção de *lalíngua*. As dimensões da letra na clínica psicanalítica indicam, então, um movimento de formalização em 1957 e uma posterior re-interrogação de seu estatuto em 1971, em termos de escrita e *lalíngua*.

---

<sup>1</sup> A tradução do neovocabulo *lalangue* por *lalíngua* foi sugerida por Haroldo de Campos e incorporada na tradução dos *Outros Escritos* (2003), de Lacan. (LACAN, 2003, p. 510, nota 2).

Ao se estabelecer a letra de forma localizada, a partir deste recorte na obra de Lacan, pode-se afirmar que o objetivo deste trabalho não é um recenseamento exaustivo do conceito na obra lacaniana,<sup>2</sup> mas trabalhar, a partir desse recorte, dois momentos de elaboração singulares e distintos.

O primeiro capítulo, então, é a busca, a partir da leitura do texto “A instância da letra”, de uma resposta sobre a função da letra na clínica psicanalítica, nesse momento. O que vem a primeiro plano é a identidade entre letra e significante, como podemos observar na formulação de Lacan:

Por onde se vê que um elemento essencial na própria fala estava predestinado a fluir nos caracteres móveis que, qual Didots ou Garamonds a se imprimirem em caixa baixa, presentificam validamente aquilo a que chamamos de letra, ou seja, a estrutura essencialmente localizada do significante. (LACAN, 1998 [1957], p. 504-5)

Assim, um parêntese se faz necessário, antes de iniciarmos a leitura desse texto, pois se poderia objetar aqui, e com justificada razão, a negligência em relação a outro texto de Lacan. Trata-se de texto essencial, fundante – do “Seminário sobre a Carta Roubada”, que, a despeito de sua cronologia, abre os *Escritos* de Lacan. Contudo, nossa escolha fundamenta-se como um passo metodológico. Como já foi dito anteriormente, nossa proposta é contrastar o texto “A instância da letra” com o texto “Lituraterra”, extraindo dessa operação a função da letra na clínica psicanalítica.

Em cada um desses textos, a letra é conceituada de forma diferente, quase antagônica, e esse contraste das formulações circunscreve o trabalho desta pesquisa. É isso, por sinal, o que parece indicar o psicanalista Éric Laurent: “Lituraterra é explicitamente a re-escritura, nos anos 70, de ‘A instância da Letra’ no inconsciente...” (LAURENT, 2002, p. 145)

---

<sup>2</sup> A temática da letra encontra-se mais desenvolvida nos recentes trabalhos de Ana Maria Portugal, Elisa Arreguy e Ram Mandil, todos teses de doutorado da Faculdade de Letras da UFMG. A publicação recente do Seminário *Le Sinthome* (2005, Seuil) coloca a letra como questão clínica na ordem do dia.

A leitura, então, apóia-se nesse duplo aspecto: primeiro, do significante como letra no texto “A instância da letra” e, depois, sua re-escritura nos anos 70, em “Lituraterra”, quando a letra se separa do significante e do simbólico. É certo que o escrito sobre “A carta roubada” participa das formulações sobre a letra, porém, aqui, dele reteremos apenas o que é expresso nas palavras de Ram Mandil, ao comentar a passagem do conto de Edgar Alain Poe, em que os policiais vasculham os aposentos do ministro que havia furtado a carta da Rainha e nada encontram por estarem presos a uma descrição prévia da mesma. Há uma dupla função da letra nesse texto de Lacan:

A passagem da função mensageira da carta para sua natureza de objeto, ou seja, a passagem de algo que se imaginava fixado a uma descrição prévia, ligado a um saber pré-inscrito, para algo destacável, manuseável transformável, não se faz, para Lacan, sem uma descontinuidade no saber articulado. (MANDIL, 2003, p. 49)

O que importa é ressaltar essa dupla vertente da carta/letra (em francês *lettre* é ao mesmo tempo *letra* e *carta*) no texto da “Carta roubada”, ou seja, a letra em sua dimensão de mensagem e a letra como objeto passível de ser revirada, manuseada e manipulada.

A identidade entre letra e significante, já indicada nesta introdução a partir da referência ao seminário das psicoses, determina a leitura do ponto de vista clínico do texto sobre “A instância da letra” e nos impele a interrogar os efeitos clínicos de tal formulação, que, como se sabe, fundamenta-se a partir da leitura que Lacan faz do *Curso de Lingüística Geral*, de Ferdinand de Saussure.

As manifestações clínicas estruturadas por Freud para dar conta do conceito de inconsciente, tais como os sonhos, serão retomados por Lacan à luz de alguns conceitos lingüísticos. O significante pensado sob o domínio da letra promove uma subversão na noção de signo de Saussure. No primeiro capítulo, ao seguirmos esse percurso de Lacan discutiremos o lugar da barra como resistente à significação e a maneira íntima como a letra

participa da metáfora e da metonímia. Esse trajeto é o próprio traçado do texto “A instância da letra” e será percorrido aqui com o objetivo de destacar um enlace entre leitura e escritura, permitindo, por exemplo, que o sonho possa apresentar um sentido que é efeito desse procedimento de leitura.

O segundo capítulo busca contrastar, a partir de “Lituraterra”, essa concepção de letra como significante. Nesse outro momento da elaboração lacaniana, a letra se separa do significante, produzindo outros efeitos clínicos, tais como a leitura da letra como *litoral*. E o que significa tomar a letra como litoral? Dando um estatuto completamente diferente ao conceito de letra, Lacan a toma com o elemento que, ao mesmo tempo, conjuga e separa campos heterogêneos. A demarcação desses campos manifesta-se em “Lituraterra” em uma metáfora visual: visto de cima, o litoral separa e conjuga o mar e a terra. Saber e gozo são campos distintos e o sentido é afetado: não se apresentará como um efeito imediato. A leitura estará em defasagem em relação à escritura.

No segundo capítulo a argumentação também será clínica, tendo em vista a obra do escritor francês Michel Leiris. (1901-1990). Expoente da literatura de vanguarda do século XX na França, Leiris hoje adquire reconhecimento como um clássico das letras na França. Sua vasta obra como escritor, poeta, ensaísta e etnólogo contém uma curiosa vertente autobiográfica, porém os seus textos autobiográficos não são escritos à maneira de um inventário de lembranças e recordações. O que Leiris busca com sua escrita é precisar os momentos em que a palavra produziu-lhe efeitos marcantes, tomando-a como um acontecimento fundante. Nesse capítulo, então, buscaremos ler o livro *Biffures*, onde, ao comentar alguns episódios da sua infância, Leiris nos introduz numa verdadeira “anamnese da própria linguagem, da inserção do sujeito na linguagem”. (MILLER, 1996, p. 98)

O método desse segundo capítulo é claro: não se trata de aplicação dos conceitos da psicanálise em uma obra literária, mas de ler no texto de Leiris a radicalidade da letra que o

instaura como sujeito. Como efeito dessa forma de investigação, pode-se reconhecer no relato de uma cena de sua mais tenra infância um escrito no nível de *lalíngua*. O objetivo de Leiris será então o de dissolver os códigos da linguagem usada por todos, empreendimento que o levará a construir em seu livro *Langage, Tangage ou Ce que les mots me disent* um léxico próprio, organizado pela assonância das palavras.

Como consequência lógica da formulação da letra como litoral, separando e conjugando saber e gozo, e a partir das reflexões oriundas da escritura de Michel Leiris, estudaremos no terceiro capítulo a reformulação da teoria da escrita e a invenção da noção de *lalíngua* como avanços essenciais da clínica lacaniana. Nesse capítulo, procederemos a uma investigação do conceito de *escrita* como aquilo que permite a Lacan conceber a escrita como passível de assimilar o gozo. Por outro lado, em consequência da separação entre letra e significante, há o estabelecimento da noção de *lalíngua*. Em francês a expressão é *la langue*, porém Lacan cria o neologismo unindo o artigo ao substantivo, resultando *lalangue*. *Lalíngua* sintetiza um rompimento com a lingüística estrutural, uma vez que ela é feita dos equívocos que uma língua permite. A linguagem tema principal da lingüística passa a ser considerada por Lacan como sendo uma elucubração de saber sobre *lalíngua*. *Lalíngua* não serve à comunicação e nem se presta à realização do sentido: palavra e gozo se conjugam – ela é excesso que inunda o sujeito e encontra-se localizada anterior à entrada deste no campo da linguagem.

No terceiro capítulo, portanto a investigação sobre a letra será realizada a partir de um ponto de vista teórico-conceitual. O percurso seguido será a leitura dos textos de Lacan, partindo de “Lituraterra” até o *Seminário XX*, principalmente os capítulos sobre “A função do Escrito” e “O Rato no Labirinto”.

A título de conclusão, discutiremos sobre os efeitos clínicos da noção de letra na clínica psicanalítica em cada um dos momentos aqui estudados. Ao abordarmos pontualmente

a letra, poderemos avaliá-la sobre a perspectiva antagônica que ela se revela nesses dois momentos da elaboração lacaniana. Na escritura de Michel Leiris, encontramos a escrita como rasura. A interrogação insistente desse escritor incide sobre o modo de apreender a palavra antes de saber ler e escrever. O projeto leirissiano é o da busca da palavra em seu estado bruto, ou seja, num ponto anterior à entrada na linguagem ordenada e lexicalizada. Uma questão clínica se apresenta em Leiris e interroga as formulações lacanianas sobre a letra a partir principalmente da dimensão da escrita na constituição do sujeito. Eis, portanto, o sinuoso trajeto da letra na clínica psicanalítica, que aqui buscamos traçar.

A originalidade de Freud, que desconcerta nossos sentimentos, mas por si só permite compreender o efeito de sua obra, é o recurso ao literal. É o sal da descoberta freudiana, da prática analítica.

*J. Lacan*

## **Capítulo 1**

### **O SIGNIFICANTE NO DOMÍNIO DA LETRA**

## O SIGNO EM SAUSSURE

Todo ato de leitura comporta uma estratégia. A leitura do texto “A instância da letra e a razão desde Freud” atende, neste trabalho, a uma estratégia precisa: a de promover e destacar, no texto lacaniano, a noção de *letra* em sua relação com a clínica psicanalítica. Nesse sentido, pode-se afirmar que, aí, o conceito de letra, numa abordagem clínica, é o do enlaçamento entre escritura e leitura. Assim, o objetivo desse primeiro capítulo é ler o texto “A instância da letra” a partir da hipótese de que o significante pensado no domínio da letra produz, como efeito, esse enlaçamento, o que por sua vez permite o trabalho de decifração das formações do inconsciente pelo analista.

Contudo, para avançarmos nesse propósito, é necessário a recapitulação do itinerário de Ferdinand de Saussure, em seu *Curso de Lingüística Geral*. Lacan estrutura uma leitura própria dos conceitos de Saussure e é fundamental observar como este último constrói o estatuto científico da lingüística, a partir da noção elementar de *signo lingüístico*. O *Curso de Lingüística Geral* foi pronunciado por Saussure de 1907 a 1911 e só foi publicado após sua morte. O que conhecemos como obra escrita se deve ao esforço de seus alunos, cujas notas ao longo do “Curso” permitiram a coletânea. Todo o esforço de Ferdinand de Saussure visa ao estabelecimento da lingüística como ciência: seu percurso vai da História da Lingüística, passando pelo estabelecimento de seu objeto, para finalmente chegar à noção de signo.

Inicialmente, no *Curso...*, Saussure investiga as fases sucessivas pelas quais passou a Lingüística até chegar ao “seu verdadeiro e único objeto” (SAUSSURE, 1972, p. 7). A primeira fase chamava-se *Gramática* e consistia num estudo inaugurado pelos gregos e seguido pelos franceses, que se baseava fundamentalmente na lógica. O objetivo da gramática é estabelecer regras para distinguir as formas corretas das incorretas, assim se constituindo em uma disciplina normativa. Na visão de Saussure, a gramática não contemplava a observação

empírica dos fenômenos da linguagem, condenando-a a operar apenas no aspecto normativo da linguagem e tornando-a uma disciplina estreita em relação ao vasto campo de investigação dos fenômenos lingüísticos.

Em seguida, Saussure discorre sobre a filologia, cujo objetivo é comentar e interpretar textos, levando-a a se ocupar da história literária e dos costumes, bem como das instituições. O método próprio da filologia é a crítica: as questões lingüísticas se apresentam de modo prático, na comparação de textos de diversas épocas, na língua utilizada pelo autor. Para Saussure, a filologia teve o mérito de preparar a lingüística histórica, porém pecou por um excessivo apego à língua escrita em detrimento da língua falada.<sup>1</sup>

Um terceiro período comentado por Saussure é o da “Gramática comparada”. Trata-se da comparação entre as diversas línguas, com o objetivo de apresentar-lhes uma origem comum. Nesse sentido, por exemplo, estudou-se as relações que unem o germânico, o grego e o latim ao sânscrito. Essa escola teve o mérito de instituir “que as relações entre as línguas afins podiam tornar-se matéria de uma ciência autônoma.” (SAUSSURE, 1972, p. 8). A Gramática Comparada abriu um campo novo e autônomo, porém não chegou a constituir uma verdadeira ciência da lingüística, pois nunca se preocupou em determinar o seu objeto de estudo, que permaneceu subsumido, segundo Saussure, num método excessivamente comparativo.

É na escola neogramática que Saussure percebe o germe daquilo que pode vir a ser uma lingüística científica. Esta escola teve o mérito de reconhecer na língua “não mais um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos lingüísticos.” (SAUSSURE, 1972, p. 12) Os neogramáticos não trataram a língua como uma entidade isolada, mas sim como existente a partir daqueles que a falam. Apesar dessa escola

---

<sup>1</sup> É interessante observar em Saussure a diferença entre *língua falada* e *língua escrita*. A língua escrita é secundária em relação à língua falada e Saussure chega a afirmar que “a escrita obscurece a visão da língua.” (SAUSSURE, 1972, p. 40)

ter produzido avanços em relação às fases anteriores da lingüística, ela não resolveu seus problemas fundamentais como ciência.

Saussure, no decorrer do *Curso...* estabelece a matéria da Lingüística:

A matéria da lingüística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a 'bela linguagem', mas todas as formas de expressão. (SAUSSURE, 1972, p. 13)

Dessa forma, ao definir a matéria da Lingüística em termos universais, Saussure começa a estabelecer suas bases científicas. A definição recai não só sobre a matéria da lingüística, mas também sobre sua tarefa. Saussure descreve três tarefas: reconstituir na medida do possível as línguas-mães de cada família de línguas; estabelecer as forças em jogo em cada língua de forma a deduzir leis gerais; e delimitar e definir a Lingüística como entidade própria. Propor matéria e tarefa da Lingüística é um ponto essencial, necessário, mas não suficiente do estabelecimento de um objeto de investigação científica.

Para Saussure, o campo da linguagem não pode se constituir em objeto da Lingüística. Ele é heteróclito e abre as portas para as abordagens anteriores, tais como a filologia e a gramática comparada. Se a linguagem é puramente o som e o sistema vocal que o emite, isto parcializa o objeto, ao desconsiderar outros aspectos da linguagem como sua evolução no tempo e a questão de sua origem. A solução proposta por Saussure será “colocar-se primeiramente no terreno da língua e torná-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (SAUSSURE, 1972, p. 16-17) Com este gesto, Saussure define o objeto da Lingüística.

A definição da língua como objeto se faz a partir da diferenciação desta em relação à linguagem. Em seu todo, a linguagem é indefinível e heteróclita. Ela pertence ao mesmo tempo a diferentes domínios como a física, a fisiologia e a psicologia, pertence ao domínio

social e individual e por isso é impossível classificá-la. Já a língua é por si só um princípio de classificação. Ela é uma parte da linguagem que não se confunde com ela: “É ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 1972, p. 17). Estrito senso, a *língua*, por definição não se confunde com a *linguagem* e apresenta-se como objeto autônomo de pesquisa e estudo da lingüística.

Ao definir a língua como objeto, o que interessa a Saussure é estabelecer um discernimento claro de seu campo de pesquisa. A língua é uma convenção – esse postulado organiza seu *topos* epistêmico. Nesse sentido, ele irá descartar uma pretensa origem natural da língua e ao mesmo tempo situar a questão do aparelho vocal como secundária, ou seja, não lhe interessa de forma alguma condicionar a língua como convenção ao aparelho vocal que a expressa. A língua se constrói automaticamente, assim, ela não se reduz a uma localização no cérebro, mas sim a uma faculdade geral que comanda os signos e que seria a faculdade lingüística por excelência.

Curiosamente, ao formular o lugar da língua nos fatos de linguagem, Saussure faz uso de um esquema de comunicação entre duas pessoas, estabelecendo um circuito em que ao partir do cérebro de uma pessoa A, os conceitos se unem a imagens acústicas a fim de exprimir os signos para a pessoa B. A pessoa B, inversamente, recebe as imagens acústicas e as associa em seu cérebro a um conceito correspondente. Saussure define esse fenômeno como “puramente psíquico”, seguido por um “processo fisiológico” que é o ato do cérebro de transmitir aos órgãos de formação um estímulo correlativo da imagem acústica, que resultará nas ondas que se propagam da boca de A ao ouvido de B, sendo este processo “físico”.

Em todos os seres humanos ligados pela linguagem, haverá uma união entre os signos que se articulam aos mesmos conceitos. Mas não se trata numa língua de signos isolados, e

sim organizados em um sistema que não responde apenas pelo seu caráter individual, mas por sua manifestação como fato social.

A origem da língua como fato social remete às faculdades coordenativas e receptoras nos indivíduos falantes, formadas por marcas comuns a todos. É um tesouro disponível e que se deposita pela prática de todos os falantes, pertencendo, assim, a uma mesma comunidade. Para Saussure, a língua não está completa em nenhum indivíduo, “mas na massa ela existe de modo completo.” (SAUSSURE, 1972, p. 21)

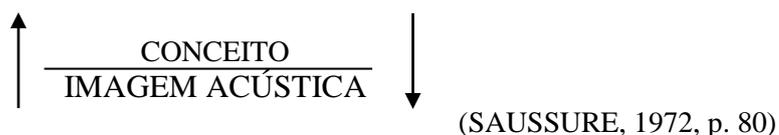
Nesse momento, Saussure procede a uma diferenciação essencial entre língua e fala. A primeira é social e não depende do falante. A segunda é individual e depende da vontade do falante. O objeto da lingüística define-se, então, pela língua, a ponto de Saussure cunhar a expressão “lingüística da língua”. A língua, o social, é o essencial no estudo da lingüística. Ela não é uma função do falante e “o indivíduo a registra passivamente”. (SAUSSURE, 1972, p. 22)

Recapitulando o *Curso...*, a *linguagem* é heteróclita e não pode ser estudada. Ela é inclassificável. A *língua* é homogênea e classificável, é a parte social da linguagem. A língua é exterior ao falante. A fala é um ato individual e que depende da vontade do indivíduo. A língua não é uma abstração, ela é concreta, o que oferece uma vantagem para o seu estudo. Ela se define por uma unidade básica, o *signo lingüístico*, que é “a união do sentido e da imagem acústica [...]” (SAUSSURE, 1972, p. 23). Portanto, a definição da língua como objeto da lingüística implica necessariamente a definição de signo lingüístico: “A língua é um sistema de signos que exprimem idéias [...]” (SAUSSURE, 1972, p. 24).

A noção de signo lingüístico é essencial no estabelecimento de uma ciência da linguagem. Definida a língua como objeto a lingüística conceitua o signo como a unidade básica e elementar desse sistema. A fala está associada ao individual e ao voluntário; a língua existe na coletividade. Saussure empreende uma bifurcação de tal forma que será possível

distinguir uma “lingüística da fala” de uma “lingüística da língua”. A lingüística em sua essência é *Lingüística da língua*.

A unidade lingüística, o signo, “é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos”. (SAUSSURE, 1972, p. 79). Ele por definição, conjuga não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. O que isto quer dizer? Para Saussure, a imagem acústica, que é por natureza psíquica, não está na fala. Como exemplo, ele cita a possibilidade de realizarmos mentalmente, sem movimentar os lábios, o recitar de um poema, fato que comprova o teor da imagem acústica como representação natural da palavra, como indício de uma língua virtual fora da fala. Já o conceito é menos material e mais abstrato. Figurativamente, o signo lingüístico é representado da seguinte forma por Saussure:



O esquema apresentado por Saussure define a união entre conceito e imagem acústica e a interdependência entre eles. O signo, portanto, será definido como “a combinação do conceito e da imagem acústica [...]” (SAUSSURE, 1972, p. 81). Numa depuração ainda mais rigorosa e para evitar possíveis ambigüidades, Saussure retomará a questão da seguinte forma: a unidade denomina-se *signo* e designa o total, o conceito será substituído por *significado* e a imagem acústica será designada pelo termo *significante*. O signo lingüístico, por definição, une um significado a um significante.

Duas características a partir dessa definição de signo lingüístico são estabelecidas: primeiro a arbitrariedade do signo e depois o caráter linear do significante. O princípio da arbitrariedade do signo é definido da seguinte forma por Saussure: “O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total

resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário.” (SAUSSURE, 1972, p. 81)

Como exemplo, Saussure cita a palavra *mar*. Sua idéia não está ligada à seqüência dos sons m-a-r que lhe serve de significante. No signo, a vinculação entre o significado e o significante é arbitrária. O que o termo arbitrário indica é uma não correspondência natural entre um significante e um significado. Esse fato não depende de uma livre escolha de quem fala, não cabe ao falante intervir no signo. O significante é “imotivado” com relação ao significado, ou seja, são as próprias leis da língua, independente de cada um de nós, que confere um estatuto arbitrário ao signo.

Outro princípio que rege o signo é o do caráter linear do significante. O significante é de natureza auditiva e se desenvolve no tempo. Duas características se desdobram desse fato: o significante representa uma extensão, que é mensurável como uma linha. O que estas duas características revelam é a propriedade do significante acústico de se organizar em uma sucessão na linha do tempo, um após o outro. Seus elementos formam uma cadeia. A apreensão do significante é representada do ponto de vista gráfico, por exemplo, na escrita, por uma cadeia linear horizontal. A arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante são, portanto, princípios indissolúveis do signo lingüístico.

O som e a idéia são como o verso e o anverso de uma folha de papel, ou seja, não se pode cortar um sem necessariamente cortar o outro. O trabalho da Lingüística realiza-se nesse limite, na combinação dessas formas. O aspecto formal será sublinhado por Saussure, pois não se trata de uma combinação que produz uma substância, mas sim de uma combinação que produz o signo lingüístico como puramente formal. Esse ponto é crucial, pois ao introduzir o signo como forma e não como substância, Saussure lhe dá estatuto algorítmico – o algoritmo, pensado como forma pura, sem qualidade e sentido, elemento de cálculo tal como nas fórmulas literais da ciência física.

A língua em Saussure passa então a ser definida como um sistema de valores puros. Essa definição acarreta outra que é a da língua como uma álgebra na qual há a presença das oposições lingüísticas, verificáveis em termos daquilo que Saussure define como “valor lingüístico”.

“A noção de identidade se confunde com a de valor” (SAUSSURE, 1972, p. 128). Esse postulado de Saussure, ao aproximar valor e identidade, esclarece a noção de valor lingüístico. O valor do significante é ser o que os outros não são, ou seja, o valor é definido negativamente. Um significante diferencia-se em relação a outros significantes de outros signos como uma pura diferença, estabelecida num eixo horizontal, pois num signo, “toda diferença de idéias busca exprimir-se por significantes distintos. ” (SAUSSURE, 1972, p. 140). Pode-se perceber, ainda de forma velada, uma certa prevalência do significante em Saussure.

O *Curso...* apresenta a partir da noção de valor lingüístico a seguinte interrogação: valor e significação são sinônimos? A resposta de Saussure é negativa, uma vez que esta definição implicaria tomar a língua como simples nomenclatura. O valor constitui um elemento da significação, porém a definição de *significação* reside na relação vertical entre significado e significante. A combinação desses dois termos é descrita considerando o signo em sua totalidade: “um domínio fechado e existente por si só. ” (SAUSSURE, 1972, p. 133).

Se numa língua, considerados separadamente, significante e significado diferenciam-se por seu valor com outros signos da mesma língua negativamente, ao combinar-se entre si, constituindo uma unidade na vertical, esta unidade é positiva. Graficamente, o signo será representado dessa forma:



## SIGNIFICANTE

(SAUSSURE, 1972, p. 133)

Há paralelismo entre significado e significante e a significação constitui-se na relação positiva entre os dois termos da unidade denominada *signo lingüístico*. Na unidade, há oposições que não se diferenciam, mas se complementam para designar uma significação.

A partir dessas observações, Saussure conclui que na “língua só existem diferenças” (SAUSSURE, 1972, p. 139). A língua é um sistema puramente diferencial. Seus elementos diferenciam-se não em termos positivos, pré-estabelecidos, mas em puras diferenças conceituais e puras diferenças significantes. Essas formulações se devem ao esforço de Ferdinand Saussure, em seu projeto, de estabelecer a lingüística como ciência.

A introdução desses conceitos torna-se necessária para uma apreensão do projeto de Lacan em seu retorno a Freud. Ele se vale de Saussure para pensar o campo e a função da fala em relação ao inconsciente. Para tanto, é interessante indicar a carta 79 de Freud a Fliess, onde o primeiro fala de “memória verbal” e “conceito”. A carta 79 data de dezembro de 1897, portanto, bem anterior ao *Curso*.... Não escaparam a Lacan as sutilezas lingüísticas de Freud. A teoria saussuriana, nesse sentido, vem de encontro à leitura lacaniana do texto freudiano. É o que se pode observar principalmente nos textos de Lacan dos anos 50 a 60 e certamente em “A instância da letra.”

### **A SUBVERSÃO DO SIGNO EM SAUSSURE: O ALGORITMO LACANIANO**

Como ler um texto como “A instância da letra no inconsciente e a razão desde Freud”? Será um texto puramente teórico? Não. Ele é um escrito clínico, afirma-se como uma

consistente reflexão sobre a clínica psicanalítica. A sua leitura leva-nos a ressaltar duas funções clínicas da letra nesse momento do ensino de Lacan.

A primeira função é a da letra como o conceito que permite a Lacan subverter o signo lingüístico de Saussure. Essa operação manifesta-se a partir da separação entre significante e significado, como nos indica Jacques Alain-Miller: “[Lacan] chama a letra o significante despojado de qualquer valor de significação e localizado na materialidade que nos é presentificada pelo caráter de imprensa.” (MILLER, 1976, p. 97)

A letra, segundo essa definição, marca um *domínio do significante*, em que se encontra separado do significado. Esse traço marca a subversão do gesto lacaniano: a barra no signo de Saussure era permeável e articulava significante e significado; já Lacan formula a barra como aquilo que *faz resistência à significação* e não mais articula os dois termos do signo. O significante como letra encontra-se esvaziado da significação.

A segunda intervenção clínica decorre da primeira e está assinalada por haver uma instância da letra no inconsciente. Na segunda parte do texto, Lacan formaliza o inconsciente como *escritura* e a sua escuta na clínica como *leitura*. Essa operação só é possível por haver uma instância da letra no inconsciente:

Se o sonho foi lido como texto, isso se deve ao passo freudiano, que supõe uma instância da letra no inconsciente. A escrita tem na barra seu suporte que, longe de introduzir uma proporção nem constituir uma fração, opera como borda real entre significante e significado. (VIDAL, 2004, p. 14)

Dois movimentos interpenetram-se: o significante como letra, separado da significação, e o estatuto da letra no inconsciente, que permite um enlace entre *escritura* e *leitura*. Portanto, propomos, em primeiro lugar, acompanhar no texto de Lacan como se efetuam essas duas vertentes clínicas da letra.

A primeira parte de “A instância da letra” chama-se “O sentido da letra”. Lacan inicia-a da seguinte maneira:

Nosso título deixa claro que, para além dessa fala é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente. Pondo desde logo o espírito prevenido em alerta, porquanto é possível que ele tenha de reavaliar a idéia segundo a qual o inconsciente é apenas a sede dos instintos. (LACAN, 1998 [1957], p. 498)

Essa abertura assinala dois pontos importantes. A fala, que é um meio de acesso para a manifestação do inconsciente, possui um “para-além”, que se apresenta na forma de um *inconsciente estruturado como uma linguagem*. Se num texto anterior como “Função e Campo da Fala e da Linguagem” (1953), a fala presentificava uma dialética de reconhecimento, agora o que determina a fala na experiência analítica é o inconsciente como uma estrutura de linguagem. O segundo ponto, decorrente do primeiro, é romper com a idéia dominante pós-Freud de um inconsciente substancial, sede dos instintos.

O texto “A instância da letra”, proferido como palestra no anfiteatro Descartes, na Sobornne, teve como alvo o grupo de Filosofia da Federação dos Estudantes de Letras – portanto, um público universitário. A conferência se realizou em 9 de maio de 1957 e a redação do texto para a publicação do volume 3 de *La Psychanalyse* ocorreu entre 14 e 16 de maio de 1957.

Esse contexto histórico, acrescido do trecho de abertura citado acima, informa-nos sobre um triplo endereçamento deste texto.<sup>2</sup> Primeiro, dirigido aos universitários que convidaram Lacan e aos quais o título do artigo “presta homenagem”. Segundo, dirigido à ciência, daí a referência explícita à lingüística. Por fim, é um texto dirigido aos analistas e à

---

<sup>2</sup> A afirmação de que “A instância da letra” possui um triplo endereçamento está indicada na instigante leitura desse mesmo texto, realizada por J. L. Nancy e P. Lacoue-Labarthe em *O título da Letra* (1991. Ed. Escuta).

sua formação, e sustenta o esforço de romper com qualquer conceito de inconsciente substancial, como, por exemplo, a idéia do inconsciente como “sede dos instintos”.

O que se destaca como projeto enunciado nesse texto a partir desse triplo endereçamento é reafirmar a primazia da fala e sua sobredeterminação simbólica. Porém um elemento novo se acrescenta à pesquisa lacaniana: tomar o inconsciente estruturado como linguagem. Tal como o empreendimento saussuriano de estabelecer o objeto da lingüística e a partir daí enunciar as leis que o regem, o gesto lacaniano ao tomar o inconsciente estruturado como linguagem, implica o estabelecimento de suas leis reguladoras.

Antes de pesquisarmos essas leis que regem o funcionamento do inconsciente, avaliaremos a seguinte definição de letra: “Designamos por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem.” (LACAN, 1998 [1957], p. 498). Uma definição como essa reforça o aspecto material da linguagem. O objetivo explícito de Lacan é o de cernir a materialidade do inconsciente: a materialidade do significante tomado como *letra*, a letra ao pé da letra.

O discurso concreto é o discurso do falante, do sujeito falante submetido à ordem da linguagem. Um pouco mais adiante no texto, Lacan precisará que a estrutura da linguagem “preexiste à entrada de cada sujeito”, ou seja, no seu desenvolvimento e em sua evolução é a linguagem como estrutura que o determina. Esse aspecto da estrutura da linguagem encontrará na terceira parte de “A instância da letra” a sua derradeira formulação a partir da idéia do outro, do grande Outro como alteridade radical, lugar da verdade, índice do aparecimento da linguagem: “[...] o inconsciente é o discurso do Outro [...]”<sup>3</sup> (LACAN, 1998 [1957], p. 529).

A letra é, portanto, suporte material – o privilégio é da forma e não do conteúdo. Conduzir a letra à um suporte material é fazê-la participar da estrutura da linguagem. O passo

---

<sup>3</sup> É interessante notar na Carta 52 de Freud à Fliess a referência a esse lugar do Outro. Ao final da Carta, Freud menciona “uma outra pessoa pré-histórica, inesquecível” (das Anderes), que é alvo dos ataques de choro e vertigem do paciente histérico. O Outro da carta 52 aproxima-se do conceito de grande Outro em Lacan.

de Lacan será, então, o de tomar o fenômeno analítico estruturado como linguagem: “Todo fenômeno analítico, todo fenômeno que participa do campo analítico, da descoberta analítica, daquilo com que lidamos no sintoma e na neurose é estruturado como linguagem.” (LACAN, 1985 [1956], p. 192).

As descobertas da lingüística interessam a Lacan à medida que revelam as relações do homem com a linguagem. Linguagem que se demonstra como estrutura e no qual o fenômeno analítico se encontra determinado por essa mesma estrutura. Neste sentido, Lacan sempre sustentará que a linguagem é a condição do inconsciente.

Cumpramos agora seguirmos na leitura lacaniana do signo saussuriano. Lacan reconhece o estatuto científico da lingüística dizendo ter esta conquistado, através de Saussure, o seu objeto científico. Ele destaca que a lingüística instituiu o seu objeto e foi mais além, como toda ciência moderna ela se funda por um algoritmo. Na página 500 dos *Escritos* Lacan apresenta o seguinte algoritmo:

$$\frac{S}{s}$$

“que se lê: significante sobre significado, correspondendo o sobre: a barra que separa as duas etapas” (LACAN, 1998 [1997], p. 500).

Aqui se observa no texto uma total subversão do signo de Saussure. Primeiro, em Saussure, o significado está sobre a barra e não abaixo. Segundo, Lacan retirou as flechas que indicavam um duplo movimento, e, por fim, a elipse que correspondia à ligação entre significante e significado conferindo ao signo seu caráter de unidade. Lacan descreve a barra como aquilo que separa as duas etapas. Com este gesto, Lacan promove uma verdadeira ruptura no campo da lingüística: “Romper a equivalência entre significante e significado é uma operação decisiva.” (RITVO, 2000, p. 12)

Ao separar o significante do significado, Lacan rompe a relação entre som e sentido, ele emperra a engrenagem da lingüística, formula em seus próprios termos com esse rompimento algo “que vai muito além do debate relativo à arbitrariedade do signo [...]” (LACAN, 1998 [1957], p. 500). Não se trata de dizer, como Saussure, que a significação se obtém de uma relação arbitrária, mas sim que a língua é insuficiente para recobrir o campo do significado e que a “significação não se sustenta a não ser pela remissão a outra significação” (LACAN, 1998 [1957], p. 501). O objeto da lingüística, isto é, a língua define-se por sua insuficiência para significar na leitura proposta por Lacan.

Lacan, então, refunda a lingüística. O significante agora encontra-se em “posição primordial”. Significante e significado são, a partir de agora, ordens distintas separadas por uma “barreira resistente à significação.” (LACAN, 1998 [1957], p. 500). O surgimento de uma barra resistente à significação, separando significado e significante, guarda uma estreita relação com a letra: “O que é primordial (e fundador) é, de fato, a barra. O corte por meio do qual é instaurada a ciência da letra nada mais é, afinal, que o corte introduzido (ou pelo menos acentuado) no signo” (NANCY, LABARTHE, 1991, p. 44)

O signo saussuriano é alterado e subvertido. Lacan funda uma *lingüística sem signo*. Pode-se, assim, entender a afirmação de Jacques Alain-Miller, de que o significante despojado da significação é letra. O rompimento da equivalência entre significante e significado permite a Lacan formalizar o primeiro como algo articulado e submetido “à dupla condição de se reduzirem a elementos diferenciais últimos e de se comporem segundo as leis de uma ordem fechada.” (LACAN, 1998 [1957], p. 504).

O significante define-se por um sistema de fonemas, sendo estes últimos um sistema de letras, tal como os caracteres móveis que se imprimem em caixa baixa. Portanto, a “essência localizada do significante” está em tomar o fonema como letra.

A descoberta de Lacan, resultante das mudanças operadas no signo lingüístico, é expressa dessa forma por Miller: “[Lacan] Descobre antes de mais nada o gramma (letra, escritura) na fonia.” (MILLER, 1996, p. 96) É nesse sentido que se pode dizer de um enlace entre escritura e leitura, operado pela letra, pois tanto os elementos da fala quanto os elementos da escrita articulam-se num manejo de letras que produz o sentido como efeito.

Uma vez realizada a vinculação entre letra e significante e sua conseqüente relação com o sentido, cabe agora a Lacan avaliar algumas manifestações clínicas que demonstram esse fato. É certo que, para Lacan e também para Saussure, o significante apresenta-se topologicamente como uma cadeia significante. Porém, se o significante é representado na cadeia numa linearidade horizontal, por outro lado ele sempre se antecipa ao sentido. É o que demonstra Lacan no exemplo da frase interrompida, fenômeno ligado a alucinação verbal psicótica. A frase se interrompe antes que o significado ocorra: “No nível da frase, quando ela é interrompida antes do termo significativo: Eu nunca..., A verdade é que..., talvez..., também...” (LACAN, 1998 [1957], p. 505).

O que ocorre nesses fenômenos é que um sentido se apresenta, porém a interrupção, este basta, demarca um sentido opressivo que coloca o sujeito em uma espera. É o que se observa no quadro de perplexidade do psicótico.

A cadeia é onde o sentido insiste, mas nenhum dos seus elementos consiste na significação. Esse fato implica uma não fixação do sentido na cadeia, uma vez que há por um lado antecipação do significante em relação ao sentido e por outro lado “um deslizamento incessante do significado sob o significante.” (LACAN, 1998 [1957], p. 506).

Lacan acrescenta uma outra manifestação clínica que se contrapõe às especulações de Saussure: o deslizamento incessante do significado sob o significante, que Lacan remonta à imagem saussuriana dos reinos flutuantes, contradiz a experiência clínica lacaniana. Para provar isso Lacan cita o que ele próprio havia desenvolvido anos antes em seu seminário

sobre as psicoses. Fala do “ponto de basta”, quando uma dimensão vertical é introduzida no discurso. Nesse sentido, o significante interrompe o deslizamento do significado e o sentido se produz não por uma antecipação, mas por uma ancoragem, uma pontuação realizada em última instância pela letra, “[...] a dominância da letra na transformação dramática que o diálogo pode operar no sujeito.” (LACAN, 1998 [1957], p. 139).

Essa observação é essencial por dois motivos. O primeiro é que estabelece a primazia do significante no eixo horizontal e vertical, concedendo ao sentido uma posição de efeito. O sentido só aparece como um efeito da combinatória significante. Segundo, ao demarcar uma “dominância” da letra, Lacan a toma aqui como um eficaz instrumento no trabalho analítico. Contra todo o entulho ideológico pós-freudiano, uma análise transcorre ancorada no viés da letra como pontuação, como edição de um texto e não como foi pensado pelo pós-freudismo, por uma profusão incessante de sentido. A letra pontua e escande o discurso do analisante e essa é a operação advinda da experiência da clínica lacaniana.

O pós-freudismo institui uma clínica do sentido. Como exemplo, pode-se citar a prática clínica da psicanalista Melanie Klein (1882-1960). Num caso clínico relatado por ela, o caso John, as associações do paciente, uma criança, são interpretadas pela analista a partir de uma equivalência imaginária entre significante e significado. A partir da palavra gelo por exemplo, John produz suas associações durante a sessão, por fim ele toma um lápis amarelo dentre outros que estão a sua disposição: e, com ele, começa a fazer orifícios num pedaço de papel. A interpretação de Melanie Klein será a de ler o lápis amarelo como o sol, que ao mesmo tempo simbolizava o pênis e a urina. O que se pode observar nesse pequeno fragmento clínico é a determinação, na orientação das interpretações da analista, de um forte simbolismo sexual ancorado na idéia de uma representação que produz uma equivalência. A cor amarela é ao mesmo tempo sol, urina e pênis.

A prática clínica de Lacan, pelo advento da letra, introduz a noção de significância. Não se trata de estabelecer relações de equivalência entre significante e significado. Numa análise, a escuta do analista opera a partir da significância e não do sentido. A letra, ou melhor, o caráter literal do significante promove o sentido como efeito e destaca a noção de significância como oposta ao semântico: “[...] há tanto mais significância quando há menos semantismo. Há tanto mais significância que o significante funcione como uma letra, separado de seu valor de significação.” (MILLER, 1996, p. 98)

Uma clínica psicanalítica, orientada pelo sentido, tal como o kleinismo, leva necessariamente a impasses imaginários que resultam em conseqüências clínicas desastrosas. Estabelece-se, a partir deste tipo de orientação clínica, um modo de interpretar ancorado no sentido: “[...] o que parece mais determinante na orientação das interpretações é uma concepção extremamente original do simbolismo sexual, em função de um geneticismo das fantasias. Nesse ponto Melanie Klein desvia-se de Sigmund Freud de forma radical.” (SANTIAGO, A. L., 2005, p. 97) A interpretação kleiniana desvitaliza a riqueza da interpretação freudiana ao desconhecer a potência da palavra e as sutilezas semânticas da linguagem. Em relação à transferência por exemplo uma clínica fundamentada no sentido estabelece uma relação dual entre analista e analisante. O que resulta de mais grave nessa prática é uma identificação entre analista e analisante. Ao contrário, a transferência em Lacan não é pensada no registro do imaginário, há entre o sujeito e o analista o campo do Outro. A sujeição ao campo do Outro impõe limites ao semantismo da interpretação e resulta que a interpretação não esteja aberta a todos os sentidos.

Esses recortes clínicos demonstram que o gesto de Lacan, ao subverter o signo lingüístico, faz-se a partir de uma experiência do campo da clínica psicanalítica. Mas se ele subverte o signo, isso não implica uma ruptura com o campo da ciência lingüística. Lacan

continuará, de certo modo, vinculado aos pressupostos científicos desta. A ruptura só ocorrerá muitos anos depois.

O algoritmo lacaniano é, então, a subversão do signo lingüístico operado a partir da vinculação entre significante e letra. O signo destituído de suas características principais torna-se inoperante na sua função representativa, ou seja, em sua função de significação. Fazer com que o signo torne-se inoperante atende, em Lacan, ao seu projeto de rechaçar o positivismo lógico:

Pois, mesmo ao se reduzir a esta última fórmula [significante e significado como representando um ao outro], a heresia é a mesma. É ela que conduz o positivismo lógico à busca do sentido do sentido, do meaning of meaning, tal como se denomina, na língua em que se agitam os seus devotos, o objetivo. Donde se constata que o texto mais carregado de sentido desfaz-se, nessa análise, em bagatelas insignificantes, só resistindo a ela os algoritmos matemáticos, os quais como seria de esperar, são sem sentido algum. (LACAN, 1998 [1957], p. 501)

A heresia da letra consiste em por o sentido de lado. O algoritmo matemático, ao se definir por não ter sentido, aproxima-se da formalização da psicanálise em sua busca por uma escritura, por um texto onde o sentido não se estabeleça imediatamente.

Qual seria o papel da letra/significante como significância e que rechaça o sentido para a posição de efeito? Lacan demonstrará isso de modo lógico, ao relacionar as operações de condensação e deslocamento, aquilo que Freud designa como trabalho do sonho, às figuras respectivas da metáfora e da metonímia. A letra/significante participa intimamente nesses dois processos. Curiosamente, os exemplos citados por Lacan em “A instância da letra” para demonstrar a metáfora e a metonímia são retirados respectivamente de um dicionário e de uma gramática infantil.

Lacan exemplifica a metonímia pela expressão “trinta velas”. Ela é “a parte tomada pelo todo”, pois essa expressão alude a uma frota de navios. Na metonímia, teríamos a ligação do navio com a vela, a palavra em palavra, a conexão como a base da operação metonímica.

A metáfora é ilustrada por um verso do escritor francês Victor Hugo, que Lacan encontra no dicionário Quillet. O verso mencionado por Lacan é o seguinte: “Seu feixe não era avaro, nem odioso.” O que é destacado por Lacan nesse verso é o mecanismo da metáfora, que consiste em substituir um significante por outro. No verso acima citado, o nome próprio Booz é substituído por feixe e a fórmula da metáfora seria a de substituir uma palavra por outra.

A apropriação lacaniana dessas duas figuras da retórica tem como objetivo demonstrar a estrutura da linguagem nos mecanismos inconscientes descritos por Freud. Lacan se empenha, seguindo o texto de Freud, em construir uma abordagem lógica dos fenômenos do inconsciente. É necessário, para isso, um retorno a Freud para extrair daí uma verdade. A verdade cortante de Freud é que há letra no inconsciente e a partir disso o analista terá de escutar nas entrelinhas da fala do analisante o inconsciente determinado em seu ponto de significante/letra.<sup>4</sup>

## “A LETRA NO INCONSCIENTE”: ESCRITURA E LEITURA

---

<sup>4</sup> A referência de Lacan à obra de Léo Strauss é interessante nesse momento do texto “A instância da letra”. Léo Strauss é um teórico do campo da filosofia política. Sua obra *Perseguição e a arte de escrever* é um manual de regras de escrita cujo objetivo é ensinar a escrever nas entrelinhas. Esse modo de escrever impõe-se em momentos de perseguição política, como forma de velar o sentido real do texto. Assim, apenas uns poucos poderiam ler o sentido ali dissimulado. O inconsciente requer uma leitura que se realiza também nas entre-linhas.

O percurso de Lacan foi o de separar, no signo lingüístico, o significado do significante. Qual é o efeito imediato dessa separação? É possível avaliá-lo a partir do momento em que o inconsciente pode ser tomado no nível da escritura:

Se a letra é o significante separado do significado, a escritura encontra-se neste nível. É levemente uma interpretação que faço. A segunda parte de “A instância da letra”, intitulada a “Letra no inconsciente”, demonstra o inconsciente estruturado como uma linguagem. Qual o viés? Demonstrando exatamente que quando se trata do inconsciente estamos na escritura. (MILLER, 1996, p. 98)

A demonstração do inconsciente como escritura realiza-se no texto “A instância da letra” a partir da abordagem lacaniana de “A interpretação dos Sonhos”, de Freud. É desse escrito que Lacan fará a extração da noção do inconsciente como escritura: “[...] na Ciência dos Sonhos, trata-se apenas, em todas as páginas, daquilo a que chamamos a letra no discurso, em sua textura, seus empregos e sua imanência na matéria em causa.” (LACAN, 1998 [1957], p. 513)

A descoberta freudiana aponta o sonho como a via régia do inconsciente. A leitura de Lacan dessa obra de Freud apreende a letra no discurso, que, como vimos, está subordinada ao significante e ao mesmo tempo confere a este último um modo de funcionar separado do significado. A letra apresenta-se, então, como caráter tipográfico. Ao se combinar com outras letras num dado sistema é que se pode falar de um efeito de sentido.

A expressão *a letra no discurso* indica duas propriedades. A letra conjuga na fala os mesmos elementos presentes na escrita, ou seja, é possível estabelecer, tanto na fala quanto na escrita, uma combinação de letras que interfere no sentido. Pode-se tomar como exemplo o relato de um sonho por um paciente. A fala do mesmo possui uma estrutura literante, o mesmo que permite, por exemplo, a Freud tomar o sonho como um rébus, ou seja, a

mensagem no sonho não é recolhida por seu aspecto pictográfico e sim por seu valor de letra. Tanto o sonho como o seu relato apresentam-se formalmente como uma escritura.

Outra propriedade da letra no discurso é a aproximação entre inconsciente e sujeito. A letra no inconsciente possibilita também essa outra leitura, a de que o remanejamento de elementos mínimos e fonemáticos produzem, como efeito da letra/significante, o *sujeito*. São essas duas propriedades que recolheremos no texto de Lacan a partir de agora.

Lacan desculpa-se por estar soletrando “A Interpretação dos Sonhos”. Trata-se realmente de *só letrar*, pois “A instância da letra” é construída na perspectiva de enlaçar escritura e leitura: “Toda a ‘instância da letra’ enlaça a escritura e a leitura, uma leitura que é decifração, uma vez que o significado pode ser reencontrado, lido, saber interpretar, supondo-se então que há estrutura da linguagem.” (MILLER, 1996, p. 98)

O enlaçamento entre escritura e leitura pressupõe a idéia de um sentido aprisionado. É preciso que o analista saiba ler o sentido oculto, reencontrá-lo. Lacan aborda o rébus freudiano nessa perspectiva. Ler o sonho é tomá-lo ao pé da letra, pois, por mais absurdo que ele se apresente, é decifrável, e seu deciframento requer o estabelecimento das leis que regem a sua formação, possuidoras de uma lógica própria que é regulada pelo funcionamento do significante/letra. Ler o sonho implica, então, a sua apreensão como significante, e não como símbolo, a ponto do rébus ser constituído por figuras e poder ser lido como uma frase em que cada figura pode corresponder a uma letra ou sílaba.

O que seria ler o sonho como símbolo? Seria ler através de categorias pré-estabelecidas, uma leitura na qual há correspondência e representação. A leitura do sonho a partir dos símbolos incide, como já foi demonstrado neste capítulo a partir do caso John de Melanie Klein, num simbolismo sexual que produz graves desvios técnicos e éticos no tratamento. Uma leitura desta natureza contradiz em todos os seus pontos o gesto lacaniano da subversão do signo lingüístico.

Em Lacan, percebe-se um outro estatuto da leitura. Ao postular uma instância da letra no inconsciente, ele reconhece uma escritura no sonho que funciona como uma língua perdida e que necessita ser reconstruída a partir de um arranjo de letras, o que demonstra o símbolo em sua função de sobredeterminação. O simbólico apresenta-se sobredeterminado e tanto o sonho quanto o inconsciente revelam-se estruturados como uma linguagem. Essa condição do inconsciente possibilita a Lacan tomar as imagens do sonho por seu valor significante, já que elas não têm nada a ver com a significação e o exemplo dos hieróglifos, marcante no texto freudiano, ganha a seguinte interpretação de Lacan:

[Freud] recorre aos hieróglifos do Egito, onde seria ridículo deduzir da frequência do abutre, que é aleph ou do pintinho que é um vou para assinalar uma forma do verbo ser e também os plurais, que o texto concerne minimamente a esses espécimes ornitológicos.” (LACAN, 1998 [1957], p. 514)

Para Lacan, pouco importa a imagem do abutre, pois ele é um aleph, uma letra e é assim que ele deve ser lido. O hieróglifo, ao ser tomado pelo seu valor significante e como letra, consiste numa prova de que Freud está no terreno da escrita. Portanto, na leitura de Lacan, Freud decifra – é o que ele vai nos demonstrar descrevendo os mecanismos do trabalho do sonho em Freud.

Lacan enfatiza primeiramente a *Entstellung*, que Freud define como *transposição*. Para Lacan, a *Entstellung* é o deslizamento do significado sob o significante no discurso. A leitura lacaniana ainda formaliza os conceitos freudianos da *Verdichtung*, a condensação como metáfora, e a *Verschiebung*, o deslocamento como metonímia.

As leis que regem a composição e a formação dos sonhos são as mesmas presentes no discurso, assim, tanto o sonho como o discurso do falante são regidos pelas leis do significante. Nesse sentido, é possível à Lacan formalizar a metáfora e a metonímia de um modo lógico-matemático. A tópica do inconsciente se algoritmiza na seguinte fórmula: S/s,

que é o seu algoritmo mais elementar. Lacan, a partir dessa fórmula mínima, passa a transcrever a fórmula da metáfora e da metonímia.

A estrutura metonímica, que é a conexão de um significante a outro significante, será escrita da seguinte forma por Lacan:

$$f(s \dots s') \cong S(-)s \text{ (LACAN, 1998 [1957], p. 519)}$$

Um significante conecta-se a outro significante e há supressão do sentido. O sinal (-) indica a manutenção da barra e uma significância (aqui o S'), que estará latente. O significante instala a "falta do ser", que incide no reenvio contínuo a outros significantes. Na metonímia, há uma relação do desejo com a falta que o estrutura. O desejo entendido como um movimento metonímico está submetido ao deslizamento contínuo da metonímia em que um sentido foi recalcado.

Lacan escreve a fórmula da metáfora:

$$f(s'/s)s \cong S(+)s \text{ (LACAN, 1998 [1957], p. 519)}$$

Há substituição de um significante por outro significante e isso produz um efeito de significação demonstrado pelo sinal (+). Na metáfora, há transposição da barra. Realiza-se uma passagem do significante para o significado e o efeito dessa passagem é o sujeito.

A letra participa de modo íntimo nessas duas fórmulas literais, apresentando-se como operador lógico. A letra/significante participa na metáfora quando um significante entra no lugar de outro significante, localizado acima da barra, e realizando a transposição de um limite. Na metonímia, a letra/significante não transpõe a barra e há conexão com outro significante e o sentido fica recalcado. A participação da letra nessas fórmulas estende-se nos efeitos produzidos: na metáfora, o sujeito; na metonímia, o desejo.

Essas fórmulas e seus efeitos são essenciais à tópica do inconsciente. Lacan realiza a partir daí uma dupla dessubstancialização: ambas as fórmulas são puramente literais e, como tais, sem substância, são inscrições sem sentido algum, assim como seus efeitos. O sujeito

como efeito metafórico é evanescente, a-substancial e encontra-se regido por uma lei simbólica determinada pela metáfora. Também o desejo é dessubstancializado em seu incessante deslizar como falta de ser. É, portanto, o próprio inconsciente como um *topos* que se apresentará como pura letra, sem substância.

O texto “A instância da letra” produz uma literalização do inconsciente, do sujeito e do desejo. Lacan manifesta uma ruptura radical com o conceito clássico de sujeito da filosofia, notadamente em relação ao sujeito cartesiano, que é substancial e está ligado ao pensamento. Em Lacan, o sujeito é um efeito, produto de uma combinação de letras. Tem início, neste momento do texto, a subversão lacaniana do sujeito cartesiano identificado ao pensamento. O pano de fundo dessa crítica é a seguinte “verdade” freudiana: “[...] penso onde eu não sou, logo sou onde não penso.” (LACAN, 1998 [1957], p. 521). Não há, em se tratando do sujeito da psicanálise, uma identidade de si a si.

Cabe agora recapitular a função da letra como instância do inconsciente e a questão da razão desde Freud. É pela letra que o sujeito inscreve-se no inconsciente e as fórmulas da metáfora e da metonímia demonstram esse fato. A materialidade da letra/significante produz uma ruptura na relação entre significante e significado e permite a leitura do sonho como uma escritura. Ao mesmo tempo, a letra organiza uma leitura do texto do inconsciente pelo analista como um significante separado do seu significado. A escuta do inconsciente numa análise não se orienta pelo sentido da fala do analisante, já que o inconsciente é estruturado como linguagem e impõe ao analista a escuta das leis implicadas nessa estrutura. Enfim, é pela letra de Freud que se subverte toda a primazia da razão e do *logos* da tradição filosófica ocidental: a verdade do homem não está em seu pensamento.

A pergunta essencial desse capítulo foi sobre os efeitos da letra na clínica psicanalítica, tendo como referência o texto “A instância da letra” de 1957. Procuramos extrair esses efeitos ao longo da leitura do artigo de Lacan. Por último, é importante destacar a

questão do outro que fecha o texto. Lacan formaliza de modo clínico o lugar do outro, do grande Outro, com O maiúsculo. O Outro é pensado não mais como lugar do reconhecimento do desejo e sim como lugar da linguagem. Ele é lugar da verdade, no qual nossa mensagem nos vem do Outro de forma invertida. O Outro institui o inconsciente e as leis que regem o destino do sujeito. É preciso pensá-lo como lugar, como código:

Se falo da letra e do ser, se distingo o outro e o Outro, é porque Freud os indica a mim como os termos em que se referenciam os efeitos de resistência e transferência com que tenho tido de me haver, de maneira desigual, nos vinte anos em que venho exercendo esta prática – impossível, todos se comprazem em repetir com ele – da psicanálise. E é também porque preciso ajudar outros a não se perderem nela. (LACAN, 1998 [1957], p. 532)

Ajudar outros a não se perderem na psicanálise implica o projeto lacaniano em seu ápice: trata-se, neste artigo de 1957, de circunscrever a letra como um vetor de orientação da clínica psicanalítica, que ao tomar o texto de Freud ao pé da letra restaura a sua verdade cortante, recalcada pelos pós-freudianos.

A letra/significante é um elemento essencial da ordem do simbólico. Sua presença é atestada também na fala, onde há o enlace entre escritura e leitura. No artigo “A instância da letra”, Lacan promove a fala. A letra indissociável do significante participa das fórmulas que regem o funcionamento do inconsciente estruturado como linguagem. Na introdução deste trabalho, mencionamos a propriedade essencial do significante em ser escriturado, registrado e funcionando como letra.

Os anos 70 marcam uma re-interrogação, por Lacan, do estatuto da letra na clínica psicanalítica. A letra se separa do significante. Os debates pela qual esta separação entre letra e significante ocorre são o da polêmica entre Lacan e o filósofo francês Jacques Derrida. Para além dessa polêmica dos anos 60 e 70, nos âmbitos da filosofia e da psicanálise, o que está em questão é principalmente um reordenamento dos conceitos lacanianos. A letra, ao separar-se

do significante, apresenta-se não mais no campo do simbólico e sim no campo do real. Por conseguinte, observar-se-á no ensino de Lacan uma ênfase no escrito, o que implicará num outro estatuto para esse conceito. O escrito será teorizado como *pas-à-lire*, ou seja como um *não a ler* que colocará o enlace entre escritura e leitura em questão, produzindo ao mesmo tempo um importante desenlace entre esses dois termos tão caros ao artigo “A instância da Letra.”

No próximo capítulo, a nossa interrogação se efetuará a partir dos efeitos clínicos implicados na reestruturação do conceito de letra. Nossa argumentação se articulará sobre dois eixos: o estatuto da letra a partir dos anos 70 e como esta reformulação pode nos permitir uma leitura psicanalítica da obra do escritor francês Michel Leiris.

Eis o meu voto como escritor: que as palavras  
vivam.

*Michel Leiris*

## Capítulo 2

### A LETRA COMO LITORAL E A ESCRITURA DE MICHEL LEIRIS

## A LETRA EM LITURATERRA

Algumas características comuns aproximam o texto “A instância da letra” do artigo “Lituraterra”. Ambos se constituíram inicialmente como comunicações orais e posteriormente foram redigidos por Lacan: “A instância da letra” é o resultado de uma apresentação oral em 1957 no grande anfiteatro da Sorbonne e foi dirigido à Federação dos Estudantes de Letras; “Lituraterra” em sua origem é uma aula do Seminário “De um discurso que não seria do semblante” (1971) e posteriormente foi redigido para o número 3 da revista *Littérature*, de outubro de 1971, publicado na abertura deste número.<sup>5</sup> Portanto em um e no outro está indicada uma passagem do oral ao escrito e se no primeiro a conferência foi dirigida aos Estudantes de Letras, o segundo escrito foi publicado numa revista em homenagem à literatura.

As semelhanças entre esses dois escritos não se superpõe à uma diferença conceitual essencial. A diferença que se enuncia em “Lituraterra” de maneira enfática é a separação entre letra e significante, o que estabelece uma mudança radical no campo da clínica psicanalítica.

O objetivo deste capítulo é situar de modo claro as manifestações dessa diferença crucial no próprio texto “Lituraterra”. É importante destacar na lógica própria desse texto como se organiza essa ruptura em relação à “A instância da letra”. Nossa hipótese reside no fato de que a partir dessa diferenciação um novo campo clínico se organiza na obra de Lacan.

Se no texto “A instância da letra”, como foi observado no Capítulo 1, o significante é constituinte da letra e indissociável dela, em “Lituraterra” ambos se encontram em campos opostos. Algumas conseqüências do ato de separar significante e letra se farão notar. A

---

<sup>5</sup> Utilizarei neste capítulo tanto a versão escrita publicada nos *Outros Escritos* (2002) Jorge Zahar Editores, como a estenografia da lição do Seminário, publicada em *Che Vuoi*, Porto Alegre, Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

primeira é que o próprio estatuto da letra modifica-se. Anteriormente, foi pensada como instância fazendo parte da articulação do significante na produção do sentido como efeito. A letra assim situada participa do inconsciente e se faz notar em sua operação metonímica e metafórica. Agora a letra é o litoral que separa e conjuga campos heterogêneos: não se trata mais de localizá-la no simbólico, mas sim de perceber uma função que se assenta sobre a noção de litoral, rasura e sulcagem.

“A instância da letra” pode ser lido a partir de um enlace entre escritura e leitura na apreensão dos fenômenos do inconsciente. Em “Lituraterra”, observaremos um desenlace entre escritura e leitura. O escrito adquire, a partir desse texto e do *Seminário XX*, um estatuto extremo. O escrito será conceituado como não-a-ler (*pas-à-lire*), ou seja, ele se encontra em defasagem em relação à leitura. É o que explica, por exemplo, a formulação de Lacan, em “Lituraterra”, de uma “promoção do escrito”, movimento clínico em sua essência, pois, ao atribuir um ilegível à letra e ao escrito, Lacan confere-lhes uma dimensão indecifrável. O escrito como não-a-ler passa a indicar, portanto, o lugar do gozo na clínica.

Uma noção de linguagem que dê conta dessas inovações clínicas também não logrará muito tempo para aparecer. A noção de *lalíngua* se estabelece na seqüência da separação entre letra e significante. Em “A instância da letra” Lacan formalizou o inconsciente freudiano a partir da lingüística saussuriana. Ao separar a letra do significante, Lacan inscreve o inconsciente numa outra perspectiva, dimensionado a uma linguagem que é por definição uma linguagem e não a linguagem como a ciência lingüística nos fazia acreditar. Uma linguagem, pode, então, se escrever como *lalíngua*, como Lacan a faz notar equívoca e própria de cada sujeito. O conceito de *lalíngua* é crucial, pois pela linguagem como uma expressão do campo da ciência, produz-se uma forclusão de *lalíngua* como aquilo que é mais próprio de cada sujeito. Pode-se citar o caso clínico de O Homem dos Ratos, de Freud, um caso de neurose obsessiva na qual na língua desse paciente há uma equivalência entre florins e ratos,

demonstrando assim a particularidade da língua para cada falante. Trata-se, então, de uma mudança operada pela letra e fundamental à medida que a língua, melhor do que a linguagem, recupera em sua essência a tomada no vivente do gozo que lhe advém da palavra. A noção de língua e o escrito como *pas-à-lire* serão discutidos com maior abrangência no capítulo 3.

Ao apresentar de modo abreviado o percurso desse capítulo, o interesse explícito é o de organizar a exposição deste momento da letra e suas conseqüências clínicas na obra lacaniana. Porém, o objetivo maior ao estabelecer as conseqüências clínicas da separação entre letra e significante é promover uma argumentação clínica a partir da obra do escritor francês Michel Leiris. A escritura de Leiris torna-se aqui um recurso metodológico para se pensar tanto a letra como litoral, quanto o escrito como não-a-ler e o conceito de língua.

A escrita de Leiris é singular, pois consiste num relato autobiográfico cujo procedimento principal é desarticular a linguagem lexical pela escrita. Por um lado, levar a linguagem ao nível mais elementar é, para esse escritor, uma forma de se colocar em contato com o que há de mais essencial na sua constituição como sujeito na linguagem. Há um duplo interesse da psicanálise pela escritura de Leiris: em primeiro lugar, sua escrita demonstra a gênese da entrada do sujeito no campo da linguagem e, em segundo lugar, ao desmembrar a linguagem, Leiris problematiza alguns conceitos lacanianos. Uma leitura psicanalítica dos escritos de Leiris, segundo nossa hipótese, só será possível a partir da mudança do estatuto conceitual da letra como instância para a letra como litoral.

Antes de se iniciar essa exposição é necessário estabelecer o contexto no qual ocorre a separação entre letra e significante. Na verdade, estabeleceremos três contextos nos quais se inscrevem essa operação lacaniana. Eles se entrelaçam, porém os separamos por motivos didáticos. São eles: contexto epistêmico, contexto histórico e um contexto clínico.

O contexto epistêmico manifesta-se por uma ruptura efetivada por Lacan em relação à lingüística. Como se pode observar no Capítulo 1, Lacan subverte o signo saussuriano, porém

não rompe com a lingüística. Continua a utilizar os seus conceitos e faz depender o inconsciente freudiano das leis que regem os princípios de alguns conceitos lingüísticos.

O que se verifica a partir da década de 70 é um verdadeiro corte lacaniano em relação à lingüística. Quais são os motivos desse corte? Para responder essa pergunta cumpre relacionar alguns motivos presentes na organização desse corte. Eles foram expressos por Jean-Claude Milner no seu livro *A Obra Clara* (1996) e estão na base daquilo que esse autor chama da passagem de um “primeiro classicismo lacaniano” para um “segundo classicismo lacaniano”.

Um primeiro ponto de instabilidade é o historicismo. Segundo Milner, nos *Escritos* encontramos “[...] o vocabulário da emergência inaugural, da sucessão, da contemporaneidade.” (MILNER, 1996, p. 95) Esse vocabulário é historicizante, mesmo que o programa estabelecido por Lacan seja o do rompimento com a história. “A instância da letra”, esse ponto manifesta-se no próprio gesto de preservar a lingüística de Saussure como emergência histórica e fundante de uma nova teoria do inconsciente e do sujeito como não substanciais. De certa forma, a teoria do sujeito nesse momento faz remontar à emergência da lingüística como ciência. Agora se trata de operar um corte com essa idéia do inaugural, em seu significado histórico.

Um segundo ponto para Milner é a instabilidade da noção da letra, uma vez que ela não é autônoma em relação ao significante: o que vale em termos conceituais para letra serve também para o significante e o texto da “A instância da letra” apresenta isto de modo evidente. Esta distinção se aclarará em “Lituraterra” e surgirá em compatibilidade com o rompimento com a lingüística.

Um último ponto que nos interessa destacar é a “instabilidade devida à evolução da lingüística”. Desse fato decorre que, para Lacan, a lingüística não se apresentará como um garantia, em relação ao campo conceitual, que lhe permita operar sua práxis clínica. Dois

motivos são sublinhados por Milner para corroborar esse fato. O primeiro foi a descoberta dos anagramas de Saussure, publicados em 1964. Os anagramas são estudos realizados pelo mestre genebrino em 1906, portanto, antes do *Curso de Lingüística Geral*, e encontrados postumamente. Neles, Saussure, aplica-se a estudar versos latinos clássicos nos quais alguns nomes próprios tornavam-se dissimulados anagramaticamente, constituindo um enigma. Por exemplo, a fórmula num verso dedicado ao oráculo de Delfos escamoteia anagramaticamente o nome do deus Apolo: “Ad temPLa pOratotO (levado diante dos templos)”. (STAROBINSKI, 1974, p. 50) A descoberta dos estudos sobre os anagramas promoveu em Lacan uma profunda mudança em relação ao *Curso de Lingüística geral*, de Saussure. É o que ele diz explicitamente na nota de pé de página número 14 do texto da “Instância”: “A publicação, feita por Jean Starobinski no *Mercure de France* de fevereiro de 1964, das notas deixadas por Ferdinand de Saussure sobre os anagramas e seu uso hipogramático, desde os versos saturninos até os textos de Cícero, dá-nos a certeza que faltava na ocasião. (1966)” (LACAN, 1998 [1957], p. 506)

Na nota redigida em 1966, Lacan fala de uma certeza que faltava na ocasião, fundamental para se estabelecer ao mesmo tempo uma distância em relação à lingüística estrutural e retomar um “proto-Saussure”, no qual o escrito e a letra são valorizados em seu aspecto enigmático, em sua defasagem naquilo que se escreve e naquilo que se lê como bem demonstra Milner. (MILNER, 1996, p. 95)

Outro motivo que, segundo Milner, impõe-se a Lacan para que ele rompa com a lingüística são as pesquisas do lingüista norte-americano Noam Chomsky. A partir de 1960, para Chomsky, a lingüística estrutural não detinha a última palavra sobre a linguagem e era possível o surgimento de coisas novas na ciência da linguagem. Estas se apresentavam por uma renaturalização da linguagem, que excluía noções tais como *significante*, *cadeia* e *estrutura*. Estas são, grosso modo, segundo Milner, as instabilidades apresentadas na

passagem do primeiro ao segundo classicismo lacaniano e que prefiguram o contexto epistêmico no qual ocorre a separação entre significante e letra.

Um contexto histórico faz marca nesse momento da elaboração da letra lacaniana. Sua emergência se dá através das polêmicas entre Lacan e o filósofo francês Jacques Derrida. Ao longo de “Lituraterra”, Lacan por várias vezes responde a Derrida de modo enfático, sem entretanto citá-lo:

Ser ela [a letra] o instrumento próprio à escrita [*écriture*] do discurso não a torna imprópria para designar a palavra tomada por outra, ou até por um outro, na frase, e portanto para simbolizar certos efeitos do significante, mas não impõe que nesses efeitos ela seja primária. (LACAN, 2003 [1971], p. 18)

Lacan admite a participação da letra nos efeitos do significante, porém recusa um estatuto primário da letra – resposta clara a Derrida, que postula a letra como primária, como “arqui-traço”, tal como formulada em seu livro *Gramatologia* e principalmente em sua conferência “Freud e a cena da escritura”, de 1966.<sup>6</sup> Esses textos explicitam o projeto de Derrida em interrogar a primazia da linguagem sobre a escritura, que se demonstra também no questionamento do predomínio do fônico sobre o gráfico. Segundo Derrida, a tradição filosófica ocidental recalcou a escritura em favorecimento da fala, fato que remonta ao *Fedro* de Platão, onde a escrita é derogada como inferior. Em Derrida, a escritura é a condição de possibilidade de todo processo significante, ou seja, há um fundo de escritura, uma arqui-escritura da linguagem, que é uma marca da diferença anterior à distinção entre palavra falada e escritura. Para demonstrar sua tese, Derrida recorre a Freud, à Carta 52 e ao bloco mágico, onde o que está em causa é a marca, a impressão primeira.

---

<sup>6</sup> Para um estudo mais detalhado das polêmicas entre Lacan e Derrida sugiro a leitura da dissertação de mestrado de Márcia Rosa, *Poe, Lacan e Derrida: O destino da letra*, 1999, Departamento de Filosofia da UFMG.

Lacan refuta veementemente essa leitura de Freud por Derrida, Denuncia a submissão dessa leitura ao discurso filosófico e universitário de Derrida e marca sua própria leitura da letra como litoral e não como uma marca primeira ou impressão. Para Lacan, então, não há um caráter primário da letra e sim sua participação nos efeitos do significante e na apreensão de um gozo próprio da palavra pela letra, o que evidentemente a teorização de Derrida não contemplava, uma vez que, para ele, a letra se depura como uma marca irreduzível, decalcada de sua função de apreender a substância do gozo, tal com formulada por Lacan no Seminário XX.

Nos anos 70, precisamente em 1971, numa conferência em Baltimore, nos Estados Unidos, Derrida novamente criticará Lacan. Agora o alvo é o “Seminário sobre a Carta Roubada” e a leitura lacaniana do texto de Poe. Sua conferência “Le facteur de la vérité” (O fator/carteiro da verdade) faz de Lacan o destinatário da letra/carta de Freud. Ora, para Derrida o Lacan do “Seminário sobre a Carta Roubada” formula uma verdade que é, em si mesma, metafísica: o que Lacan busca e faz é uma análise fascinada de um conteúdo numa semântica psicanalítica transcendental. Nesse sentido, para Derrida, Lacan procede da mesma maneira que a princesa Marie Bonaparte, ao ler o mesmo texto de Poe: ambos tratam a mulher como lugar desvelado da falta de pênis, como verdade do falo, ou seja, da verdade última da castração. No texto “Lituraterra”, Lacan responderá marcando a diferença de sua leitura da “Carta” de Poe da leitura realizada pela princesa, dizendo que ela realizou uma leitura psicobiográfica.

No livro recém-editado de Lacan, o Seminário *Le Sinthome* (2005), Jacques-Alain Miller, em nota anexa, comenta um outro aspecto importante da polêmica entre Lacan e Derrida. Segundo Miller, no “Facteur...”, Derrida também critica Lacan por ter teorizado a letra como “intangível, indestrutível, indivisível e ideal”.<sup>7</sup> (LACAN, 2005, p. 233) A crítica

---

<sup>7</sup> A tradução do original francês é nossa.

de Derrida baseia-se no “Seminário sobre a Carta Roubada” e Miller sublinhará a importância do texto de Lacan sobre a “Juventude de Gide ou a letra e o desejo”, de 1958, ou seja, pouco depois do “Seminário sobre a Carta Roubada”, que é de 1955, para refutar a crítica de Derrida e ao mesmo tempo demonstrar que as seis últimas páginas do texto de Lacan sobre Gide contestam a idéia de uma indestrutibilidade da letra. Nelas, Lacan comenta o episódio da vida de Gide em que sua esposa Madeleine queima as cartas/letras de Gide. Nesse ato, Madeleine sacrifica aquilo que há de mais precioso para ela e provoca em Gide um profundo desespero e angústia. Para Miller, trata-se de perceber, a partir dessa análise de Lacan, que ele não desconhecia o caráter tangível, destrutível e não ideal da letra. A Lacan interessa, sobretudo, o aspecto material da letra. Neste sentido, em sua materialidade, a letra pode ser dobrada, rasurada, destruída, o que se verifica tanto no “Seminário sobre a Carta Roubada” quanto no texto “Lituratera”.

A promoção desses dois contextos, histórico e epistêmico, demonstra o profundo mal-estar provocado pela letra lacaniana nos campos da ciência e da filosofia respectivamente. A lingüística estrutural e a filosofia desconstrutivista de Derrida nunca puderam conceder um estatuto conceitual próprio à letra lacaniana. Os anos 70 marcam críticas de discípulos de Derrida, tais como Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, ao conceito de letra em Lacan, com o objetivo de denunciar um heideggerismo do psicanalista francês. A letra lacaniana, ao se situar como litoral entre saber e gozo provoca, emperra, fura a tendência totalizante dos discursos filosóficos e científicos ao fechamento e ao desconhecimento da noção de sujeito do inconsciente.

É nesse sentido que a letra lacaniana provoca em Derrida uma outra crítica a Lacan: de que a obra lacaniana é um sistema. A obra lacaniana é clínica, sua letra provoca ruptura, fuga de sentido e a teoria lacaniana não perfaz de modo algum um sistema. É preciso, então, avaliar por agora um último contexto: o clínico.

O texto “Lituraterra” está inscrito num contexto clínico preciso: ao separar a letra do significante, Lacan apresenta algo que lhe advém de sua experiência clínica. É o que podemos observar nessa afirmação sobre este momento clínico de Lacan: “A promoção da letra em detrimento do significante vem indicar que este, por si, não responde por tudo que pode estar em jogo na experiência de uma análise.” (MANDIL, 2003, p. 47)

Uma afirmação como esta esclarece muitos pontos do contexto clínico. O primeiro deles diz respeito à insuficiência da noção de significante para dar conta de certos efeitos presentes na clínica. Para ilustrar esse fato, é possível perceber a noção de letra apresentada no “Seminário sobre a Carta Roubada”. Nesse texto, Lacan já estabelece uma distinção, ainda que tênue, entre letra e significante. A carta/letra do conto de Poe realiza duas funções: uma, mensageira, significante, ou seja, ligada a um saber pré-estabelecido, e outra função de letra como objeto em sua materialidade, destacada por Lacan em sua propriedade de ser dobrada, rasurada. A segunda função da letra no conto de Poe é que possibilita uma apreensão do gozo, como por exemplo no uso que o Ministro faz dela. Ao roubar a carta da Rainha, carta comprometedor desta em relação ao Rei, o ministro a manuseia, a revira, se faz detentor e destinatário desta que lhe confere um gozo em possuí-la. Se avaliássemos a carta/letra apenas pelo aspecto mensageiro, jamais seríamos capazes de perceber seu aspecto material e o gozo que lhe corresponde. É essa função como objeto que está em primeiro plano na escrita de “Lituraterra”.<sup>8</sup>

A letra funcionando como objeto é o que permite a apreensão do gozo. Se a leitura das cartas enviadas por André Gide a Madeleine incidisse apenas sobre a mensagem, isso revelaria apenas a insuficiência do campo do significante. Uma leitura dessas cartas e do ato de Madeleine ao queimá-las, orientada pela letra, resgata o valor de fetiche das cartas/letras. Há entre Gide e Madeleine algo a mais que uma troca de mensagens. Há uma materialidade

---

<sup>8</sup> O Seminário *De um discurso que não seria do semblante*, do qual a lição de 12 de maio de 1971 é justamente “Lituraterra”, apresenta várias retomadas promovidas por Lacan do “Seminário sobre a Carta Roubada”.

que confere às cartas de Gide o valor de objetos-fetice, a tal ponto que, ao queimá-las, Madeleine destrói o que era mais caro a ela e ao próprio Gide.

O contexto propriamente clínico no qual a letra emerge em “Lituraterra” leva em conta um questionamento da função do significante. Para Lacan, a letra permite apreender a noção de gozo e ao mesmo tempo ela será cada vez mais importante nas formalizações matemáticas da psicanálise, que desembocarão na teoria do nó de borromeu, pelo qual os registros do real, do simbólico e do imaginário se enlaçam. É o que se observa nas formulações lacanianas após “Lituraterra”.

Como já foi referido no início deste capítulo, a interpenetração desses três contextos tecem o pano de fundo sobre o qual se constrói o artigo “Lituraterra”. Cada um desses contextos se constituiu como uma linha de força que determinou, de certa forma, como resultado, a separação entre letra e significante. O que se objetiva agora, a partir desses três contextos, é acompanhar em “Lituraterra” o modo como se apresenta a noção de letra.

No dicionário etimológico Ernout et Meillet, Lacan busca o termo latino *lino*, a partir do qual se deriva *litura*, *liturarius*. Lino dá origem ao termo *litura*, que significa *rasura*, *correção* (MANDIL, 2003, p. 45). É pela *rasura*, *litura* que se pode escrever *liturarius*, um escrito que possui rasuras, resultando em *Lituraterra*, como um chiste laciano. *Lituraterra* é uma escrita de rasuras descomprometida com o sentido, com as regras da boa leitura. *Lituraterra* é, para Lacan, um chiste dirigido às belas letras da literatura e da psicanálise – de uma psicanálise levada e pensada como um devaneio poético. O que está em jogo numa análise é um texto rasurado, truncado e muitas vezes indecifrável.

Nesse contexto, de uma *Lituraterra* oposta à literatura, esta última feita de *litera* e da letra, é que Lacan retoma uma passagem sobre o escritor irlandês James Joyce, que, para ele, é um paradigma de uma escrita ilegível e do uso da letra como litoral, conjugando e separando os campos heterogêneos do saber e do gozo. Joyce é um escritor de grande importância para o

século XX. Seus textos, seus livros mostram progressivamente a produção de um escrito ao mesmo tempo ilegível e enigmático. Os contos curtos denominados *Dublinenses*, de uma primeira fase de sua obra, testemunham um Joyce preocupado em escrever segundo os cânones da literatura clássica. A narrativa flui, o enredo é apreensível. Porém, em suas obras posteriores, como *O retrato do artista quando jovem*, *Ulisses* e principalmente *Finnegans Wake*, a estrutura de sua escrita muda radicalmente. Nos dois primeiros, ainda há presença de uma estrutura narrativa, porém os trocadilhos, os lapsos de linguagem se proliferam tornando o texto fragmentado e o sentido diluído. Em *Finnegans Wake*, a narrativa desaparece e o texto é um conjunto de jogos, de trapanças com a linguagem, em que as palavras se engavetam e a leitura torna-se resistente ao sentido.

Esses aspectos da obra joyceana não escaparam a Lacan e é assim que ele anuncia Joyce em “Lituraterra”: “[...] no equívoco com que Joyce (James Joyce; digo) desliza de *a letter* para *litter*, de letra/carta para lixo” (LACAN, 2003 [1971], p. 15). Antes dessa citação, Lacan fala “em partir de novo” – uma referência de que esse equívoco produzido por Joyce já fora apresentado anteriormente. Trata-se de uma referência ao “Seminário sobre a Carta Roubada”:

E com efeito, voltando a nossos policiais, como poderiam eles apoderar-se da carta, eles que a apanharam no lugar onde estava escondida? Naquilo que reviraram entre os dedos, que outra coisa seguravam eles senão o que correspondia à descrição que tinham dela? A *letter*, a *litter*, uma carta, uma letra, um lixo. Fizeram-se trocadilhos, no cenáculo de Joyce. (LACAN, 1998 [1956], p. 28)

O fato de retomar uma referência trabalhada em 1956 desvela a essência do texto “Lituraterra”: é um texto de revisão de posições assumidas anteriormente. É o que observamos no acento colocado no deslizamento da letra ao lixo e ao dejetivo. No “Seminário sobre a Carta Roubada”, ainda que a ênfase recaía sobre a distinção entre a função mensageira

e a função material da carta, ambas atestam dependência com relação ao significante. Em “Lituraterra”, *a letter, a litter* mostra um movimento próprio da experiência analítica, ou seja, aquele que vai do significante à letra. O que significa esse movimento? É o movimento numa análise, no qual a profusão da palavra, do significante, reduz-se àquilo que faz buraco no próprio sistema significante e se apura como gozo, limite do simbólico, e é capturado pela letra, como indica a frase de Lacan: “No jogo que evocamos ele não ganharia nada, indo melhor que se pode esperar da psicanálise em seu término.” (LACAN, 2003 [1971], p. 15)

Joyce, com sua escrita, realiza aquilo que de melhor se pode esperar da psicanálise em sua finalidade: atingir, cernir o seu gozo pela letra. “Há uma permeabilidade própria entre uma carta, uma letra e um monte de lixo.” (MANDIL, 2003, p. 46)

Aqui se esboça claramente uma diferenciação da função da letra na clínica psicanalítica. Se anteriormente a letra da “Carta Roubada” se confunde com as propriedades do significante, em “Lituraterra” ela age, funciona separada deste, e Joyce, com sua escrita, indica um outro uso da letra:

Lacan propõe a literatura como um como um exercício superior, como aquilo que se pode esperar de melhor de uma análise em seu fim. Uma tal escritura consiste, como Joyce em *Finnegans Wake*, à cernir, pelo exercício da letra, o gozo. Tratar-se-ia, então, pelo exercício da letra, de cernir isto que, no sistema significante, no saber, faz buraco. (MILLER, 1988, p. 103)

Esta concepção da letra inscreve-se a partir de uma escrita não-literária – no sentido clássico – e sim de uma escrita rasurada, *lituraterra*. A letra permite um tratamento do gozo e ao mesmo tempo cerne o furo no saber. A questão que se coloca é como a letra permitiria apreender esse gozo? A letra permite um tratamento do gozo e é o que observamos na seguinte formulação de Lacan: “A questão é saber se aquilo que os manuais parecem expor – ou seja, que a literatura é acomodação de restos – é um caso de colocar no escrito o que primeiro seria canto, mito falado ou procissão dramática.” (LACAN, 2003 [1971], p. 16)

Neste trecho encontramos duas afirmações que possibilitam o esclarecimento da função da letra em relação ao gozo. A primeira é que a escrita de Joyce e de alguns outros escritores jamais pode ser considerada acomodação de restos. Joyce perturba a literatura, seus manuais, e não permite acomodação, portanto sua letra é lixo que não se contém acomodada numa lixeira provocando ao mesmo tempo um furo no saber literário. Sua letra é dejetivo que mobiliza, que pede um leitor ideal acometido de uma insônia, um leitor que se disponha a quebrar os “seixos” na entrada do texto.

A segunda é do escrito e a sua relação com o canto, mito falado, demonstrada pela apreensão do gozo no escrito, como lê Éric Laurent:

Se escreve de todas maneiras, com efeito, sobre a história da escritura, que em um dado momento os gregos julgaram oportuno reunir seus hinos aos Deuses, os cantos, os mitos que eles contavam, as procissões dramáticas, as tragédias, para enfim escrevê-las. De fato, ainda temos a ordem escrita que Péricles deu para se estabelecer a melhor versão possível dos textos de Homero, a versão que é a glória de Atenas [...] o colocar no escrito. Isto que seria a escritura: um meio que permite um registro e transforma todos os textos em instrumento útil. (LAURENT, 2002, p. 151)

A escrita permite fixar um gozo que os manuais evitam. A ordem de Péricles, um tirano, o feminiza; ele torna-se nostálgico por não ter sido um dos heróis de Homero. Tal como a “Carta Roubada”, em seu efeito de feminização, transforma Dupin,<sup>9</sup> ao contrário da polícia francesa, não em um homem de ação, mas em um Dandy que trapaceia os homens de ação e recupera a carta roubada em poder do Ministro. Estes aspectos marcam o lugar do gozo:

A escritura permite assinalar o lugar do gozo, aquilo que ela inscreve é o feito de Péricles em recopilar os hinos, Edgar Poe em nomear o gozo de sua época, o lugar do dandy refletindo sobre o gosto da época. [...] Um certo

---

<sup>9</sup> Dupin é o personagem central do conto de Poe. Ele recupera a carta roubada e coloca no seu lugar uma outra carta com uma mensagem dirigida ao ministro. Personagem essencial no conto, Dupin se reveste do dandismo próprio do homem do final do século XIX.

modo do homem de ação que se inspira na retirada do mundo operada pelo dandy. (LAURENT, 2002, p. 153)

O lugar do *dandy* é o de um gozo específico do homem do século XIX, que o texto de Edgar Alain Poe inscreve na figura enigmática do personagem Dupin. Trata-se, portanto, em Lacan, de promover o escrito não por um viés que faça dele e da letra um artifício para se comprovar certas teorias psicanalíticas, mas sim de promover o escrito naquilo que ele circunscreve pela letra – o gozo. É esse o seu nomeado “deslocamento de interesse”, pois, ao abordar o texto literário, interessa a Lacan o que a escritura fixa de gozo, como vimos na obra de Joyce e na *lituraterra* fora dos manuais. Aqui, Lacan desfaz qualquer pretensão interpretativa da psicanálise em relação à literatura: é a literatura como *lituraterra* que, antes, provoca e põe a psicanálise a trabalho.

Essa posição é elucidada no texto “Lituraterra”, quando Lacan comenta, sem mencionar o seu nome, a leitura feita pela princesa Marie Bonaparte da obra de Edgar Alan Poe. O livro de Marie Bonaparte é uma insistente pesquisa interpretativa da obra e de dados biográficos de Poe. Não só ela interpreta vários de seus textos através de conceitos da psicanálise, como refaz toda a árvore genealógica do escritor americano, relacionando fatos de sua vida pessoal com a escrita de sua obra.

Lacan separa-se radicalmente desse procedimento, marcando a prevalência do texto, do escrito sobre a psicobiografia. O escrito e a fala, para Lacan, constituem-se nas duas formas de satisfação do falante na linguagem, portanto, o recurso à psicobiografia de um autor é um reducionismo que descaracteriza a complexa relação do sujeito com o campo da linguagem.

Em Lacan, a letra faz furo, indicando uma posição do analista diante da literatura: de um saber em fracasso que não é o fracasso do saber. Há um hiato entre os campos da literatura e da psicanálise. Ao analista, na sua intrincada função entre verdade e saber, o saber é um saber

em fracasso, não totalizante e limitado por um furo. Aos poucos, no texto, Lacan – após enunciar a faculdade da letra em apreender o gozo – vai delimitando um outro lugar para letra: a letra é litoral, separando e, ao mesmo tempo, conjugando campos heterogêneos.

A letra torna-se litoral e limite entre saber e gozo: “A borda do furo no saber, não é isso que ela desenha?” (LACAN, 2003 [1971], p. 18). Opera-se pela letra uma borda entre saber e gozo. Retomando a leitura de Miller: “A letra entre saber e gozo, nós não temos como escrevê-la. Não podemos escrevê-la com um  $S_1$  ou  $S_2$ , pois não é um significante.” (MILLER, 1988, p. 103) Se o saber se inscreve em um sistema significante e pode, como tal, ser escrito, o gozo supõe o vivente, o terreno da pulsão que recorta o corpo do sujeito, marcando ao mesmo tempo a satisfação e a condição de um corpo submerso na linguagem, assim a letra faz borda entre o campo do significante (saber) e do gozo.

Separar e conjugar saber e gozo, tomar a letra como litoral e limite é uma operação clínica essencial. Não é exatamente fazer a letra *morta*, tal como o próprio Lacan se refere em relação à “instância da letra”, mas de tomá-la em uma outra concepção clínica: como borda, como elemento da linguagem que permite pesquisar o limite próprio ao simbólico e ao significante. Esse aspecto concede à letra, em sua função de borda, o papel de tratamento mais eficaz do gozo do que o significante.

Nesse ponto, é interessante retomar o conto “A carta roubada”, pois é o aspecto material da letra que será valorizado por Lacan. Para além de sua função mensageira/significante, é na capacidade em ser dobrada, revirada e principalmente rasurada que reside sua crucial propriedade em relação ao gozo. Se a idéia da letra como litoral leva o simbólico a um limite, a noção de rasura e sulcagem complementa o conceito de letra em “Lituraterra”. Aí, a noção de rasura aparece simultaneamente como uma leitura e como economia da linguagem. O aspecto econômico é uma menção a Freud. O aparelho psíquico descrito por Freud comporta três pontos de vista: o dinâmico, o tópico e o econômico. Esse

último está intimamente ligado à energia pulsional. A descrição metapsicológica do aparelho psíquico, do ponto de vista econômico, objetiva a seguir e rastrear a quantidade e o investimento ligados à força pulsional. Portanto, a expressão *economia dos investimentos* encontra-se ligada às moções pulsionais.

O registro econômico dá conta das marcas e inscrições produzidas pela força da pulsão. Na introdução desse trabalho, mencionamos o esquema da Carta 52 como uma metáfora escritural. O que Lacan diz de modo explícito em “Lituraterra” é que ele toma a Carta 52 para indicar que a letra é consequência, não é uma marca primária. Assim, em “Lituraterra” Lacan demonstra o que seria uma *litura-terra*, ou seja, uma terra de rasuras – antes de ser um modelo, a rasura marca, junto com o sulco ou sulcagem, uma demonstração clínica dos efeitos da pulsão no aparelho psíquico.

A idéia de rasura aparece sob a condição de uma mudança de orientação de Lacan em relação à constituição do sujeito. Anteriormente, Lacan fundava o sujeito a partir do apagamento do *traço unário*, tradução da expressão freudiana *einzigiger Zug*, apresentada no livro de Freud *Psicologia das massas e análise do Eu*. Lacan, principalmente no seu *Seminário sobre a identificação*, faz incidir na origem do sujeito o traço unário que o marca como pura diferença, ao mesmo tempo que o apagamento do traço subordina o sujeito ao significante.

Em “Lituraterra”, Lacan acrescenta que é preciso localizar na constituição do sujeito a rasura: “Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra. Litura pura é o literal. Produzi-la é reproduzir essa metade ímpar com que o sujeito subsiste.” (LACAN, 2003 [1971], p. 21) Nessa citação, a referência da letra como rasura implica uma leitura da constituição do sujeito por uma rasura sem nenhum traço anterior. O que vem a constituir o sujeito não é apenas sua identificação a um traço fundamental:

Mas, ao indicar que a letra é rasura “de nenhum traço que lhe antecede”, Lacan conjuga a tentativa de encontrar a palavra que mais se aproxime daquilo que busca expressar – a palavra mais próxima da “coisa” – com a ausência de um traço fundador, primeiro, por meio do qual o sujeito sentir-se-ia plenamente identificado ou designado. (MANDIL, 2003, p. 50)

Há, nesse momento do texto de Lacan, uma indicação clínica precisa: é preciso produzir a rasura, a litura pura que é literal. A operação da letra como rasura visa, numa análise, a produzir uma metade ímpar na qual o sujeito subsiste, ou seja, é tarefa da análise produzir pela letra a rasura, as marcas da passagem da força pulsional que recorta e determina os modos de gozo do sujeito. É aí que a busca por uma identificação ao traço unário mostra-se necessária, mas insuficiente. Uma análise deve possibilitar ao sujeito a experiência também dessa terra de rasuras presente na passagem da força pulsional que o determina. A noção de *rasura* aproxima, portanto, o campo pulsional do real e ao mesmo tempo marca a distinção, na constituição do sujeito, do significante e da letra.

Para o primeiro, a operação é a do traço unário, para o segundo, a rasura implica a letra como forma de operação em relação ao real; no traço unário, no significante, estamos no registro do simbólico. Com a noção de rasura, apresenta-se a dimensão do real, fazendo um limite ao simbólico.

A indicação da rasura muda o estatuto do sujeito. Numa análise, a apreensão do modo de gozar do sujeito será dada pela letra e o sintoma apresentado por este poderá ser lido em termos de escrita. Mas de qual escrita se trata? Certamente não é uma escrita que se dá a ler e a noção de rasura indica isso. O ato de ler se dá numa escrita ilegível e essa é outra propriedade da letra, que será abordada no próximo capítulo.

A noção de rasura institui em “Lituraterra” a idéia do escrito como “sulco”. O termo em francês é *ravinement*, que se traduz por sulcos realizados pela enxurrada das chuvas, erosão. Ao apresentar a relação entre rasura e sulco, Lacan menciona sua visão da planície siberiana, vista do alto, quando ele retornava de avião de sua segunda viagem ao Japão. A

planície siberiana apresenta-se desolada e sem vegetações – o que se avista são os rios que sulcam a terra. Porém, é necessário a Lacan explicitar os elementos que originaram os riachos e rios, bem como sua inscrição na terra:

O que se revela por minha visão do escoamento, no que nele a rasura predomina, é que, ao se produzir por entre-as-nuvens, ela se conjuga com sua fonte, pois que é justamente nas nuvens que Aristófanos me conclama a descobrir o que acontece com o significante: ou seja, o semblante por excelência, se é de sua ruptura que chove, efeito em que isso se precipita, o que era matéria em suspensão. (LACAN, 2003 [1971], p. 22)

O escoamento, o sulco, conjuga-se com a sua fonte que são as nuvens. É necessária à produção da chuva uma precipitação que rompe a nuvem e faz cair a chuva na terra. As nuvens, nesse apólogo lacaniano são os significantes e até mesmo o semblante. O semblante é, por um lado, a aparência e, por outro, ele consiste em fazer-se acreditar que há alguma coisa onde não há nada. A temática do semblante dirige a pesquisa lacaniana nesse momento, pois “Lituraterra” é uma lição do Seminário *De um discurso que não seria o do semblante*.

Voltando à descrição de Lacan, pode-se perceber nesse apólogo a conjugação de campos diferentes: por um lado, as nuvens, o significante e o semblante como oriundos do simbólico; por outro lado, os riachos, o escoamento, o sulco e a rasura ligados ao real. É no escoamento, na sulcagem que corta a terra, que Lacan localiza o gozo: “o que se evoca de gozo ao se romper um semblante, é isso que no real se apresenta como ravinamento das águas.” (LACAN, 2003 [1971], p. 22)

O que se desenha a partir daí não é só a característica da letra em apreender o gozo, mas a própria insuficiência do significante em dar conta do real. O significante como semblante pertence ao registro do simbólico, mas, em relação ao gozo, cabe à letra operar sua apreensão. Pode-se perceber duas letras nessa exposição de Lacan, como nos indica Ana Maria Portugal:

Associando os efeitos da rasura à função do traço e da letra na dimensão subjetiva, a letra pode permanecer capturada pelo que choveu do significante, comprometida com a proliferação dos sentidos, como o que acontece em muitas práticas de escrita. No entanto, esvaziada desses compromissos, pode revelar sua face de puro objeto e de gozo evocado pela ruptura do semblante. (PORTUGAL, 2005, p. 14)

Uma letra *capturada no que choveu do significante* ainda está comprometida com a proliferação do sentido. Uma segunda letra, em sua face de puro objeto e não compromissada com o sentido, portanto ilegível, verifica-se na sulcagem do significado. Essa segunda letra aproxima-se da escrita e do ravinamento. É uma escrita depositada sobre a terra: a letra escreve a partir de sua função de romper o semblante no qual um gozo é evocado.

A escrita/escritura é distinta do semblante por ele ser ravinamento. O estatuto da escritura diferentemente do semblante é o de promover um furo que acolhe o gozo: “[...] nada é mais distinto do vazio escavado pela escrita do que o semblante. O primeiro é o godê sempre pronto a dar acolhida ao gozo, ou, pelo menos, a invocá-lo com seu artifício.” (LACAN, 2003 [1971], p. 25)

A formalização da letra no texto “Lituraterra” aponta para a distinção entre significante e letra, conferindo um novo estatuto ao escrito, como o furo capaz de acolher o gozo. Nesse sentido, pode-se afirmar que a escrita cerne o real.

As diferenciações entre significante e letra enunciadas em vários momentos no texto por Lacan culminam numa referência à clínica freudiana:

Sob a ponte Mirabeau, é verdade, assim como sob aquela de uma revista que foi a minha se fez emblema, ao tomar emprestada essa ponte-orelha a Horus Apolo, sob a ponte Mirabeau, certo, corre o Sena primitivo, e a cena é tal que nela pode soar o V romano da quinta hora (cf. O Homem dos Lobos). Mas também só se goza com isso ao chover aí a fala de interpretação. (LACAN, 2003 [1971], p. 23)

A menção ao caso do Homem dos Lobos indica um efeito clínico da diferenciação entre significante e letra. Como foi demonstrado na introdução deste trabalho, Freud opera, nesse caso, pela letra. As associações do paciente o levam a “S. V.”, iniciais do nome próprio do paciente.

Lacan retoma o V romano como índice de um momento crucial da análise do Homem dos Lobos. Trata-se do capítulo IV, onde Freud trabalha o sonho com os lobos e a cena primária. O que se percebe ao ler esse capítulo é um intenso trabalho interpretativo, tanto de Freud quanto do paciente, a respeito do sonho dos lobos. O sonho retorna, vai e vem, ao longo das sessões, no transcorrer dos anos em que dura o tratamento. Mas à medida que as associações do paciente evoluem, a escuta do analista opera um precipitado, um escrito como marca e cifra, assentado no fluir do significante. Um escrito fragmentado, descrito dessa curiosa forma por Freud: “Uma ocorrência real – datando de um período muito prematuro – olhar – imobilidade – problemas sexuais – castração – o pai – algo terrível.” (FREUD, 1976 [1918], p. 51)

Opera-se uma redução dos significantes do paciente a uma cifração mínima. A escuta do analista apura os pontos decisivos na determinação do sintoma do paciente. O trabalho da letra é o de fixar essa série fragmentada na qual a cena primária é a causa fundamental do sintoma.

A letra, ao separar-se do significante, institui o campo da escrita, estabelece um outro estatuto para o escrito, um estatuto extremo, como comprova Lacan, no Seminário XX e no posfácio ao Seminário XI, ao teorizar o escrito como *pas-à-lire*. Uma noção de escrito em que o ilegível faz limite à decifração. A escritura de Michel Leiris apresenta-se como uma interrogação dos conceitos lacanianos da escrita e de língua. A estrutura da sua obra, tanto do ponto de vista formal quanto em seu conteúdo, oferece uma importante oportunidade para

o estudo desses conceitos da clínica psicanalítica. A argumentação de nosso trabalho passa agora por uma investigação clínica da escritura de Michel Leiris.

“... REUSEMENT!”

Qual é a real intenção deste trabalho ao abordar o texto de um escritor cuja escritura encontra-se próxima de lalíngua? Seria mais uma das inúmeras aproximações entre psicanálise e literatura? Acreditamos que após a essencial leitura da obra joyceana realizada por Lacan, no Seminário XXIII, *Joyce, o Sinthoma*, a relação entre psicanálise e texto altera-se profundamente. Ao contrário de Freud, para quem o texto do escritor revelaria alguns dos segredos do misterioso inconsciente, a posição de Lacan frente ao texto é outra: ele é letra, como causa de desejo para o leitor. O leitor deve entregar-se ao im-pressinar do texto e por em ato sua divisão de sujeito para que algo da ordem de um não-saber se produza. Enfim, a prevalência do texto, do saber textual, aponta para uma prática que enoda o analista e o analisante na direção da cura: “É por isso que digo que nem no que diz o analisando, nem no que diz o analista, há outra coisa senão escrita.” (LACAN, 1977, p. 1) Essa frase encontra-se em um dos últimos seminários de Lacan, o *Momento de concluir*, de 20 de dezembro de 1977, e ela indica a crescente formalização da noção de escrita em Lacan, como oriunda do campo da clínica psicanalítica. A aproximação do escrito responde, em Lacan, às exigências clínicas.

O escrito como noção do campo da clínica ganha inclusive uma interessante leitura da psicanalista francesa Solal Rabinovitch. Segundo ela, haveria uma terceira teoria da transferência em Lacan. O “saber suposto sujeito” que é o escrito, formulado por Lacan na lição de 9 de abril de 1974, no seminário *Les Non-dupes errent*, indicaria para Solal:

Se **ele** [o sujeito em análise – grifo meu] se serve do “saber suposto sujeito” que é o escrito (anagrama de “sujeito suposto saber”), o analista pode, na

análise, fazer-se sujeito (supor-se sujeito) do saber constituído pelo escrito da marca. O significante da transferência (que é o endereço do sujeito, para o analista) poderá representar o sujeito para as marcas  $S_2$  que este procura (e não para um significante qualquer), com a condição de inscrever-se primeiro. Trata-se, pois, ao mesmo tempo, de dar conta dessa inscrição possível ( $S_1$ ), e de apreender o saber contido nas marcas ( $S_2$ ) do saber que elas contêm. Uma vez apreendido, esse saber será suposto sujeito. (RABINOVITCH, 2005, p. 28)

Para Solal, é como um anagrama do “sujeito suposto saber” que encontramos o escrito na dimensão de um “saber suposto sujeito”, endereçado a um saber contido na marca. O “saber suposto sujeito” que o escrito é constituiria uma terceira teoria da transferência em Lacan. A afirmação de Solal vai ao encontro do esforço lacaniano, em seus últimos seminários, de formalização de uma escrita lógica do gozo. O saber em causa numa análise é da ordem do textual. O inconsciente implica tanto o analista quanto o analisante numa prática da letra.

O saber textual, na escrita de Michel Leiris, interessa, pelos motivos assinalados, ao campo de investigação da clínica psicanalítica. A escrita de Leiris será lida, a partir de agora, numa dupla vertente: como uma letra que causa o desejo do leitor que se implica em sua leitura e como um escrito que nos convoca pela transferência à produção de algum saber. A escritura leirissiana, portanto, enfatiza de modo crucial as articulações entre clínica e escrita.

Mas que escritura é esta? Ora científica (etnológica), ora autobiográfica e em outros momentos romanesca e poética – essa distributividade da escrita, seu próprio espaçamento, é o nó pelo qual se apresenta a radicalidade do empreendimento de Leiris.

E o que seria uma escrita autobiográfica? Mencionamos neste trabalho a escrita de Graciliano Ramos. Pode-se lembrar outros gigantes desse “gênero literário”, tais como *As palavras*, de Jean Paul Sartre, e o próprio “Estudo autobiográfico”, de Sigmund Freud. Porém, em Michel Leiris, a autobiografia não é um gênero, mas sim uma gênese. É uma busca

incessante, radical e rigorosa, dos momentos marcantes pelo qual o sujeito é tomado na e pela palavra. No prefácio ao seu primeiro livro “autobiográfico”, Leiris define a autobiografia:

Por meio de uma autobiografia relacionada a um domínio no qual, geralmente, a reserva é indispensável – confissão cuja publicação me seria perigosa à medida que seria comprometedora e suscetível de tornar mais difícil, ao torná-la mais clara, minha vida privada – eu buscava desembaraçar-me decididamente de certas representações incômodas e, ao mesmo tempo, distinguir com o máximo de pureza meus traços, tanto para uso próprio quanto para dissipar toda idéia errônea que os outros pudessem ter de mim. (LEIRIS, 1939, p. 17)

O projeto autobiográfico leirissiano é o da confissão. Uma confissão que objetiva ao mesmo tempo um desembaraço de “certas representações incômodas” e o estabelecimento, com o maior rigor possível, de uma purificação de seus traços, para um uso próprio e também “para dissipar toda idéia errônea” que os outros possam ter dele. A autobiografia em Leiris não é, por essas razões, inventário de lembranças e reminiscência, ela é busca incessante da depuração de momentos cruciais que o fundam como sujeito/escritor.

Leiris destaca, ainda, no prefácio de *A idade viril*, o verdadeiro sentido da confissão como um método:

[...] o **autor** [deste livro, grifo meu] [...] não desmente o seu propósito último: busca de uma plenitude vital que não se poderia obter antes de uma catharsis, uma liquidação, da qual a atividade literária – e particularmente a literatura dita “confessional” – é um dos mais cômodos instrumentos. (LEIRIS, 1939, p. 15-16)

A equivalência entre a “literatura de confissão” e a catarse ilustra de modo enfático o contexto no qual foi escrito esse primeiro livro autobiográfico. Leiris inicia em 1929 um tratamento psicanalítico com Dr. Adrienne Borel. Adrienne Borel, analisado por sua vez por Rudolph Loewenstein, foi um dos fundadores da Sociedade Psicanalítica de Paris (1926) e um dos pioneiros do grupo da Evolução Psiquiátrica. A reputação de Borel no meio psicanalítico da época era a de um clínico que tratava os artistas e intelectuais da Paris do entre-guerras.

Por sua vez, Leiris inicia sua análise com Borel a partir da insistência de Georges Bataille, amigo íntimo de Leiris e também analisante de Borel. Leiris busca uma análise com o objetivo de se livrar do alcoolismo, da inibição ao escrever e de “certas tendências masoquistas”.

*A idade viril* (1939) reflete, portanto, os efeitos desse tratamento clínico. No livro, encontramos relatos de sonhos, lembranças de infância, descrições de fatos da vida sexual de Leiris. Porém, se de certa forma a análise contribui para o aspecto formal do livro, percebe-se no conteúdo de *A idade viril* um traço particular do autor: a busca por uma escrita que se dirigisse, em ato, a ele próprio:

Escrever um livro que representasse um ato foi em suma, o objetivo que achei que devia buscar quando escrevi *A idade viril*. Ato em relação a mim próprio, pois ao redigi-lo eu pretendia elucidar, graças a essa formulação, certas coisas ainda obscuras para as quais a psicanálise, sem torná-las inteiramente claras, havia despertado a minha atenção quando a experimentei como paciente. (LEIRIS, 1939, p. 19)

Um ato literário, em suma, que vai além da elucidação contida no tratamento psicanalítico, e que por sua vez esse ato de escrever possibilita a elucidação de “certas coisas ainda obscuras”.<sup>10</sup> Essa é a crença de Leiris na escrita: a escrita confessional é reveladora da obscuridade presente em todo ser humano. Confessar-se pela escrita é um ato redentor e transformador. O confessar como forma de tornar público aquilo que é privado.

Mas encontramos no prefácio de *A idade viril* um outro elemento transcendente ao próprio ato confessional. Esse prefácio, escrito em 1946 para uma segunda edição do livro, intitula-se “Da literatura como tauromaquia” e revela a paixão infundável de Leiris pelas touradas. O que a tourada encerra e atualiza é o real risco da morte – a morte é o elemento transcendental à confissão nesse prefácio e sua temática é essencial na escritura leirissiana. A

---

<sup>10</sup> Em carta endereçada a Bataille, alguns anos após o tratamento psicanalítico, Leiris diz que não esperava muita coisa em relação ao tratamento e que usava as sessões de psicanálise como alguém que toma aspirina para curar uma dor de cabeça.

literatura, o ato de escrever para Leiris, além de ser confissão é o risco da morte, tal como o toureiro na arena ao enfrentar o touro: “O matador que corre perigo em nome da oportunidade de ser mais brilhante que nunca, e mostra toda a qualidade de seu estilo no instante em que é mais ameaçado: eis o que me maravilha, eis o que eu queria ser.” (LEIRIS, 1939, p. 17)

A escritura de Leiris não é uma encenação, mas o próprio ato da vida e da morte. A regra tauromáquica impõe ao toureiro uma arte, um exercício no qual o que está em jogo é a vida e a morte. Essa regra, longe de ser uma proteção, é o próprio estabelecimento do risco, uma vez que o toureiro, ao estocar e ferir a fera, coloca o seu corpo ao alcance dos chifres. Da mesma forma, Leiris se expõe ao escrever suas lembranças de infância, seguindo uma regra fundamental: “Falei [...] da regra fundamental (dizer toda a verdade e nada mais que a verdade) à qual se submete aquele que pratica a confissão. [...] Pois dizer a verdade, nada mais que a verdade, não é tudo: ainda é preciso abordá-la com firmeza e dizê-la sem artifícios [...]” (LEIRIS, 1939, p. 22)

A busca de uma regra e a observância dessa regra em nome da verdade constituiu-se em um desejo de se expor. O risco da morte é a condição necessária para esta exposição, daí todo o método rigoroso e científico no qual os livros autobiográficos são escritos por Leiris: ele usa fichas onde registra os acontecimentos marcantes de sua vida; interroga exaustivamente a mãe e a irmã mais velha sobre a veracidade dos acontecimentos; enfim, comporta-se como etnólogo em relação a sua própria vida – pesquisa os acontecimentos com a frieza própria do cientista.

Escrever, então, é colocar-se diante dos chifres afiados do touro. A literatura só pode ser pensada a partir da condição humana: que é olhar de frente os chifres do touro. Mas o que dizer da morte, nessa regra que a escrita é para Michel Leiris? Leiris sempre escreveu no limite da morte. Sua vida habitou esse limite. É o que atestam as longas crises de melancolia e as tentativas de suicídio, uma das quais no final dos anos 60, em companhia de Bataille, e que

resultou num coma e posteriormente numa traqueostomia. Leiris descreve com minúcias, em *A idade viril*, o que é o suicídio:

Eu não compreendia exatamente em que consistia o suicídio [...]. A única coisa clara que percebia era a própria palavra “suicídio”, cuja sonoridade eu associava à idéia de incêndio e à forma serpentina do Kris, e essa associação está tão enraizada em meu espírito que ainda hoje não posso escrever a palavra SUICÍDIO sem rever o rajá em seu cenário de chamas: há o S cuja forma e o sibilar me lembram não apenas a torção do corpo preste a cair, mas a sinuosidade da lâmina, UI, que vibra curiosamente e se insinua, se assim se pode dizer, como a fusão do fogo ou os ângulos obtusos de um raio congelado, o CÍDIO, que intervém, enfim, para tudo concluir, com seu gosto ácido que implica algo de incisivo e afiado. (LEIRIS, 1939, p. 32)

Todo esse relato descreve um encontro de Leiris, na infância, com um suplemento ilustrado de jornal. Nele encontrava-se estampado o suicídio de um rajá com suas mulheres, em meio a um incêndio. A descrição minuciosa de Leiris narra o rajá ao fundo do incêndio que havia dizimado suas mulheres, no momento em que se apunhalava no peito com um kris (punhal de lâmina ondulada). A visão, na infância, dessa figura proporciona a Leiris escrever o suicídio em *A idade viril* a partir da associação com esta palavra “cuja sonoridade associava com a idéia de incêndio e a forma serpentina do kris [...]” (LEIRIS, 1939, p. 32) Percebe-se aí um jogo constante na escritura leirissiana, as associações particulares, o sentido particular que as palavras lhe ocasionam. Desse modo, *A idade viril* inaugura um momento de fala, ou melhor, de escrita do mutismo da infância, pois nesse livro Leiris busca dar voz ao silêncio da infância. Esse aspecto é destacado por Maurice Blanchot: “*A idade viril* é justamente esse momento da maturidade em que o reinado da intimidade silenciosa, do mutismo em si e sobre si que é o da infância e da adolescência, é brutalmente cortado por uma palavra exigente, explicativa e denunciadora.” (BLANCHOT, 1997, p. 241)

Nesse belíssimo artigo sobre Michel Leiris, Blanchot conclui que a “complacência do silêncio”, que é a falta da primeira idade, a da infância que “não quer dizer nada e não tem

nada dizer”, a “idade viril” substitui pela “complacência da linguagem”, da ordem “de uma falta que quer ser reconhecida como falta”. O recurso à infância em Leiris é para fazer falar aquilo que não é falado. É procurar, nesse período, um silêncio que fala.

Blanchot refere-se a uma “palavra exigente, explicativa e denunciadora”, que corta o reino da infância em Leiris. Uma palavra brutal, que o retira dos seus jogos íntimos infantis e o força a escrever a partir das obscuridades de sua vida.

Após a experiência autobiográfica de *A idade viril*, Leiris se ocupará de escrever as “regras do jogo”. Mas o que são as “regras do jogo”? São quatro volumes nos quais Leiris narra o seu percurso da infância até a velhice. Enumera cada etapa: volume 1: Biffures (1948); volume 2: Fourbis (1955); volume 3: Fibrilles (1966); volume 4: Frêle Bruit (1976). Qual a diferença entre a autobiografia de *A idade viril* e a de *A regra do jogo*?

Segundo Denis Hollier, em entrevista à *Magazine Littéraire*, n.302, de setembro de 1992 e dedicada a Leiris, entre *A idade viril* e *A regra do jogo* há um fenômeno importante: “a irrupção da história”.<sup>11</sup> Segundo Hollier, esse fato não passa despercebido a Leiris. Seus quatro volumes são escritos a partir de um movimento na França, pós-segunda guerra mundial. Nesse período, surgem projetos gigantescos, tais como *A náusea*, de Sartre; Mahaux começa o seu *A luta com o anjo* e Aragon escreve *Os comunistas*. O que estes projetos contemporâneos têm em comum, segundo Hollier, é “o traumatismo histórico no qual se enraízam sua inspiração, a história força a tomada da escritura”. (MAGAZINE LITTERAIRE, n.302, 1992, p. 23)

É do ponto deste traumatismo histórico que *A regra do jogo* pode ser lida. O projeto desses escritores negocia com a “interpretação finita e infinita dos acontecimentos de 1938-1945” (MAGAZINE LITTERAIRE, n.302, 1992, p. 23). Em Leiris, esse projeto se intensifica. Há uma certa continuidade entre *A idade viril* e *A regra do jogo*. No

---

<sup>11</sup> As traduções do francês, neste capítulo, são do autor desta dissertação.

prosseguimento do veio autobiográfico, *Biffures*, o primeiro volume de *A regra do jogo*, centra-se no relato de um acontecimento traumático da história pessoal de Leiris.

Antes de entrarmos na leitura de *Biffures*, cabe perguntar: o que seria essa “regra do jogo”? Em *A idade viril*, a regra é o que faz entrar no jogo e ao mesmo tempo aquilo que coloca em perigo, como podemos observar pela regra tauromáquica descrita por Leiris. A escrita é para ele ao mesmo tempo um risco de vida e um risco de morte, que se enlaça à sua própria vida. Em 1985, em seu livro *Langage, tangage ou ce que les mots me disent*, Leiris descreve as regras do jogo:

A regra do jogo: quatro volumes tão longos para se redigir que o seu estabelecimento ocupa-me desde a mais tenra infância até um ponto avançado de minha velhice, ilustram maravilhosamente uma ironia: pretendi escrever para chegar à melhor maneira de viver e para ter, no fim das contas, levado nada mais que uma vida de escritor. (LEIRIS, 1985, p. 139)

Para além de uma certa decepção contida nessa avaliação tardia, o que *A regra do jogo* estabelece é uma ocupação, da infância à velhice, e, nesse sentido, inaugura-se uma pesquisa – o Leiris escritor autobiográfico aproxima-se de pesquisador etnológico, é preciso pesquisar e estabelecer as regras do jogo. Mas qual é a regra? Em *Biffures*, a regra é a maneira como todos falam em sua língua corrente, a maneira como todos nós temos de nos situar em relação à linguagem ordenada, à sintaxe. Como etnólogo, interessa a Leiris não as relações de parentesco, que aliás ele abominava, mas sim o tema do segredo, da iniciação, das línguas secretas e da possessão nos povos primitivos. Em *Biffures*, admiravelmente, escritor e etnólogo encontram-se: trata-se de pesquisar a língua antes do ordenamento da linguagem. É preciso a Leiris estabelecer o ponto traumático em que ele abandona um modo próprio de falar para poder falar como os outros.

Leiris abre *Biffures* nesse ponto. São três páginas para descrever um acontecimento crucial de sua infância. “Biffures”, segundo o *Dictionnaire de la langue française Petit*

*Robert*, é “ação de riscar, traço pelo qual se risca uma ou várias palavras com o objetivo de anulá-las” (LE PETIT ROBERT, 1993, p. 220). “Biffures” também é rasura e podemos propor como tradução para esse volume: *Rabiscos/Rasuras*. O primeiro volume da regra do jogo é um levantamento minucioso desse momento da infância anterior à linguagem ordenada e à aprendizagem da escrita. Há, porém, um outro sentido para “biffures” em Michel Leiris, segundo sua biógrafa Aliette Armel: “**Ele** [Leiris – grifo meu] define os ‘biffures’ (que é origem do primeiro volume de *A regra do jogo*) como um tipo de jogo de palavras dos fatos, que dão o sentimento de estar momentaneamente entrando em contato com algo essencial.” (ARMEL, 1997, p. 13)

*Biffures* é um método de investigação: entrar no essencial a partir dos jogos de palavras. É assim que Leiris define o seu extenso fichário, em que ele registra toda sorte de lembranças, atos falhos, sonhos e equívocos da linguagem experimentados por ele durante toda sua vida. Essas fichas tornaram-se a base principal de dados de sua pesquisa autobiográfica, bem como as entrevistas com os seus familiares. Mas, para além do método, *Biffures* é seguir, principalmente em *A regra do jogo*, as associações, as bifurcações da memória em sua pluralidade e ramificação e não em sua unidade.

A idéia do jogo encontra-se formulada pela psicanálise. Freud, em seu livro sobre os chistes, descreve o jogo:

O jogo – guardemos esse nome – aparece nas crianças que estão aprendendo a utilizar as palavras e a reuni-las. [...] Ao fazê-lo, deparam com efeitos gratificantes, que procedem de uma repetição do que é similar, de uma redescoberta do que é familiar, da similaridade do som, etc. e que podem ser explicados como insuspeitadas economias na despesa psíquica. (FREUD, 1977 [1905], p. 151)

Para Freud, há um gozo no jogo. O jogo das crianças produz um prazer ao lidar com as palavras sem se preocupar com o sentido e a coerência. Em Lacan, o jogo é pensado como

uma tentativa de responder algo a partir do lugar do Outro. Em Michel Leiris, *A regra do jogo* escreve-se a partir de uma perda, a perda na qual a incidência do Outro da linguagem desvitaliza a sua palavra, usada na intimidade de seus jogos infantis. Percebe-se em Leiris um movimento de mortificação em sua entrada na linguagem ordenada, na linguagem socializada. A perda relatada nas três primeiras páginas de *Biffures* – formulada a partir de um equívoco da língua – instala em Leiris um sentimento melancólico em relação à sua vida.

Leiris inicia o primeiro capítulo de *Biffures*, denominado “...reusement!”, com uma descrição detalhada de sua casa, a sala de jantar, o sol “implacável” que ilumina os móveis. O cenário é minuciosamente composto, como um verdadeiro pano de fundo de um acontecimento marcante. Um soldado de chumbo, “verdadeiramente francês”, é descrito em seus detalhes: o seu uniforme, a loja onde foi comprado. A narrativa de Leiris agrega a sala de jantar da família, o soldado e a criança como se fossem uma coisa só. O soldado de chumbo cai do alto da mesa. O pequeno Leiris descreve a cena: “Um de meus brinquedos – e pouco importa qual ele fosse: era suficiente que fosse um brinquedo – um dos meus brinquedos havia caído. [...] Um dos meus brinquedos, ou seja, um dos elementos do mundo ao qual, nesse tempo, eu me encontrava estreitamente ligado.” (LEIRIS, 1946, p. 11)

Leiris encontra-se apreensivo com a possibilidade de o soldadinho ter-se quebrado. O menino corre, olha-o, examina e exprime: “...reusement!”<sup>12</sup> A cena se completa com a presença de um outro, que segundo Leiris poderia ser a mãe ou a irmã mais velha, que, ao ouvi-lo dizer “...reusement!”, corrige-o, dizendo que a expressão correta é “heuresement”. Tomando a tradução de Angelina Harari, não é *flismente* que se diz, e sim *felizmente*.

Leiris relata essa intromissão do outro como um corte: “A observação cortou minha alegria – deixando-me, num instante breve, embaraçado – a alegria havia me preenchido,

---

<sup>12</sup> No artigo de Jacques Alain-Miller sobre o “Escrito na Palavra” esta expressão foi traduzida por Angelina Harari como *flismente*. Aqui, deixaremos no original, em função do jogo implícito no francês com o *Heuresement*.

agora meu pensamento estava inteiramente ocupado por um sentimento curioso, cuja aflição me leva hoje a percebê-lo como um estranhamento.” (LEIRIS, 1946, p. 11)

A presença do outro que o corrige arranca Leiris de seu mundo próprio, do uso particular de sua linguagem. O sentimento é o do embaraço e do estranhamento. O Outro da linguagem, do código, impõe-lhe a sua regra: é “Heuresement” que se diz. A voz do outro é um corte na sua alegria. Leiris escreverá, até o final de sua vida, a partir dos jogos de palavras. Sua escrita será a busca incessante por uma língua anterior à língua pátria. Buscará escrever de modo a fazer viver a língua. A linguagem ordenada e socializada é a morte da palavra: pode-se, assim, entender a fixação de Leiris em relação à morte. A linguagem ordenada é a morte a que se consente, com suas significações pré-estabelecidas, ela é a forma de se falar comum a todos. “O que era antes algo meu fica agora socializado.” (LEIRIS, 1946, p. 12)

A *regra do jogo* é a maneira de descrever ironicamente duas coisas. A primeira regra, o falar como todo mundo, é a morte da palavra. O jogo é a tentativa de fazer vivificar a palavra pelo som, pelo timbre da voz. A escritura de Leiris sempre buscará uma escrita na qual a palavra renova-se por sua homofonia. É o que ele precisamente faz em seu glossário particular em *Langage, tangage...*:

Langage (engage au jeu, par élan)  
lexique – quel mexique  
littérature – ton rite et ton rut, ton  
râle et ta lutte. (LEIRIS, 1985, p. 37-8)

Leiris usa o jogo contra a regra. O glossário, o dicionário é um ordenamento pela semântica. O glossário particular leirissiano é um ajuntamento de palavras por sua sonoridade. Leiris encera o primeiro capítulo de *Biffures* fazendo as seguintes considerações a partir da palavra “...reusement!”:

Pois essa palavra mal pronunciada, e sobre a qual acabo de descobrir que não é, na realidade, o que acreditei até então, me colocou num estado de sensações obscuras – graças à espécie de desvio, de intervalo que foi, por esse fato, impresso em meu pensamento – no qual a linguagem articulada, tecido aracnídeo de minhas relações com os outros, me ultrapassa, brotando por todos os lados suas antenas misteriosas. (LEIRIS, 1946, p. 12)

Leiris indica um ultrapassamento, uma comoção e um afeto no seu encontro traumático com o Outro. Sua felicidade está cortada, sua alegria esvai-se a partir da “linguagem articulada, tecido aracnídeo de minhas relações com os outros”. Porém, para avaliarmos melhor a tese segundo a qual Leiris escreve uma língua, será necessária uma leitura do segundo capítulo de *Biffures*, onde ele descreve o que é a apreensão das canções quando se é criança – apenas pela audição.

## . “CHANSONS” – OS MONSTROS ORAIS

Michel Leiris abre o segundo capítulo de *Biffures*, intitulado “Chansons” (*Canções*), da seguinte forma:

Quando ainda não se sabe ler, quando ainda não se aprendeu, sistematicamente, as listas mais ou menos longas de palavras contidas no Pautex, destinadas aos estudantes do grupo colegial e graças às quais eles podem enriquecer o seu vocabulário, assimilando, de aula em aula, novos termos (agrupados segundo o sentido e não classificados por sua ordem alfabética, como é o caso dos léxicos e dicionários), quando não se está ainda iniciado no grande mistério da leitura ou, novato ainda, vê-se na obrigação de penetrar nas palavras – aprendidas apenas pela audição – elas se apresentam como estranhas figuras nas quais se pode reconhecer, ao vê-las, um negro sobre o branco, os escritos. Que monstros orais são assim forjados! Que criações sanguíneas se movem sobre este plano, que, mais tarde, aparecerão fantásticas! (LEIRIS, 1946, p. 13)

O modo como Leiris inicia esse segundo capítulo de seu livro é muito esclarecedor, sobretudo quando associado ao primeiro capítulo, “...reusement!”. Podemos dizer que a escritura leirissiana define-se na conjugação desses dois capítulos, apresentando, assim, um projeto e uma resistência.

O projeto explicita-se pela busca de uma linguagem, que é aquela da criança “quando ainda não se sabe ler”. A escritura leirissiana desdobra-se inteiramente nesse projeto de escrita de uma língua anterior ao aprendizado da escrita e da leitura. A essência deste projeto é a apreensão das palavras apenas pela audição, antes de se saber ler e escrever, através de associações particulares entre as palavras, reagrupadas pela sua assonância e não por seu sentido. O jogo de palavras é, portanto, um dos pilares do edifício da escritura leirissiana.

Assim, uma resistência destaca-se a partir da leitura comparativa desses dois primeiros capítulos. Para além de seu projeto de escrever sempre no nível de uma língua anterior ao ordenamento da linguagem e da alfabetização, o projeto de Leiris é manter sua escrita imune ao contágio da linguagem ordenada. A escritura leirissiana é pura. Leiris não permite que a linguagem ordenada, lexical, desvitalize a sua língua feita de sons, sem relação com o sentido.

Esse projeto e essa resistência, não por acaso, encontram-se na leitura dos dois primeiros capítulos de *Biffures*. Se, no primeiro capítulo, o par “heureusement/reusement” é o relato de um encontro traumático com a linguagem falada por todos, “Chansons” explicita qual vai ser, a partir de então, o projeto de escritura de Leiris: apreender as palavras só pela escuta, antes de se alfabetizar. Assim, podemos concluir, em relação ao capítulo “...reusement!”, que aí também se lê uma resistência em relação ao Outro da linguagem, que mortifica e desvitaliza a palavra de Leiris.

O interessante é que Leiris foi um ativista político. Ele abordou em alguns artigos sua causa no campo da política. Durante a ocupação nazista na França, fez parte da resistência. Sempre se definiu como anticolonialista, defendendo os países colonizados pelo governo

francês. Autoproclamava-se um ativista e simpatizante da extrema esquerda. Seriam esses ecos de sua conturbada relação com o Outro?

Sua biógrafa Aliette Armel postula que os jogos de palavras em Leiris seguem uma tradição advinda do surrealismo:

Essa presença da linguagem é central nas preocupações dos escritores da geração surrealista. Permitem, por exemplo, a reunião de referências íntimas ao redor de exemplos idênticos: a ária de Manon Lescaut, *Adeus, nossa pequena mesa*, sobre a qual Leiris se aplicará no segundo capítulo de *Biffures*, fora invocada nos anos 20 por Louis Aragon, num contexto bem mais polêmico, em seu *Tratado do estilo*. Pode-se encontrar, ao redor da teoria do nominalismo proclamado tanto por Breton quanto por Aragon, a crença no “poder criador das palavras”, dando ao homem a capacidade de transformar o mundo. (ARMEL, 1997, p. 228)

Certamente alguns elementos da vanguarda surrealista encontram eco na escritura de Leiris, porém o modo incisivo como em *Biffures* a escritura comporta um projeto e uma resistência possibilita-nos afirmar que a escrita leirissiana é da ordem do singular. O próprio Michel Leiris dizia-se rompido com o surrealismo. Para além de uma pretensa inscrição numa tendência vanguardista, a escrita em Leiris é a sua marca mais viva em relação ao Outro mortificante da linguagem.

Leiris fala-nos de “monstros orais”. É uma descrição marcante de como o sujeito lida com as palavras e as músicas, as rimas, com o único recurso da audição, sem ainda poder ler e escrever. A apreensão apenas pela escuta revela a ausência da linguagem ordenada, que permite separar e classificar as palavras e locuções. O que os *monstros orais* revelam é uma escuta que não é da ordem do léxico e sim da pura assonância das palavras:

[...] se o falar mais comum – que é o que ouvimos todos os dias – apresenta-se ao jovem iletrado carregado de enigmas e de dificuldades, que seria para ele a linguagem cantada, em que o ritmo, forma particular de realizar os laços, e a própria música produzem um embaralhar maligno de cartas e fazem, da frase assim proferida, a sentença mais obscura que jamais possa ter escapado dos lábios do oráculo. (LEIRIS, 1946, p. 13)

É habitar o puro mal-entendido da língua. Dessa forma, tanto o projeto quanto a resistência leirissiana é uma escrita que recupera o jogo com as palavras, o mal-entendido infantil, o borbulhar da palavra no equívoco em que é escutada. Toda a escritura leirissiana aproxima-se admiravelmente do conceito lacaniano de *lalíngua*.

Ainda no segundo capítulo de *Biffures*, Leiris nos dá como exemplo sua apreensão particular do verso de Manon Lascaut, “Adeus, nossa pequena mesa!”.<sup>13</sup> É uma lembrança de sua infância, quando ouvia esse verso, recitado pela irmã mais velha. Leiris descreve o recorte absolutamente singular de sua escuta:

[...] muito estranho oferecia-se a mim este verso do duo de Manon, quando ouvia a minha irmã – uma jovem com sua longa saia – a cantar.

Adeus, nossa pequena mesa!

[Adieu, notre petite table!]

diz Manon pronunciando conscienciosamente o *e mudo* que separa os dois *t*, os dois últimos *t* da série de três, esses dois últimos que parecem não ser senão ecos titubeantes do primeiro, no qual a língua tropeça. Ti-Te-Ta. O *e* de *te*, entre o *i* de *ti* e o *a* de *ta*, longe de ser escamoteado, está suficientemente marcado para que a sílaba *te* tome consistência, espessura, se transforme em objeto, e, largando o adjetivo “pequena”, se acople ao substantivo “mesa”, que designa um corpo sólido, um volume de madeira maciça [...] Eis a mesa transformada em quenamesa [*table* em *tetable*]. Depois se torna um nome masculino (*totable*) para batizar não sei que estranho instrumento: *étable*, *retable*, *totem*, *lavabo* de onde escorre água potável ou não potável, todos os vocábulos que passam pela cabeça nesse momento para classificar uma coisa indefinida que sei que era um objeto, algo ocupando um pedaço do espaço em um quarto onde se despediam Des Grienk e Manon, algo que é ao mesmo tempo uma mesa e pouco mais que uma, a qual se acrescentava uma qualidade particular que a transformava inteiramente e que a adjunção inicial desse *te* arrancado a “*petite*” exprimia inexplicavelmente. (LEIRIS, 1946, p. 20-21)<sup>14</sup>

A maneira própria e singular como Leiris exprime através de sua escuta o verso recolhido dos lábios da irmã presentifica o mal-entendido, as associações particulares e o jogo de letras e palavras. Esse episódio do verso aparece após Leiris ter explicitado o objetivo de

---

<sup>13</sup> No original: “Adieu, notre petite table.”

<sup>14</sup> A tradução desse trecho foi baseada na tradução de Angelina Harari para o artigo de Miller, “O Escrito na palavra.”

sua busca, ou seja, o que é escutar as palavras antes de se aprender a ler e a escrever. Miller aproximará esse relato de Leiris da *lalíngua* lacaniana: “Lacan chama alíngua em uma única palavra, é quenamesa [*tetable*]. Indica-nos uma operação leirisiana lendo em uma única palavra o artigo e o substantivo – alíngua” (MILLER, 1996, p. 99)

Segundo ainda Jacques Alain-Miller, o que a escritura de Leiris revela é o equívoco e a homofonia próprias da noção de lalíngua lacaniana. Para Miller, a interpretação em Lacan, depois do advento de lalíngua, é uma interpretação que restitue lalíngua, “atacando a própria relação daquilo que se escuta ao que se diz”. (MILLER, 1996, p. 99)

A defasagem entre o que se escuta e o que se diz é o cerne da escritura de Leiris. Sua decisão íntima é a de escrever no equívoco, o seu projeto consolida-se numa perspectiva em que a linguagem é desmembrada, maltratada. Em 1985, com o seu livro *Langage, Tangage ou ce que les mots me disen*, Leiris define o seu procedimento em relação à linguagem: “Minha propensão um pouco iconoclasta de desmanchar a linguagem com jogos de palavras mistura-se, utopicamente, à esperança de instituir, por sua vez, uma linguagem menos arbitrária, uma conexão autêntica com as coisas cuja a missão é nos falar.” (LEIRIS, 1985, p. 178).

*Langage, Tangage...* de 1985, além de apresentar um glossário próprio, é por assim dizer um tratado do método leirissiano. Não só explicita o objetivo de “desmanchar” a linguagem, como nesse livro encontramos em vários momentos temas recorrentes da obra de Leiris. O próprio glossário nada mais é que um *pôr em ato* da escrita leirissiana, em sua lalíngua. O ordenamento desse glossário segue, via de regra, todo o procedimento de Leiris.

Qual é o procedimento de Leiris? Maltratar e desmembrar a linguagem a partir dos jogos de palavra, dos jogos fônicos, das aliteraões. O que se produz como efeito não é o sentido, mas a ausência de sentido. Talvez, aqui, possa-se retificar o termo usado neste trabalho para designar o empreendimento de Leiris. Trata-se de um projeto, isto é um projétil,

onde o escritor se lança, mas o que se impõe como escrita a Leiris não é da ordem de uma escolha voluntária:

Partir das palavras e fazer disto aquilo que elas pensam por mim (me ditam no lugar de serem ditadas por mim): condição, creio, de um dizer que não seria para se discorrer (assujeitar as palavras à uma narrativa, relevaria de um híbrido sobre o qual desemboca a escrita automática, ou a uma ruminação do pensamento) mas que se imporia a nossa escuta [...] (LEIRIS, 1985, p. 110-111)

Leiris escreve a partir de uma imposição: as palavras o ditam, mais do que ele próprio as dita. A imposição é a do som das palavras ao seu ouvido. Em *Biffures*, suas rasuras de infância, o jogo “...reusement – heureusement” implica algo que é da ordem dessa imposição. O significante “...reusement” dos seus tesouros de infância é desvitalizado pelo “heureusement” da mãe, um corte que se impõe a Leiris e abole a sua alegria. Para além de um fortuito acontecimento da vida infantil do autor, esta cena organiza a função do escrito em Leiris. Ao final deste capítulo, discutiremos esse aspecto.

O livro *Langage, Tangage...* apresenta como subtítulo o seguinte: “sopa mântica ou simples tiques da glote”, enfatizando duas interessantes vertentes. A primeira é a recorrência ao jogo de palavras: “souple mantique” (onde se *adivinha* a aproximação de um enxame de palavras: *soupe, souffle, souple, supplément* – da sopa ao sopro, do leve ao suplemento, passa-se como num *simples tique*, que impossibilita a estabilidade do som e do sentido), que é, por associação, próxima à “semantique” (semântica). O jogo de palavras atua exatamente sobre a palavra que representa o sentido das palavras, ou seja, a semântica. E o que Leiris faz não é semântica, mas *sopa mântica*. A segunda é uma referência à audição: à voz, naquilo que ela é a materialidade, o tique da glote. Não é a voz discernível em vocábulos e representando uma significação. É a voz como materialidade pura, puro som indiscernível, puro traço. A voz em Leiris possui um estatuto de *objeto*.

Lacan formaliza o objeto (a) como sem substância. Os objetos, a saber, as fezes, o seio, o olhar e a voz são a-substanciais e esvaziados de sua materialidade substancial. A voz em Leiris é dessa ordem, da ordem do vocal e não do oral. Este privilégio dos restos de coisas ouvidas está presente em Freud, segundo Leila Mariné:

O objeto materno é chamado quando ausente e rejeitado quando presente, pelo mesmo registro do apelo: uma vocalização, como a que Freud sublinha no Fort-Da. É isso que permite ao sujeito estabelecer uma relação não só com o objeto real, mas com as marcas ou os traços que dele restam. (MARINÉ, 1999, p. 100)

O registro do vocal evoca em Leiris um apelo à voz, no que ela é puro timbre. Seu procedimento é vivificar o escrito pelo timbre. Neste sentido, o recurso ao vocal é, em Leiris, a busca obstinada não de um apelo, mas de um apego à voz em sua materialidade pura. Ele toma a vocalidade para afrontar a linguagem ordenada da sintaxe. É por este fato que ele introduz no escrito não a linguagem falada (falada por todos), mas o timbre da voz:

[...] minha linha literária jamais foi a de introduzir no escrito a linguagem falada [...] seria antes, sobre um modo resolutivamente subjetivo, de vivificar o escrito pelo timbre, dizendo de outra forma, trata-se de tornar patente em minhas páginas aquilo que nossos olhos lêem como subentendido por uma voz, a ocorrência da minha voz que não somente conta voluntariamente minha vida, mas é intrinsecamente a minha vida mesma... (LEIRIS, 1985, p. 115)

A voz emergente na escritura leirissiana é a sua, o que a voz decalca é o próprio Leiris, como um sujeito inserido numa linguagem que é gozo. O recurso à vocalidade é de certa forma a busca por uma língua iniciática e originária. Em Leiris, a voz coincide com o sujeito e o sujeito Leiris é o puro efeito dessa vocalização.

Percebe-se, pelo exposto até aqui neste capítulo, a cumplicidade da escritura leirissiana com a lalíngua lacaniana. Ambas assentam-se sobre os equívocos e os mal-entendidos infantis, apresentam-se como anterior à ordenação sintática da linguagem. Nelas,

há um excesso próprio a cada sujeito que por elas é determinado. Tanto em uma quanto na outra há um jogo de letras/palavras que obscurecem o sentido.

A obra leirissiana confronta de certa forma a prática do analista. A partir do conceito de lalíngua, cada analista é confrontado na clínica com a dimensão disparatada do sentido. A escritura leirissiana põe em causa alguns conceitos do campo da psicanálise. Por esse motivo, essa escritura força uma leitura psicanalítica.

## UMA LEITURA PSICANALÍTICA

O psicanalista Jacques Lacan faz, ao longo de sua obra, três importantes referências a Michel Leiris. Duas delas são quase coincidentes e separadas no tempo por aproximadamente trinta anos. A outra é um comentário sobre um livro recém-publicado de Leiris.

A primeira referência de Lacan a Leiris está no artigo “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1946), dos *Escritos*. O contexto no qual o nome de Leiris surge é muito curioso. Trata-se do momento em que Lacan se pergunta sobre as relações entre linguagem, verdade e significação:

A palavra [mot] não é signo, mas nó de significação. E se eu disser a palavra “cortina”, por exemplo, isso não é apenas designar por convenção o uso de um objeto, que pode ser diversificado, de mil maneiras pelas intenções com que é percebido pelo operário, pelo comerciante, pelo pintor, ou pelo psicólogo gestaltista como trabalho, valor de troca, fisionomia colorida ou estrutura espacial. Ela é, por metáfora, uma cortina [rideau] de árvores, por trocadilho, o mavihar e o riso da água [les rides et les ris de l’eau], e meu amigo Leiris domina melhor que eu essas brincadeiras glossolálicas. (LACAN, 1998[1946], p. 167)

O nome de Leiris surge a partir do “trocadilho” e das “brincadeiras glossolálicas”. O “amigo” de Lacan é reconhecido por ele próprio como alguém que domina melhor que ele o

dom de manejar línguas desconhecidas. No terceiro capítulo, ao apresentarmos a tradução de Haroldo de Campos para *lalangue*, voltaremos ao termo glossolalia. Campos o aproxima da noção lacaniana de lalíngua, e da raiz latina, lalatio, que é o balbucio. Percebe-se, já em 1946, o lugar exato dado a Leiris por Lacan: daquele que domina a língua em seu estado bruto, no balbuciar da palavra.

Não menos curiosa é a retomada dessa referência na obra lacaniana, aproximadamente trinta anos depois. Lacan a pronuncia na lição de 10 de dezembro de 1974, em seu Seminário RSI:

Se me permitem empregar um termo que me poderia ter tentado escrever as letras em uma outra ordem, no lugar de RSI, RIS, isso teria dado riso, esse famoso riso d'água que, justamente, em alguma parte nos meus Escritos, eu equívoco. Procurei a página ainda há pouco, alguém aí, um companheiro da primeira fila, tinha esses Escritos: encontrei, está na página 166, onde eu brinco com esse riso d'água, implicando inclusive 'meu caro amigo Leiris, dominando' e não sei o que mais (LACAN, 1974-75, p. 5)

Aqui o jogo é o das letras: RSI, RIS, que é ao mesmo tempo o riso d'água e o RIS de Leiris. Associação pertinente esta de Lacan, pois oscila do mestre das glossolalias ao mestre dos trocadilhos e jogos de palavras encarnado por Leiris.

Uma outra referência lacaniana encontra-se no Seminário, livro V, *As formações do inconsciente* (1957-1958):

Acaba de ser lançado, numa pequena coleção publicada por L'Homme, na editora Plon, um livrinho de Michel Leiris sobre os episódios de possessão e sobre os aspectos teatrais da possessão, que ele desenvolve a partir de sua experiência com etíopes do Gondar. Ao ler esse volume, vê-se claramente como episódios de transe de consistência incontestável aliam-se, casam-se perfeitamente com o caráter externamente tipificado, determinado, esperado, conhecido, pré-situado, dos chamados espíritos, que supostamente se apoderam da subjetividade dos personagens que são sede de todas essas manifestações singulares [...] E há mais – observa-se não apenas o papel convencional das manifestações que se reproduzem durante a encarnação deste ou daquele espírito, mas também o seu caráter disciplinável. A ponto de os sujeitos o perceberem como um verdadeiro adestramento desses espíritos, que, no entanto, supostamente se apodera deles. A coisa se inverte – os espíritos tem de se portar bem, tem uma aprendizagem a fazer. A possessão [...] é perfeitamente compatível com toda a riqueza significante

ligada à dominação exercida pelas insígnias de deus ou do espírito.  
(LACAN, 1999 [1957-1958], p. 350)

Se nas primeiras duas referências Lacan enfatiza a glossolalia e os jogos de palavras, aqui, Lacan, ao ler o livro de Leiris, revela o aspecto mais marcante da vida deste último. A relação do possuído com o espírito que o possui é o de disciplinar aquele que se apodera de sua subjetividade: o possuído tem de disciplinar o espírito. O “adestramento desses espíritos” de certa forma não está presente no relato leirissiano do “...reusement!”? Não se trata ali, realmente, de uma possessão? O objeto de investigação etnológica de Leiris confunde-se com o próprio Leiris. O episódio de infância que abre a “A regra do jogo” é uma possessão da linguagem ordenada, a qual Leiris responderá escrevendo por toda sua vida, como uma tentativa de desmembrar, a linguagem como forma de disciplinar esse “espírito” que o possui. A figura da mãe, ao lhe corrigir a partir do “heureusement”, não seria exatamente da ordem desta “dominação exercida pelas insígnias do deus ou do espírito”? O que a cena de Leiris revela é essa linguagem radicalmente outra que o possui no exato momento em que lhe é revelada.

O próprio livro de Leiris, *A possessão e seus aspectos teatrais nos etíopes de Gondar*, de 1958, nada mais é que um minucioso estudo sobre a temática do segredo, da iniciação, da possessão e sua relação com as línguas secretas. A pesquisa etnológica de Leiris sempre se dirigiu para o momento em que o “primitivo” era inundado pela linguagem.

Lacan apresenta, nestes instantes, uma leitura interessante da obra de Leiris, que de certa forma toca na própria vida do escritor. Na verdade, em Michel Leiris vida e obra se entrelaçam, são uma coisa só. Podemos perguntar aqui sobre uma continuidade entre vida e obra, porém podemos afirmar também que em Leiris não há vida sem a obra, ou seja, em Leiris a vida é a escritura. Ao escrever, na busca de sua língua, Leiris tenta se despossuir do espírito maligno da linguagem ordenada, serve-se dela para desarticulá-la, fazê-la dizer outra

coisa diferente do que ela diz. Este é um dos motivos pelos quais a escritura leirissiana interessa à psicanálise, pois há poucos relatos tão precisos da entrada do sujeito na linguagem.

Três psicanalistas contemporâneos se dedicaram a mencionar Leiris em trabalhos recentes. São eles, a saber, Eric Laurent, Jacques Alain-Miller e Eduardo Vidal. Passaremos a expor o estudo de cada um deles sobre a experiência de Michel Leiris.

Para Laurent (2002), a cena de infância de Michel Leiris é uma *lembrança encobridora*, expressão que remete ao artigo homônimo publicado por Freud em 1899. Freud interroga-se nesse trabalho a respeito da autenticidade das lembranças mais primitivas da infância. Ele conclui que uma lembrança infantil nunca é realmente autêntica em sua descrição fiel dos fatos. As lembranças infantis, segundo Freud, são deformações de nossos primeiros anos e uma lembrança encobridora nada mais é que esta própria deformação. Em síntese, uma lembrança encobridora deforma uma realidade que se quer ocultar e, nesse sentido, há uma prevalência da ficção sobre a verdade.

Laurent aponta a cena do “...reusement!” como uma lembrança encobridora da vida de Michel Leiris. A recordação de Leiris, segundo Laurent, é a relação com a felicidade ou, melhor dizendo, com a infelicidade e a mulher que o corrige. É o início da sua desgraça de viver e, ao mesmo tempo, aquilo que faz com que Leiris escreva sempre num “purismo” extremo, jamais permitindo que alguém lhe diga como escrever ou falar.

Laurent conclui afirmando que aquilo que é mais originário não é a escritura, mas sim a jaculatória do “...reusement”. Leiris percebe um significante no qual uma satisfação está presente. Para Laurent, é justamente uma operação da letra que vai de “Heureusemet” até “...reusement”, ou seja, uma letra que cai, “Heu”, e que reaparece na fala da mãe, “Heureusement”, e provocando

[...] a parte do gozo perdida, a felicidade perdida para sempre, de onde se deduz a posição subjetiva ligada a esta presença da infelicidade, infelicidade

que se encontra através de todas as significações, através de todos os efeitos de sentido, fundamentalmente uma infelicidade do ser que acompanha o sujeito. (LAURENT, 2002, p. 170)

Essa importante leitura de Laurent destaca o papel da letra em relação ao gozo. Há na cena de Leiris uma palavra que é puro gozo jaculatório, “...reusement” (...lizmente), a cena se completa com o “heureusement” (*felizmente*) da mãe, que o corrige. O esquema proposto por Laurent localiza primeiro o ...*lizmente*, do qual o *fe* cai. Com a mãe, retorna o *fe* do *felizmente*. O retorno dessa letra fixa um gozo para o sujeito, o que o felizmente inscreve é a parte do gozo perdida: “a felicidade perdida para sempre”. Esse movimento da letra produz uma posição subjetiva na qual o afeto resultante é a *infelicidade*.

A leitura de Laurent interessa-nos por vários aspectos. O primeiro é o de destacar na cena de Leiris o valor puramente de gozo do significante “...reusement”. Em suas páginas, Leiris descreve a satisfação erótica ligada a essa palavra de seus jogos infantis. O que Laurent recolhe aí é a característica profundamente gozosa desse significante primordial de Leiris.

Laurent fala-nos de uma operação da letra presente no par “Heureusement / ...reusement”. A presença da letra aí, para Laurent, não é da ordem dos efeitos de sentido. É a letra como litoral, reparando saber e gozo, e ao mesmo tempo inscrevendo-se entre “o efeito de sentido e o afeto de gozo”. Ora, o que é importante destacar nessa leitura é o papel fundamental da letra como litoral. É justamente por ter havido uma segunda concepção de letra em Lacan que foi possível a Laurent ler este acontecimento da vida de Leiris. Se o significante pensado no domínio da letra implica uma apreensão dos fenômenos clínicos a partir dos efeitos de sentido, a leitura da cena de Leiris estaria incompleta. A possibilidade de uma leitura que leve em conta o afeto de gozo implica necessariamente uma passagem pela letra como litoral, separada do significante. E por que razão podemos afirmar isto? Pelo motivo crucial de que a letra está fora do sentido e não representa um gozo, mas sim uma fixação de gozo, um gozo escrito. Esse fato será indicado no terceiro capítulo deste trabalho, a

partir da frase de Lacan “o escrito é o gozo”, pronunciada numa lição do Seminário XVIII, *De um discurso que não seria do semblante*.

Assim, a leitura de Laurent sugere uma apreensão do gozo pela letra. A cena ficcional de Leiris deve ser lida na perspectiva de um litoral, ou seja, de uma letra que não é gozo nem saber, mas limite entre eles. Enfim, para Laurent, a cena de Leiris produz uma identificação deste com a infelicidade, uma vez que a mãe de Leiris não recebeu o seu “...reusement”. O que se pode concluir da interpretação de Laurent é que a clínica psicanalítica é uma práxis na qual a orientação e sua respectiva leitura se dá a partir de efeitos que não são efeitos de sentido, tal como nos adverte Lacan no Seminário XXIII, *Le Sinthome*:

Há uma orientação, mas esta orientação não é um sentido. O que isto quer dizer? Respondi isto da última vez dizendo que o sentido talvez seja uma orientação. Porém a orientação não é um sentido desde que ela exclua o fato da copulação do simbólico e do imaginário no qual o sentido consiste. A orientação do real, em meu território, forclui o sentido.” (LACAN, 2005, p. 121)

A cena de infância de Michel Leiris causa uma leitura cuja orientação do real é a que forclui o sentido. Curiosamente, Lacan fala de *seu* território. Não é a letra que separa territórios heterogêneos? A orientação clínica lacaniana permite uma letra da qual o sentido está forcluído, por esta razão, a clínica psicanalítica, tanto a de Freud como a de Lacan, não é uma profusão infindável de sentido. Uma análise não é conduzida no nível do sentido.

Jacques Alain-Miller (1996) chama a atenção para vários aspectos interligados na escritura de Leiris. Descreve em primeiro lugar o júbilo, a alegria expressa no “...reusement!” de Leiris. Para Miller, trata-se de uma jaculação. “A jaculação é realmente um gozo que encontra um significante adequado.” (MILLER, 1996, p. 98) É inevitável, a partir da leitura de Miller, postular uma relação do “...reusement!” com os cantos jubilatórios de origem

religiosa. Em ambos os casos, parece haver uma conexão quase direta entre palavra e gozo. Para tanto, a afirmação de Miller remete a uma equivalência entre palavra e gozo.

Depois Miller enfatiza a característica de “inserção do sujeito na linguagem”, revelada pelas primeiras páginas de *Biffures*. O que Miller indica é o exato momento no qual Leiris, ao abrir o segundo capítulo, diz, “quando ainda não se sabe ler...”. Na leitura de Miller, o que está demonstrado na pesquisa leirissiana é um “ensaio de descrição do modo do ser falante na linguagem justamente anterior ao alfabeto” (MILLER, 1996, p. 98) Trata-se de um relato patente do sujeito, no nível em que ele se encontra, ou seja, no nível de lalíngua. O que se deduz da leitura de Miller é a íntima relação entre gozo e lalíngua.

Miller estabelecerá em seu artigo uma interessante distinção realizada por Leiris entre oralidade e vocalidade, conforme já indicamos. Porém Miller esclarece que a oralidade se dá no registro de introduzir a linguagem falada no escrito. Em Leiris, teríamos a vocalidade que é o recurso de vivificar o escrito pelo timbre, a ponto de Leiris dizer que a voz de seus escritos é a sua voz. Se a escritura de Leiris gira e gravita ao redor de sua cena traumática com o Outro, seria lícito perguntar sobre o estatuto da voz em Leiris. Seria a voz da escritura de Leiris, seu recurso à vocalidade, uma identificação sua com essa pura sonoridade encarnada no objeto (a)? O lugar de Leiris seria, após o trauma, não o do sujeito, mas sim o do resto, do a? São indagações que deixamos como um certo efeito de leitura, a partir dos escritos de Leiris.

Por fim, Miller interroga-se a respeito da interpretação analítica, de seu estatuto, a partir não da linguagem, mas de lalíngua. Mas o que significa dizer que, Lacan constrói na última parte de seu ensino uma interpretação no nível de lalíngua? Representa atacar a própria relação daquilo que se escuta com o que se diz – a interpretação incide sobre essa defasagem e o seu meio é o equívoco. No terceiro capítulo, veremos a partir da noção do escrito como *pas-à-lire*, em Lacan, que o sintoma não pode ser tratado pela injeção do sentido. O que Miller enfatiza é que o equívoco não só é o meio próprio de lalíngua, mas é também aquilo a que

todo analista deve estar atento na clínica, ou seja, o equívoco é índice da relação primordial do sujeito com a linguagem. Daí que uma palavra como “...reusement” insere-se como algo singular da lalíngua de cada um, nesse caso do escritor Michel Leiris.

Miller precisa ainda mais o conceito de lalíngua: ela não serve à comunicação. A finalidade de lalíngua é o gozo, aquilo que nada quer comunicar. O caso da cena de Leiris ilustra bem esse fato: o seu “...reusement” é dito num acontecimento privado e não há comunicação. Há uma intromissão do Outro em sua palavra, que a desvitaliza.

Leiris não busca a resposta do Outro. Esse fato, segundo Miller, equivale a uma diferenciação do registro da palavra, em Lacan. Num primeiro momento, para Lacan, a palavra é uma expectativa da resposta do Outro. Com a introdução da noção de lalíngua, não há mais a interpretação como resposta. Para Miller, “[...] o que busca o pequeno Michel Leiris na palavra não é de forma alguma a resposta do Outro.” (MILLER, 1996, p. 101) Dessa forma, há uma importante mudança de paradigma na clínica. Após o conceito de lalíngua, temos, em Lacan, uma nova concepção de *palavra* e de *letra*.

A leitura de Miller instiga-nos a perguntar se o “...reusement” leirissiano seria um chiste. Há aí um jogo espirituoso da palavra, há também um ganho de prazer. Porém falta a terceira condição para um chiste: o processo social. O “...reusement” não é um chiste pela simples razão de que Leiris guardou segredo desse acontecimento durante anos a fio da sua vida, não procurou ninguém para contá-lo. Foi apenas depois de longos anos que este episódio de sua vida foi revelado na forma de um escrito.

Eduardo Vidal (1999) propõe uma leitura de Leiris a partir da relação entre escrita e lalíngua. Para tanto, a questão do sujeito em psicanálise está correlacionada a uma série de “escritas heterogêneas e heterotópicas” (VIDAL, 1999, p. 489) O próprio conceito de inconsciente, segundo Vidal, é a instauração de um traço que se repete como diferença. A escrita é uma exigência da ordem do real que comanda e determina o sujeito. Nele, algo se

escreve, “sem que se transcreva inteiramente na palavra nem seja integralmente lido. ” (VIDAL, 1999, p. 489)

No terceiro capítulo deste trabalho, abordaremos a questão do escrito em psicanálise. O escrito como não-a-ler (*pas-à-lire*) diz respeito ao seu estatuto extremo. O escrito, em sua função de letra, escreve o real do gozo, não como uma descrição ou um instrumento para escrevê-lo, mas no sentido mesmo de que a escrita é o gozo. Vidal sugere a escrita como imposição do real. Por definição, em Lacan, temos o real como a ordem do impossível. O que se escreve em cada sujeito é o real de uma língua. O encontro traumático com o Outro produz como efeito uma escrita que implica sempre um sujeito.

O que se percebe nesta leitura de Vidal é a escrita como efeito do encontro traumático com o Outro. Para Michel Leiris inicialmente a escrita era um modo de se confessar. Ele declara isso no livro *A idade viril*. Porém, passados muitos anos, Leiris declara em *Langage, Tangage...* sua decepção com o projeto de confissão pela escrita. Pode-se inferir dois movimentos nesse momento da vida de Leiris. O primeiro é o rechaço em relação a qualquer idéia redentora da escrita. Confessar-se, expor-se não o salvou da infelicidade da vida. O segundo movimento é o da constatação de que ele só pode escrever por imposição de um real da língua. A escrita passa a ser o modo de gozo de Leiris. Ele escreve sua língua e ela escreve Leiris. Há uma exigência em escrever algo que lhe escape completamente, ou seja, “um afeto de comoção, um acontecimento do encontro com o Outro. ” (VIDAL, 1999, p. 490)

Segundo Vidal, “...reusement” é o testemunho de Leiris do “sentido real de uma palavra d’alíngua. ” (VIDAL, 1999, p. 490) A forma como esta palavra afeta Leiris é da ordem dos afetos enigmáticos. Os corpos são afetados como línguas, uma vez que se trata de seres falantes. A palavra do Outro, a voz que enuncia “heureusement” produz como efeito, em Leiris, um corte na sua expressão “...reusement”, reservada à sua intimidade de seus jogos

infantis. Para Vidal, essa palavra “faz parte do tesouro de um saber da infância e, na maturidade, o força a escrever as belas páginas de seu texto.” (VIDAL, 1999, p. 490)

O encontro traumático com o Outro força uma escrita. Se, em Leiris, a escrita é de certa forma um testemunho de seu encontro com o Outro, nela lemos os elementos constitutivos de um modo de gozar. O estilo dessa escrita sempre é o dos jogos com palavras e trocadilhos, seu método é o equívoco, o que demonstra uma intenção de desestabilizar a linguagem ordenada. Por fim, um outro elemento merece ser destacado. Em francês, o sufixo “ment” designa os advérbios. Assim, “heureusement” é um advérbio, como também “malheureusement” (infelizmente). “Ment” é a forma do verbo mentir, conjugado na terceira pessoa do singular. Em “heureusement”, temos portanto um: *ele mente* (il ment). O Outro, para Leiris, poderia ser da ordem de um Outro que o engana? Esta é uma hipótese possível, uma vez que a mentira é um elemento de escrita em Leiris. Em alguns de seus livros autobiográficos, ele mesclava a busca da verdade, a ficção e a mentira.

Segundo Denis Hollier, estudioso da obra de Leiris e co-participante junto com Jean Jamim da edição de sua obra póstuma, na obra autobiográfica de Leiris a palavra verdade retorna constantemente. Em entrevista à *Magazine Litteraire*, Hollier afirma:

No prefácio de *A idade viril* escrito após a guerra, Leiris opõe duas coisas, a ficção e a verdade, isto que se inventa e aquilo que é da ordem do fato documentado, verificável, e ele enuncia que tudo o que ele escreve em sua autobiografia vem do segundo, ou seja, daquilo que não é ficção, não é invenção. Porém há uma terceira categoria que ele não diz que é a mentira ou o segredo e em sua autobiografia, quando ele fala de Kahn-weiler como o seu cunhado, esta denominação não é nem fictícia e nem exata: ela é uma mentira. (MAGAZINE LITTERAIRE, 1992, p. 21)

Na escrita de Leiris encontra-se a presença da mentira, tal como o advérbio, a fala do Outro que lhe mente ao dizer o “Heureusement”. Isso demonstra a intensa acuidade de Leiris em relação à palavra, às locuções, às formas verbais, aos advérbios e aos adjetivos. Sua

escritura encerra os elementos do modo de gozo resultante de seu encontro traumático com o Outro.

As leituras apresentadas a partir da escrita desses três psicanalistas demonstram por elas mesmas o que a escritura leirissiana provoca em relação à psicanálise. Cada um a seu modo escreve causado por uma escritura que se aproxima de modo decisivo da vida. Se Leiris não escrever a vida cessa. Esse fato de escrita implica a psicanálise. Não há, entretanto, psicanálise do escrito, há escrita da psicanálise. A escrita ocupa o lugar do texto no qual o analista se lança a partir de uma causa que o coloca a trabalho. Para Freud, Goethe tinha essa função: era um escrito que o causava e permitia o avanço da teoria psicanalítica.

Leiris, com sua escritura, incide num ponto decisivo da clínica psicanalítica. Mestre da glossolalia, como o denominou Lacan, ele apresenta a própria matéria com a qual lida o analista na clínica: os equívocos, os trocadilhos, a língua, ou melhor, lalíngua que habita o inconsciente e se manifesta no lapso, no chiste e nos sonhos. Também sua escritura faz emergir a letra na perspectiva do litoral entre saber e gozo, entre verdade, mentira e ficção. O que a obra de Leiris atualiza é a dimensão puramente ética do analista: escutar a lalíngua de cada sujeito em análise como uma produção do sujeito e jamais do analista.

O objetivo essencial desse segundo capítulo foi, portanto, tomar o texto de Leiris na perspectiva de uma interrogação do campo da clínica psicanalítica, à luz da reformulação do conceito de letra realizada por Lacan a partir dos anos 70. O que se apurou a partir da leitura psicanalítica da escritura de Leiris é a pertinência clínica da letra/escrita como cifra de gozo que não se dá a ler. Foi a partir de um escrito com o não-a-ler que se fez possível aqui a instauração de um *passo a ler* e que nos permitirá um estudo conceitual do escrito como *pas-à-lire* e do conceito de lalíngua, no terceiro capítulo desta dissertação.

A enunciação é o enigma elevado à potência da  
escritura.

*Jacques Lacan*

### **Capítulo 3**

### **ESCRITA E LALÍNGUA**

## A ESCRITA COMO *PAS-À-LIRE*

É possível identificar uma teoria da escrita em Lacan? A partir da concepção de letra elaborada em “Lituraterra” e do estudo da obra de Michel Leiris, vistas no capítulo anterior, pode-se argumentar por uma teoria da escrita na obra lacaniana e, conseqüentemente, por uma noção de lalíngua. A escrita é teorizada em “Lituraterra” como aquilo que produz um furo no qual o gozo se aloja.

Uma teoria da escrita, em Lacan, responde, por outro lado, à participação do psicanalista francês nos debates pós-estruturalistas dos anos 70. No capítulo anterior, mencionamos este fato, principalmente em relação às polêmicas entre Lacan e Derrida. Percebe-se, também, no semiólogo francês Roland Barthes, o mesmo interesse pela problemática da escrita. Ele postula uma escritura que está em consonância com a noção de escritura lacaniana: “A escritura é isto: a ciência dos gozos da linguagem, seu Kamasutra.” (BARTHES, 1973, p. 11)

A escritura em Barthes também refere-se ao gozo. Ela é intransitiva e não visa à comunicação. Em Derrida a escritura é pensada como arqui-traço, inscrição primeira, e observamos a forma veemente com que Lacan responde a Derrida em “Lituraterra”. Observa-se, entretanto, uma teoria da escritura e da escrita se forjando ao longo do Seminário *De um discurso que não seria do semblante*, pronunciado a partir dos anos 70 por Lacan. Se por um lado uma teoria lacaniana da escritura insere-se e rivaliza com as formulações de Barthes e Derrida, por outro lado ela se inscreve num registro eminentemente clínico. Constata-se esse fato em vários momentos desse Seminário, como, por exemplo, na lição imediatamente após “Lituraterra”, ou seja, a lição de 19 de maio de 1971, na qual Lacan diz abruptamente: “[...] a escritura é o gozo”. (LACAN, 1971, p. 124)

Ao estabelecer uma equivalência entre escritura e gozo, Lacan propõe que esta equivalência seja tomada como um axioma a ser posto à prova e ainda complementa dizendo que o discurso psicanalítico, ao fazer obstáculo a um certo tipo de gozo, ganha novo impulso.<sup>15</sup> O novo impulso dado ao discurso psicanalítico vem da importante tese lacaniana da não existência da relação (*rapport*) sexual. A palavra *rapport*, mais que *relação*, indica uma “ausência de proporção entre os sexos” (MANDIL, 2003, p. 143). A tese de uma não relação/proporção entre os sexos aponta para, “a impossibilidade de uma medida comum entre o gozo masculino, fálico, e o gozo feminino, fálico, mas ‘não todo’ [...]” (MANDIL, 2003, p. 143).

Esse impossível é da ordem daquilo que Lacan chama de *o que não cessa de não se escrever*. Para o discurso analítico, é impossível como tal escrever a relação/proporção sexual: “O não pára de não se escrever [...] é o impossível, tal como o define pelo que ele não pode, em nenhum caso, escrever-se, e é por aí que designo o que é da relação sexual – a relação sexual não pára de não se escrever.” (LACAN, 1985 [1972-1973], p. 127)

A problemática da escritura em Lacan ganha novo impulso a partir da referência à clínica psicanalítica. Diferentemente das escrituras barthesiana e derridaniana, a escritura lacaniana apóia-se no impossível, naquilo que a relação sexual não pára de não se escrever.

Percebe-se assim no “não há relação sexual”, o fundo pelo qual algo se escreve em psicanálise. É o que nos demonstra Miller:

O que escreve o “Não há relação sexual”? [...] O “Não há relação sexual” é a página branca, não tem inscrição. Deve-se distinguir a negação de uma proposição escrita, da não escrita dessa proposição. Então se pode dizer: como não está escrita, escrevamos alguma coisa onde ela deveria estar.” (MILLER, 1997, p. 173)

---

<sup>15</sup> A teoria dos discursos em Lacan foi elaborada no Seminário XVII – *O avesso da Psicanálise* (1969-1970), portanto anterior ao Seminário de 1971. Lacan tematiza no Seminário XVII quatro discursos: o da Histórica, o do Mestre, o do Analista e o do Universitário. Estes discursos são escritos sem palavras, apenas por letras.

Essa definição aproxima a escritura lacaniana da tese desenvolvida no Seminário XX sobre o escrito como *não-a-ler (pas-à-lire)*. Se o “não há relação sexual” não se escreve e é a página em branco, a função do escrito avaliado a partir do discurso analítico é da ordem de um escrito que não se dá a ler. É o que demonstraremos a partir de agora.

O escrito, a partir do Seminário XX, possui um estatuto extremo, ele não é para ser lido. Porém, se no discurso analítico há obstáculo à inscrição da relação sexual, esse “não há” que “não cessa de não se escrever” possibilita que algo se escreva. A proposta de Lacan, nesse capítulo do Seminário XX, “A Função do Escrito”, é precisar qual é a função do escrito no discurso analítico.

O enunciado que abre a lição de 9 de janeiro de 1973 desse seminário contém em si mesmo o germe da questão que anima uma interrogação sobre as bases da escrita na psicanálise: “Trata-se da maneira como, no discurso analítico, temos que situar a função do escrito.” (LACAN 1985 [1971-72], p. 38) O que se cumpre fazer agora é compilar outros enunciados dessa lição, que elucidarão a função de escrito avaliado a partir do discurso analítico. O Seminário XX, *Mais, ainda* é inclusive pródigo em frases que são verdadeiros aforismos. Se, em “Lituraterra”, e, via de regra, no Seminário *De um discurso que não seria do semblante*, podemos destacar que se tratava de rever posições assumidas anteriormente, o Seminário XX é um momento da consolidação, de uma revisão do ensino lacaniano, realizado pelo próprio Lacan.

A função do escrito é avaliada em relação ao discurso analítico, a partir da leitura. Para Lacan “ler uma letra, ou bem ler” não é a mesma coisa. O que concerne ao discurso analítico diz respeito, em última instância, ao que se lê. Afirmamos no primeiro capítulo um enlace entre escritura e leitura, a partir principalmente do texto “A instância da letra”. Agora se apresenta um desenlace entre escritura e leitura, sendo o escrito definido da seguinte maneira por Lacan, em seu posfácio ao Seminário XI, *Os quatro conceitos fundamentais da*

*psicanálise*: “[...] um escrito, em minha opinião, é feito para não se ler.” (LACAN, 2003 [1973], p. 503)

O texto escrito do posfácio se deu em 1º de janeiro de 1973, ou seja, a uma semana antes da aula do Seminário XX sobre a função do escrito. Este dado histórico é de interesse, a fim de se investigar “as diversas nuances entre o oral e o escrito” (MANDIL, 2003, p. 133). Ficamos tentados a tomar o texto escrito como base para a aula pronunciada uma semana depois. Por outro lado, o que esse fato denuncia é a pesquisa lacaniana, que nesse momento tenta apontar uma descontinuidade entre o que se fala e o que se escreve.

Em “A instância da letra” o registro da fala é o registro do significante. O significante/letra separado do significado possibilita uma leitura enlaçada à escritura, como demonstramos no primeiro capítulo desse trabalho. O exemplo do sonho como rébus freudiano é o índice deste enlace e possibilita uma leitura do sonho como um texto, um saber a partir do inconsciente estruturado como uma linguagem, conforme assinalado por Lacan em seu artigo de 1956: “Uma escrita, como o próprio sonho, pode ser figurativa, mas como a linguagem, é sempre articulada simbolicamente, ou seja, exatamente como a linguagem fonemática e, a rigor, fonética, porquanto é lida.” (LACAN, 1998 [1956], p. 473)

Ora, no escrito sobre a “A instância da letra” apuramos o fonema como caráter literal do significante, em suma, como letra. Se os sonhos e as outras formações do inconsciente podem ser lidos é porque funcionam como um texto não figurativo e sim articulado simbolicamente como um significante/letra numa linguagem fonética.

Porém assistimos, a partir dos anos 70, a separação entre letra e significante e ao mesmo tempo a tese de um escrito que é feito para não se ler. Como explicar essa mudança radical de orientação? Em parte pela separação entre letra e significante que se dá num contexto da promoção do escrito. A tese radical do escrito como não-a-ler está inserida dentro do contexto da promoção do escrito. É o que observamos na seguinte frase de Lacan: “A

escrita não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa se vocês me permitem esta expressão, que o significante. ” (LACAN, 1985[1973], p. 41)

Em “Lituraterra”, já detectamos a importância do escrito como forma de apreender o gozo na experiência analítica. No Seminário XX, a escrita encontra-se ainda mais num registro diferente do significante. A frase supracitada pode ser entendida como uma localização ainda mais da letra, ao se diferenciar do significante, como sendo do campo da escrita. A letra, ao separar-se do significante, escreve a borda entre saber e gozo. O ilegível da letra indica o limite entre esses campos, entre simbólico e real, e resulta na cifra indecifrável do sujeito como produto final da experiência de uma análise.

Nessa perspectiva, é interessante apresentar a tradução proposta pelo poeta brasileiro Haroldo de Campos de um trecho do posfácio ao Seminário XI, onde aparece a expressão lacaniana *pas-à-lire*:

[...] ao fim e ao cabo, o escrito como impasse-a-ler (*pas-à-lire*), é Joyce quem o introduz, eu faria melhor dizendo: o intraduz, pois, no fazer com a palavra trato de tráfico (traite; trajeto, transporte, ato de negociar por meio de letra de câmbio; “to deal with the words is to negotiate beyond languages. “) para além das línguas, ele não se traduz senão a penas de ser portodaparte igualmente parco-a-ler (CAMPOS, 2001, p. 187)

O *pas-à-lire* é traduzido como “impasse-a-ler” e Joyce faz com a palavra trato, meio de negociar pela letra de câmbio para além das línguas. O curioso dessa tradução é o escrito ao mesmo tempo como um impasse à leitura e como letra de câmbio pelo qual se negocia. Uma letra de câmbio permite as trocas e as conversões entre as mais diversificadas moedas de cada país. A leitura da expressão lacaniana não passa despercebida ao poeta: O *pas* francês é partícula de negação e ao mesmo tempo *passo*. O *pas-à-lire* comporta um não-a-ler mas também um passo-a-ler e ambos se encontram vinculados às negociações e aos tratos com a letra.

Tomar como equivalentes a função do escrito e da letra, diferenciá-los do significante, é também avaliar clinicamente a letra a partir do escrito. Em primeiro lugar, a letra e o escrito apreendem o gozo na experiência analítica, segundo, o escrito e a letra no discurso analítico se escrevem a partir da articulação que esse discurso constrói e se formula: não há relação sexual que possa se escrever, terceiro, tanto a letra quanto o escrito são efeitos de discurso: “A letra, radicalmente, é efeito de discurso.” (LACAN, 1985 [1972-73], p. 90). Essas afirmações organizam um importante contexto do ensino lacaniano: o pano de fundo no qual se assentam clinicamente a função da letra e do escrito é o da separação operada por Lacan entre *inconsciente* e *sintoma*.

A diferenciação entre inconsciente e sintoma organiza um campo essencialmente clínico do ensino de Lacan, que se refere ao tratamento dado ao sintoma em seu último ensino. O ápice dessa separação é o Seminário XXIII, *Joyce, Le Sinthome*. Aqui se escreve sintoma como *sinthoma*, numa grafia diferente, indicando um modo muito particular de James Joyce em lidar com o seu sintoma, que inclui Joyce como um “não-assinante” do inconsciente, ou seja, a leitura lacaniana da obra de Joyce se dá na ruptura entre inconsciente e sintoma.

Em sua tese de doutorado, Ram Mandil apresenta interessantes observações desta leitura lacaniana de Joyce. É dele que extraímos a seguinte observação:

A oposição entre sintoma e símbolo no sentido de “abolição” do símbolo pelo sintoma, traduz a perspectiva inovadora que Lacan lança sobre o sintoma, ao tomá-lo como algo não inteiramente recoberto pelo inconsciente. A caracterização de “Joyce o sintoma” como ex-assinante do inconsciente poderia ser tomada como a de alguém que promove a abolição do simbólico em favor do sintoma, o inconsciente identificado aqui à dimensão simbólica da linguagem. (MANDIL, 2003, p. 266)

O que se sublinha aqui é que a separação entre inconsciente e sintoma se dá também numa ruptura entre sintoma e símbolo. O inconsciente, em Freud e no Lacan do texto “A

instância da letra”, está inserido na dimensão simbólica. Porém, em ambos, há uma assimilação entre sintoma e símbolo, o que permite uma leitura freudiana do sintoma histérico, por exemplo, como uma expressão da linguagem. Em Lacan, no artigo “A instância da letra”, o sintoma é uma metáfora e como tal o esforço do analista é a liberação de um sentido através da interpretação: “A interpretação psicanalítica implicaria a passagem da linguagem figurada do sintoma para a linguagem literal com a qual se confundiria o sentido primitivo do desejo.” (MANDIL, 2003, p. 267)

A partir da leitura lacaniana de Joyce e de uma segunda concepção da letra como litoral e separada do significante, o sintoma diferencia-se do inconsciente e traça-se um limite entre saber e gozo. A própria interpretação analítica muda com essa nova concepção de sintoma. Se a experiência da análise institui o inconsciente articulado como uma linguagem, o sintoma não deverá ser mais interpretado como sentido a ser decifrado e sim a partir da letra e do escrito: “O que se escreve em uma análise é da ordem da letra como esvaziamento de gozo e, pela via do equívoco, há chances de que algo do sintoma possa ser reduzido. ” (VIDAL, 2001, p. 172) Trata-se, então, de reduzir o sintoma pela via do equívoco e a partir deste procedimento obter uma cifra indecifrável como produção de uma análise em seu fim.

O fato de o sintoma ser abordado pela letra/escrita implica também em a legibilidade, tal como observamos a partir do Seminário XX. O que é lido na clínica psicanalítica é o sonho, são as formações do inconsciente. O *sinthoma* como produto de uma análise resulta em um limite do legível. Lacan fará uma aproximação entre leitura, inconsciente e discurso do mestre e, por outro lado, aproximará o objeto  $a$ <sup>16</sup> da leitura e do discurso do analista.

Os discursos são escritos por letras e há quatro lugares, a saber: o agente, o outro, a verdade e a produção. O lugar do agente é o lugar que comanda o discurso, que o põe em

---

<sup>16</sup> A noção de objeto  $a$  é a *invenção de Lacan para a psicanálise*, segundo suas próprias palavras. A conceituação do objeto  $a$  se dá principalmente no Seminário X, *A angústia* (1962-63), onde Lacan o definirá ao mesmo tempo como objeto causa de desejo e mais gozar.

marcha. O lugar do agente no discurso do mestre é o significante mestre,  $S_1$ . No discurso do analista esse lugar do agente é ocupado pelo objeto  $a$ .

Segundo Jesús Santiago, “o  $S_1$  funciona como um ponto de estofa que torna possível a legibilidade de um determinado sistema simbólico” (SANTIAGO, 2005, p. 228). É o  $S_1$  que possibilita a “fala do analisante ordenar-se” (SANTIAGO, 2005, p. 228). Há, a partir de Lacan, um fator de legibilidade entre o  $S_1$  e o discurso do mestre. Ao mesmo tempo, pode-se observar uma curiosa propriedade de ilegitimidade do discurso do analista a partir do agente, a saber o objeto  $a$ :

[...] se a legibilidade se situa no lado do discurso do mestre, que, como se sabe, é um dos nomes do inconsciente, esse poder de ileitura que é o objeto (a) localiza-se do lado do discurso analítico.

$S_1$  → tornar legível → DISCURSO DO MESTRE  
(a) → poder de “ileitura” → DISCURSO DO ANALISTA  
(SANTIAGO, 2005, p. 228-229)

O que se destaca desta leitura é o contexto da separação entre inconsciente e sintoma na prática lacaniana, principalmente a partir da reinterrogação da letra, efetuada por Lacan no início dos anos 70. O poder de ileitura evoca o sintoma, tratado no discurso analítico “como resíduo, resto ininterpretável do sujeito” (SANTIAGO, 2005, p. 229). No inconsciente, trata-se do significante, da leitura e da interpretação. No sintoma, operado a partir do discurso do analista, localiza-se a ileitura, a letra (o objeto  $a$  é designado por uma letra), o resíduo não interpretável do sujeito. Nessa perspectiva do sintoma como resíduo é que se pode afirmar um gozo próprio do sintoma. Há, em relação ao sintoma, uma opacidade que demarca o limite da legibilidade e ao mesmo tempo constitui o sujeito na sua relação fundamental com o gozo.

A letra/escrita inscreve-se de maneira decisiva, então, a partir dos anos 70, no ensino de Lacan no campo do sintoma. A clínica lacaniana busca, com essa nova concepção da letra/escrita, uma operação que resulta numa cifra, o equivalente à uma depuração do sentido

colado ao sintoma. Assim, interpretar é buscar uma marca, uma cicatriz que apresente o sujeito, é levar o sintoma até a radicalidade da língua, através do equívoco. Lacan apresenta-nos essa fórmula em *A terceira* (1974):

[...] é a cifra que se retorna [...] é que a decifração se resume no que faz cifra, no que faz com que o sintoma seja algo que antes de tudo não cessa de se escrever do real, e que chega a domá-lo até o ponto em que a linguagem possa fazer dele equívoco [...]. (LACAN, 1974, p. 12)

O que retorna várias vezes numa análise é essa cifra, que é da ordem de um escrito como não-a-ler – é o que resta depois da operação de uma análise. A ação do analista guia-se pelo significante do analisante, mas o objetivo final de uma análise é produzir uma marca desafetada, à qual temos que retornar sempre, para, no final, produzir uma “representação” desatrelada dos afetos. Em um interessante artigo, Samson descreve a partir de um caso clínico o que seria para o analisante o momento do estabelecimento dessa marca:

[...] um significante que era, também, um dos fonemas de seu nome próprio, do nome do pai do analisando. Assim religando pouco a pouco esses elementos disjuntos num “contexto maior”, pode emergir a representação pulsional inconciliável que, por ser reconhecida como tal, não teve mais necessidade de estar afetada pelo horror, e foi completamente desafetada. (SAMSON, 2005, p. 152)

Resta numa análise essa marca indecifrável e desafetada, tal como um escrito como não-a-ler.

A função do escrito, portanto, insere-se numa perspectiva clínica enodada à função da letra como litoral, rasura e sulcagem. O escrito e a letra encontram-se na dimensão do real. A orientação da clínica lacaniana é aquela que forclui o sentido. É pela letra, em sua segunda concepção, que destacamos também uma ruptura de Lacan com a lingüística.

No primeiro capítulo deste trabalho, indicamos o quanto a lingüística estrutural interessou a Lacan em relação ao inconsciente estruturado como linguagem. No Seminário XX, o rompimento configura-se: “Meu dizer que o inconsciente é estruturado como

linguagem não é do campo da lingüística.” (LACAN, 1985 [1972-73], p. 25) Lacan forja o termo “lingüisteria” para designar o campo do trabalho da psicanálise. Esse neologismo produz-se atrelando lingüística e histeria, ou seja, é preciso assentar a psicanálise numa outra vertente que não a da lingüística estrutural. Agora não se trata apenas de subverter o signo lingüístico, mas de pouco a pouco manter a psicanálise à distância do campo da ciência (lingüística) e do campo da filosofia. Nesse sentido, pode-se extrair uma função da letra/escrito avaliada a partir do discurso analítico e não do discurso filosófico e científico.

O interessante é que a própria noção de significante, que é da ciência lingüística, vai aos poucos se rarefazendo na elaboração lacaniana. Como nos demonstra Miller, Lacan, em sua “Introdução à edição alemã dos Escritos” (1974), substitui a diferença entre significante e significado pelo par signo-sentido. Para Miller, quando Lacan, nesse momento de seu ensino, reflete sobre a fuga do sentido, “[...] ele desvaloriza o termo ‘significante’ como sendo objeto da lingüística e não da psicanálise” (MILLER, 2005, p. 333). Na dimensão da linguagem, a lingüística abstrai o par significante-significado para pensar os efeitos de significação, mas nesse momento Lacan busca apreender a produção de gozo na linguagem, o que o leva também a problematizar, a “truncar” a linguagem em sua relação com a significação.

Trata-se, em última instância, para Lacan, de estabelecer gradativamente, a partir dos anos 70, uma antinomia entre *sentido* e *significação*. Opondo-os, Lacan define a produção de sentido pela tradução de um discurso ao outro, o que implica uma definição de *interpretação*, nesse momento, como sendo a do sentido contra a significação.

A promoção da letra como litoral e da função do escrito são essenciais para pensar essa re-orientação da clínica lacaniana. O rompimento com a lingüística se faz também a partir de uma nova noção de linguagem, em que o gozo é recuperado e não forcluído, como na ciência. Lalíngua torna-se, então, o conceito que permite a Lacan recolher a produção de gozo na linguagem.

## CONCEITO DE LALÍNGUA

O conceito de lalíngua aparece pela primeira vez numa conferência do dia 4 de novembro de 1971, pronunciada por Lacan no centro psiquiátrico de Saint-Anne. Esta foi a primeira de uma série de sete conferências agrupadas sob o sugestivo título de “O saber do psicanalista”. Lalíngua surge nessa conferência como um “lapso” intencional de Lacan:

Eu começara dizendo: “o inconsciente estruturado como uma linguagem”. Encontra-se um traço formidável: os dois tipos mais capazes para trabalhar nessa via, fiar esse fio, tinham sido encarregados de um bonito trabalho: “Vocabulário de filosofia”. Que digo? “Vocabulário da Psicanálise”. Estão vendo o lapso? Enfim, vale o Lalande. Lalíngua como escrevo agora – não tenho quadro negro. Bem, escrevam lalíngua numa palavra só: é como escreverei doravante.” (LACAN, 1971, p. 6)

A referência ao “lapso” do vocabulário de filosofia comporta duas ironias. A primeira atende à crítica lacaniana da filosofia e ao famoso dicionário de filosofia do francês André Lalande. Lacan fará entrar “lalangue” no lugar de “Lalande”, como forma de apresentar sua nova concepção de linguagem, diferente dos cânones da filosofia. O *Vocabulário da Psicanálise* refere-se ao trabalho realizado pelos ex-alunos de Lacan em 1967 e publicado na *Presses Universitaire de France*. A polêmica entre Lacan e J. Laplanche e J-B. Pontalis é a de que os dois últimos tomam o inconsciente como condição da linguagem, para Lacan a linguagem é que a condição para o inconsciente. Lalíngua surge, de certa forma, como uma resposta aos dicionários e às polêmicas dos anos 70, filosóficas e psicanalíticas, e como resposta ao ordenamento próprio dos dicionários: “[...] lalíngua nada tem a ver com o dicionário, seja qual for. O dicionário se ocupa da dicção, isto é, por exemplo, com a poesia e com a retórica.” (LACAN, 1971, p. 6)

O que se faz notar nessa primeira aparição do conceito de lalíngua é o seu aspecto de posição fora de qualquer ordenamento da linguagem. Os dicionários são por excelência um índice de uma estruturação da língua e de suas palavras classificadas e ordenadas pela significação. A noção de lalíngua vem demarcar um fora da sintaxe. Se o dicionário é uma ordenação da linguagem, lalíngua opõe-se a ele nesse primeiro momento. Lacan prosseguirá dizendo, nessa conferência em Saint Anne, que o inconsciente tem a ver com a gramática e com a repetição e, portanto, com o gozo. Na verdade, lalíngua busca captar um inconsciente não-lingüístico e, nesse sentido, a lógica, a escrita e a gramática seriam mais eficazes para o trabalho do analista. Lalíngua surge, então, num contexto onde o rompimento com a ciência lingüística se faz, sendo o dicionário um dos objetos de investigação da ciência lingüística.

O importante agora é estabelecer outros momentos, nos quais Lacan retoma o conceito de lalíngua, pois assim poderemos, ao final deste capítulo, ter uma visão mais clara desse conceito, sendo possível, portanto, localizar a partir de lalíngua o rompimento lacaniano com o campo da ciência lingüística.

Em seu nascimento, lalíngua estabelece-se como oposta ao discurso científico e filosófico, e neste sentido, pode ser postulada como um efeito da letra no discurso analítico, também resultando de uma operação da letra nesse mesmo discurso. A letra, o objeto *a* no discurso analítico atua como agente e provoca uma ruptura em relação aos outros discursos. Se no lugar do agente encontramos um objeto, esse objeto promove um corte separador entre o discurso analítico e o discurso científico. Lembremos, por exemplo, que no discurso do Mestre, o agente é o  $S_1$ , portanto um significante, que, como vimos, é do campo do discurso científico, notadamente da lingüística estrutural. Lacan, ao colocar cuidadosamente o objeto *a* e não um significante como agente do discurso analítico, demonstra que não há reciprocidade entre eles. O lugar do objeto *a*, do ilegível, promove um efeito específico desse discurso, que é lalíngua.

Talvez se possa afirmar, a partir de Lacan, que, com a linguagem, estamos forcluindo a língua. Ao longo do Seminário XX, a língua apresenta-se como uma resposta de Lacan tanto à Linguística quanto ao discurso filosófico de Nancy e Lacoue-Labarthe. No primeiro caso, já destacamos nesse mesmo seminário o rompimento de Lacan com a linguística. No segundo, assinalamos a língua como um gesto lacaniano de romper com o sistema filosófico, já que, em *O título da letra*, Nancy e Lacoue-Labarthe tentam ajustar a obra de Lacan ao sistema filosófico heideggeriano. O conceito de língua afasta qualquer possibilidade de reconciliação com os discursos científico e filosófico.

O último capítulo do Seminário XX encerra, de modo vigoroso, o pertencimento de língua ao campo do discurso psicanalítico: a produção de saber nesse discurso não é da mesma ordem que a produção de saber nos discursos científico e filosófico. O saber no discurso analítico é um enigma, como nos lembra Lacan, e esse enigma é presentificado pelo inconsciente. O curioso dessa abordagem do inconsciente é que ele não é mais pura decifração, revelação de uma verdade escondida, mas comporta a cifra, o próprio do inconsciente é cifrar, é um saber que se apresenta articulado e afeta o sujeito.

A noção de saber como *enigma* presentifica a função da letra como litoral entre saber e gozo, pressupondo um limite, constatado também a partir do escrito como não-a-ler, uma vez que o escrito adquire uma dimensão de cifra de gozo e aponta para um limite da decifração. É o ponto do ilegível, tal como Freud nos descreve em “A interpretação dos sonhos”, a partir do umbigo dos sonhos, onde já não há mais nada a interpretar. O engodo do discurso científico é que o saber não tem limite, pode-se saber tudo.

No Seminário XX, na última lição, “O rato no labirinto”, Lacan opõe língua e linguagem: “[...] a linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamo língua.” (LACAN, 1985 [1972-73], p. 188) Percebe-se claramente, nessa definição, que a linguagem além de ser do campo da ciência é também aquilo que o discurso

científico elabora para dar conta do conceito de lalíngua inventado por Lacan. O que uma definição como esta acarreta é, em primeiro lugar, a diferenciação de estatuto entre o discurso científico e o discurso analítico. Em segundo lugar, o estatuto do saber nos dois discursos é diferente: o saber científico, em sua busca totalizante, é um semblante, pois não leva em consideração o inconsciente; o saber no discurso psicanalítico, ao levar em consideração o inconsciente, é um saber que escapa ao ser falante.

Essas duas dimensões do saber são diferenciadas de modo ainda mais claro nessa lição do Seminário XX. A linguagem oriunda do discurso científico passa a ser “[...] uma elucubração de saber sobre alíngua”. (LACAN, 1985 [1972-73], p. 190) A palavra *elucubração* diz de um esforço paciente, diário e noturno, esforço reflexivo no qual se busca apreender algo. A linguagem é uma tentativa vã do saber científico em apreender lalíngua.

O inconsciente, campo do discurso analítico, recebe a seguinte definição lacaniana: “[...] o inconsciente é um saber, um saber-fazer com alíngua.” (LACAN, 1985 [1972-73], p. 190) Percebe-se, nessa definição, a diferença em relação à definição anterior da linguagem como elucubração de saber: o saber-fazer não é uma construção, uma elucubração que se objetiva à uma total apreensão conceitual. O inconsciente é um *saber-fazer*, no sentido de apresentar um modo pelo qual o ser falante lida com lalíngua. O saber-fazer não é uma categoria epistêmica instalada, no seio de um vigoroso sistema filosófico, ele indica uma referência da clínica psicanalítica e ao mesmo tempo marca uma diferença: lalíngua é primeira em relação à linguagem. “Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é mesmo porque, a linguagem de começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernente à função da alíngua.” (LACAN, 1985 [1972-73], p. 189)

Percebe-se na passagem acima a retomada do axioma lacaniano do *inconsciente estruturado como uma linguagem*. Já indicamos no primeiro capítulo a dependência desse

enunciado com alguns princípios da teoria lingüística de Saussure. O que Lacan aponta agora é um postulado mais forte, a saber, *o Outro não existe*. A linguagem é uma criação para dar conta de lalíngua, entretanto, mantém-se o inconsciente estruturado como uma linguagem – e a linguagem, a partir dessa formalização lacaniana, não faz um todo, é não-toda apreensível, é lalíngua, primeira, anterior ao ordenamento próprio da linguagem:

“Uma linguagem” é alíngua, a língua materna, o modo como alíngua – e escutemos isso com o equívoco do termo – banha o corpo do *infans*, como o desejo da mãe marca seu corpo. Entre a estrutura e a linguagem Lacan escreve “como uma”. Esse intervalo, esse hiato é o lugar onde um analista é necessário, e o sujeito terá a possibilidade de decifrar seu enigma na escuta de uma linguagem que lhe é tão insabida como o inconsciente. (VIDAL, 2003, p. 47)

Para cada sujeito, sua lalíngua, que marca precisamente o modo como o *infans* é tomado e banhado pelo desejo do Outro. É preciso a cada um decifrar o seu enigma que lhe advém de sua própria lalíngua. Com a categoria científica de *linguagem*, jamais se pode apreender o próprio de lalíngua em cada um.

Por um lado, lalíngua aponta para um momento em que não há ordenamento, assim, pode-se pensá-la como anterior à sintaxe e ao sentido. Não é pelo sentido que navegamos em lalíngua. Ela é registrada, contabilizada pelos equívocos que uma língua permite, como se pode perceber nessa definição de Milner: “Alíngua é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco” (MILNER, 1987, p. 15). O equívoco aqui sem dúvida é o equívoco do sentido. Em lalíngua, dissolve-se a identidade fonatória, como no exemplo dado por Lacan, no Seminário XX, entre o *d’eux* (deles) e o *deux* (dois) – ambos pronunciam-se da mesma maneira, porém o sentido é diferente.

Por outro lado, lalíngua é “dita maternal” e afeta de modo marcante cada sujeito, apontando para o momento no qual o *infans* está invadido pela linguagem pulsional da mãe. Linguagem do tato, dos gestos, do olhar dirigido ao *infans*. Lalíngua afeta o sujeito em sua

primitividade, na maneira como ele foi falado, comporta o recorte dessa imersão do sujeito num gozo que o toma por completo: “[...] da lalíngua que se trata, que o analisante só fala disso, porque foram os seus parentes próximos que lha repassaram.” (LACAN, 1998 [1977], p. 9)

Nessa perspectiva, o poeta Haroldo de Campos, ao traduzir *lalangue* por *lalíngua*, enfatiza o gozo presente na noção lacaniana. Ele nos fala da raiz latina de *lalangue* como *lalia*, *lalação*:

Lalia, lalação, derivados do grego *laléo*, tem as acepções de “fala”, “loquacidade”, e também por via do lat. *lallare*, verbo onomatopeico, “cantar para fazer dormir as crianças” (Ernout/Meillet); glossolalia quer dizer: “dom sobrenatural de falar línguas desconhecidas” (Aurélio). Toda a área semântica que essa aglutinação convoca (e que está no francês *lalangue*, mas se perde em *alíngua*) corresponde aos propósitos da cunhagem lacaniana, servindo a justaposição enfática para frisar que, se “a linguagem é feita de lalíngua”, se é “uma elucubração de saber sobre lalíngua” o “inconsciente é um saber, um saber-fazer com lalíngua”, sendo certo que esse “saber-fazer com lalíngua ultrapassa de muito aquilo que podemos dar conta a título de linguagem”. O idioma-terno – lalíngua – nos “afeta” com “efeitos” que são “afetos” resume Lacan, mostrando que sabe jogar com mestria o jogo que enuncia. (CAMPOS, 2001, p. 188)

O esforço do poeta na busca da tradução da palavra *lalangue* elucida alguns pontos desse conceito. Sua raiz aponta para o balbúcio do *infans*, momento em que ainda não há a palavra formada, mas emissão de sons que sideram o bebê em sua imersão em lalíngua. *Lallare*, do latim, é um verbo onomatopeico e remete ao “cantar para fazer as crianças dormirem”, que está contemplado na via da lalíngua maternal. Campos fala-nos também de *glossolalia*, expressão importante neste trabalho, pois está intimamente associada ao texto do escritor francês Michel Leiris. Jacques Lacan descreve Leiris, por duas vezes, como um *mestre das glossolalias*. Por fim, o poeta demonstra o jogo de palavras inventivo na noção lacaniana de lalíngua, o que permite uma apreensão do gozo na linguagem, que o conceito de linguagem não permite apreender.

Todo esse trabalho de Lacan é feito no sentido de buscar os efeitos de lalíngua, que são da ordem dos afetos freudianos. São efeitos que escapam tanto ao sujeito quanto à ciência e produzem uma série de afetos enigmáticos, que não se situam no nível da representação. Lalíngua seria, assim, apreendida no que ela resulta de afetos que invadem o corpo do sujeito, o ponto radical da pulsão na qual ela faz limite entre o psíquico e o somático. Estes efeitos apontam para o real do qual se goza: “[...] o inconsciente, por ser um saber que se articula pel'alíngua, o corpo que a fala estando enodado a ela somente pelo real do qual se goza.” (LACAN, 1974, p. 9)

A invenção do conceito de lalíngua, portanto, visa à uma concepção da linguagem que leve em conta essa dimensão da clínica psicanalítica que é o gozo. A letra/escrita, em sua elaboração a partir de “Lituraterra”, também busca uma forma de lidar com o gozo. O que por definição encontramos em lalíngua é semelhante àquilo que foi detectado no escrito como não-a-ler: nele, o ilegível aponta para o gozo; em lalíngua, ela não serve à comunicação.

Para além de uma crítica à comunicação – podemos lembrar do esquema de Saussure da imagem acústica e do conceito, que se dão num processo de comunicação entre duas pessoas –, o que Lacan pretende é apontar uma diferenciação clínica em relação a Freud, a partir da definição de lalíngua, como aquilo que não se presta à comunicação. Com lalíngua, a lalíngua de um só sujeito, encontramos uma radicalidade da incomunicação e nesse sentido pode-se afirmar que o Outro não existe. A análise não é um diálogo, não há comunicação intersubjetiva e lalíngua demonstra esse fato, como sublinha Miller:

Lalíngua é o conceito que quer dizer que o significante serve ao gozo [...] intersubjetividade não é essencial, continua a prescrever as relações do sujeito com o Outro – com um grande O. O inconsciente freudiano não tem sentido senão no nível da comunicação. (MILLER, 2004, p. 14)<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> A tradução é nossa.

O que Miller destaca é que o significante, a partir do conceito de lalíngua, não serve mais aos efeitos de sentido, mas sim ao gozo. Se o significante serve ao gozo é porque há, para além da questão do sentido, satisfação no nível da linguagem. Lalíngua aponta, em última instância, para uma satisfação primitiva e fundante do sujeito em sua relação com a palavra e o gozo advindo dela.

A linguagem, posterior a lalíngua, procede da idéia de comunicação. Em lalíngua, não estamos na comunicação, “alíngua serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação”. (LACAN, 1985[1972-73], p. 188). O sujeito no campo de lalíngua está imerso num gozo autista e que não quer nada comunicar. Com o advento da linguagem, ou melhor, na entrada do sujeito na linguagem passa-se desse não comunicar ao comunicar, passa-se à comunicação como forma de falar igual aos outros. A clínica psicanalítica se faz, em Lacan, a partir de lalíngua, não mais como uma comunicação intersubjetiva, mas da relação essencial da palavra com o gozo.

Jacques-Alain Miller descreve essa operação no ensino de Lacan como uma mudança de balança. O que é afetado a partir da mudança da linguagem para lalíngua, e do registro da comunicação para um gozo que não se comunica, é a própria doutrina da interpretação em Lacan. Segundo Miller, a interpretação para Lacan, num primeiro momento, faz-se no terreno da comunicação, ela é ressonância da palavra. Interpretar é buscar, evocar uma palavra para transformar o sujeito, é fazer escutar na palavra o que ela não diz. Miller afirma que o que Lacan chama de “ressonância é, apesar de tudo, basicamente comunicação. [...] é uma comunicação pelo viés indireto.” (MILLER, 1996, p. 100) A interpretação é uma palavra do analista, que possibilita ao sujeito subjetivar a falta, e nessa operação a palavra é reconhecimento, ela é expectativa da resposta do Outro.

A interpretação, no nível de lalíngua, ao contrário, não pressupõe a comunicação. Para Miller, a interpretação, no campo de lalíngua, requer uma nova definição de *palavra*. É o que

Lacan chama de *apalavra* (*apparole*): uma palavra que não é uma resposta do Outro, mas sim uma palavra aparelhada pelo gozo. A interpretação que se faz, a partir de então, é assemântica. A fala do analista não se faz mais num terreno de uma pretensa comunicação. O objetivo da interpretação do analista é ocupar e manter aberta a hiância que possibilite ao sujeito decifrar sua relação primordial com a linguagem.

Pode-se inferir, em Freud, alguma passagem de sua obra que se aproxime de lalíngua? Se a clínica lacaniana postula “um autismo a dois” na análise, ao rechaçar a comunicação, por outro lado é possível localizar no livro de Freud sobre “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905) o germe de uma noção de lalíngua. Podemos traçar uma hipótese ainda mais arrojada: o texto de Freud sobre os chistes apresenta lalíngua e o conceito de letra. Não podemos afirmar aqui que Lacan se valeu desse escrito freudiano para construir a sua segunda concepção de letra e o conceito de lalíngua, porém é interessante notar a partir dos anos 70 uma referência mais acentuada de Lacan a respeito do chiste e dos jogos de palavra. No início de “Lituraterra”, essa expressão aparece como um chiste. Em *A terceira* (1974), o sintoma é abordado pelo equívoco:

[...] é que alimentando o sintoma, o real, com sentido, só se faz dar-lhe continuidade de subsistência. Ao contrário [...] o que eu chamei jogo de palavras, de equívoco, o que comporta a abolição do sentido, que tudo o que diz respeito ao gozo e notadamente ao gozo fálico, pode igualmente ser circunscrito, [...] nesses diferentes campos, do sintoma. (LACAN, 1974: 17)

O sintoma é tratado e tratável pelo equívoco, sua redução se dá pela abolição do sentido. A temática do sentido interessou muito a Freud em seu livro sobre os chistes. Dois pontos são assinalados por ele: o primeiro é a “técnica verbal” dos chistes e o segundo é o chiste como processo de obtenção de prazer. O primeiro chiste analisado por Freud, o de Henrich Heine, do *famillionário*, é um puro jogo de letras em sua técnica verbal. Do *familiar* ao *famillionário* temos a condensação, a redução ao ponto da letra no qual esta opera uma

mudança na relação do sentido e que produz riso. Não haveria nessa operação literal o equivalente de um litoral entre saber e gozo?<sup>18</sup>

No capítulo IV, “O mecanismo do prazer e a psicogênese dos chistes”, Freud fala de um “prazer do non-sense”. Ao demonstrar esse modo peculiar de prazer, ele o descreve a partir do prazer das crianças com a perda de sentido das palavras. Sua descrição aproxima-se de modo surpreendente da noção lacaniana de lalíngua:

O período em que uma criança adquire o vocabulário da língua materna, proporciona-lhe um óbvio prazer de “experimentá-lo brincando com ele”, segundo as palavras de Gross [p. 121]. Reúne as palavras, sem respeitar a condição de que elas façam sentido, a fim de obter delas um gratificante efeito de ritmo ou de rima. Pouco a pouco esse prazer vai lhe sendo proibido até que só restam permitidas as combinações significativas de palavras. Quando mais velho, tenta ainda emergir ao desrespeito das restrições que apreendera sobre o uso de palavras. Estas são desfiguradas por pequenos acréscimos particulares que lhes faz, suas formas sendo alteradas por estas manipulações (p. ex., por reduplicações ou “Zittersprache”); é possível mesmo a construção de uma linguagem secreta, para uso entre companheiros de brincadeira. Tais tentativas são encontradas entre certas categorias de doentes mentais. (FREUD, 1977 [1905], p. 148)

Há um “vocabulário de língua materna” – lembramos aqui a lalíngua dita maternal – e o prazer que advém da apropriação lúdica das palavras. Não há, aliás, por parte das crianças, uma preocupação com o sentido. Dando-se a entrada do sujeito no ordenamento da linguagem, esse “prazer vai lhe sendo proibido”. Quando adulto, poderá, através de certas manipulações de sons das palavras, criar uma linguagem secreta, como ocorre em algumas “categorias de doentes mentais”. Essa é uma observação de grande alcance: resta ao adulto brincar com as palavras, pelo equívoco e pelo som (muitos escritores escrevem sua língua ou lalíngua dessa forma). Alguns doentes mentais, os psicóticos, utilizam da assonância das palavras como forma de se defender das alucinações invasivas. O próprio caso Schereber (1911), cujo livro *Memória de um doente de nervos* fora analisado por Freud, demonstra um

---

<sup>18</sup> Um estudo interessante é ler o livro sobre os chistes a partir da teoria da letra como litoral, porém essa seria uma nova pesquisa.

jogo realizado por Schereber a partir de palavras com um mesmo som, que tinham como objetivo silenciar “os pássaros miraculados” – como eram designadas vozes, alucinações auditivas, que assolavam o presidente Schereber.

O escrito de Freud apresenta um uso clínico disso que podemos reconhecer como lalíngua. Na psicose, é preciso este ponto. O psicótico é um inventor de uma língua própria. É interessante notar, nesse sentido, o trabalho realizado na sessão clínica de Angers. A tentativa desse grupo é produzir uma “lalíngua de transferência” que possibilite a construção de um laço social para o psicótico. A psicose se institui numa dificuldade peculiar do psicótico em enlaçar-se socialmente. A partir da experiência de Angers pode-se pensar num tratamento da psicose pela via de lalíngua:

“Sabes falar como Donald?”, perguntou a menina. “Não”, respondeu ele. Salivando e babando muito, ela começou então a quaquarejar: “Quá, Quá, Quá”, disse ela. “O que há para se escutar aí?”, ele se perguntava, contrariado. Sempre quaquarejando, a menina apontava o seu relógio com o dedo. “São quaquae nove e dez”, se surpreendeu dizendo ele, quaquarejando por sua vez. Isto a fez rir. A língua de Donald acabava de ser inventada. (ANGERS, 2003, p. 132)<sup>19</sup>

A língua “donald” se inscreve a partir da construção da menina e do suporte da escuta de seu terapeuta. A invenção dessa lalíngua permitiu um enlace transferencial da paciente com o terapeuta e a instituição na qual estava internada.

Até aqui avaliamos lalíngua como oposta à linguagem. Observamos algumas de suas características principais e podemos atestar sua relação primitiva com o gozo. Cabe agora investigar a relação de lalíngua com a letra e a escrita.

Nesse capítulo, foi possível estabelecer uma conexão entre a letra/escrita e o sintoma, que, como vimos, separa-se do inconsciente. Como postular uma aproximação entre lalíngua que habita o inconsciente e a letra? Não há muitas evidências dessa aproximação em Lacan,

---

<sup>19</sup> A tradução do espanhol é nossa.

porém em sua conferência em Roma, de 1974, ele sugere uma equivalência entre lalíngua e letra:

Mas isso quer dizer também, porque não há letra sem alíngua, isso é até mesmo um problema, como é que alíngua pode se precipitar em letra? Nunca se fez nada de bastante sério sobre a escritura. Mas de qualquer forma, valeria a pena, enfim, porque está exatamente aí uma articulação. (LACAN, 1974, p. 12)

Lacan aponta aqui uma *articulação*. A frase possui um aspecto enigmático. O que parece ser afirmado por Lacan é que lalíngua é uma condição para a letra. A frase é completada por uma pergunta: “Como é que alíngua pode se precipitar na letra?” A idéia de um precipitado sugere o depósito, aquilo que se precipita como escrito. Lalíngua escreve-se a partir da letra, onde há um depósito dos equívocos que uma língua permite. Talvez o “não há letra” possa ser lido também a partir do “não há” lacaniano, ou seja, um “não há” que permite uma escrita. Estamos novamente no terreno da escritura. Em apoio à nossa leitura dessa frase, encontramos outro fragmento de Lacan no qual ele define lalíngua como depósito:

Alíngua é o que permite que o *voeu* (voto), consideremos que não é por acaso que isso seja também *veut* [quer], terceira pessoa do indicativo do verbo *vouloir* [querer]; [...] o que é preciso conceber aí, é o depósito, o aluvião, a petrificação que se marca pelo manejo, por um grupo, de sua experiência inconsciente. (LACAN, 1974, p. 9)

Lalíngua escreve a experiência inconsciente de um grupo. Ela é depósito, aluvião dos vários equívocos da língua que não se dão por acaso. Percebe-se nesse fragmento a ênfase dada à homofonia: o *voeu* (voto) e *veut* (quer) são pronunciados da mesma maneira em francês.

Jacques-Alain Miller, no mesmo congresso em que Lacan pronuncia sua conferência, afirma que, “a homofonia é o motor d’alíngua”. (MILLER, 1996 [1974], p. 69) Em lalíngua, estamos no terreno de um mal-entendido que se escreve e se deposita a partir daquilo que

cada um inscreveu: “Alíngua é o depósito, a coletânea dos traços dos outros ‘sujeitos’, isto é, aquilo através do qual cada um inscreveu digamos, seu desejo n’alíngua [...]” (MILLER, 1996 [1974], p. 69)

A aproximação entre lalíngua e as noções de letra e escrita atende a dois objetivos. O primeiro é o de perceber a letra como um efeito em relação a lalíngua. Não é entretanto um efeito isolado, uma vez que, ao manipular as letras, produz-se também por efeito lalíngua. Não se trata de uma relação de causa e efeito, mas sim da mútua imbricação de ambas: “não há letra sem lalíngua”. Há uma certa homogeneidade entre o jogo das letras e lalíngua como equívoco. O segundo é a escrita. Lalíngua permite o depósito: lalíngua inscreve e escreve uma rasura. Nesse sentido, aproxima-se da letra como ravinamento e rasura. Lalíngua inscreve o que não se dá a ler e que só se pode ler pelo equívoco.

Se lalíngua escreve, ela também se escreve. Lalíngua além de falada pode ser escrita. Há inúmeros exemplos da escrita da lalíngua na literatura. Pode-se citar a experiência do escritor brasileiro Graciliano Ramos. Ao redigir o seu livro *Infância* (1945), ele relata uma experiência no nível de lalíngua:

[...] “Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.”  
Esse terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. (RAMOS, 1945, p. 109)

Esse trecho é o relato de uma experiência de infância de Graciliano Ramos. O que é expresso pelo autor é o seu aprendizado de leitura: numa idade na qual os símbolos gráficos da escrita o estranham, ele tenta ler uma carta que o pai lhe repassa. O registro verbal *ter-te-ão* é lido pelo autor como um nome próprio. Trata-se de uma leitura própria e singular, o “terteão” é um homem. A palavra apresenta-se a Graciliano Ramos, em sua dimensão escrita, no equívoco de lalíngua.

Não são raros os exemplos da literatura que se escreve a partir de lalíngua. Alguns escritores intuíram e muito o que seria lalíngua. James Joyce, o escritor irlandês, parece ter se valido de uma escrita nesse nível. Jacques Aubert, tradutor da obra de Joyce na França e ao mesmo tempo colaborador no trabalho de leitura de Lacan do escritor irlandês, afirma esse fato:

Entendo isso da seguinte forma: Joyce não se situaria em relação à linguagem, mas tomaria a linguagem através da alíngua, ou seja, aquilo que está fora, anterior ao ordenamento da linguagem, alíngua como a falha da linguagem enquanto ordenação através do processo simbólico. Alíngua enquanto aquilo que escapa à ordenação pelo discurso da ciência, o discurso simbólico. Alíngua precisamente enquanto fora da lei, fora do sentido. (AUBERT, 2001, p. 182-3)

Jacques Aubert destaca a escrita de Joyce como uma escrita de lalíngua. Para Lacan, como já mencionamos, o que Joyce escreve é o sintoma. Em sua escrita sintomática Joyce toma a linguagem por lalíngua, a lalíngua inglesa. A língua inglesa nunca mais será a mesma depois do trabalho de Joyce. O jogo de palavras é o tecido do texto joyciano e é o que desfaz a sintaxe da língua inglesa canônica. Joyce trabalha sobre a matéria de lalíngua.

Lalíngua, portanto, escreve e se escreve. Por essas últimas características é possível aproximá-la da escrita e da letra. Nesse capítulo, avaliamos a função do escrito e o conceito de lalíngua. São formulações lacanianas ocorridas num dado momento de seu ensino de Lacan. Ao reuni-las aqui, o objetivo foi pensar a letra num registro diferente de sua formulação no final dos anos 50. A concepção de letra, a partir dos anos 70, institui com a escrita e lalíngua uma nova orientação da clínica lacianiana. A promoção do escrito aponta para uma satisfação tanto na fala quanto na escrita: “Em outras palavras, o sujeito é dividido pela linguagem como em toda parte, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com a fala.” (LACAN, 2003 [1971], p. 24)

Ao analista cabe a tarefa de estar atento à satisfação presente tanto na fala quanto na escrita. Há um gozo próprio na palavra e a língua se institui na forma peculiar como cada um goza de seu inconsciente.

Em “Lituraterra”, Lacan nos fala da literatura de vanguarda como um laço social que une comunidades tais como o movimento surrealista francês, que se aproximou de Freud e do inconsciente. Para os surrealistas era importante também produzir pela sua arte o pânico e o estranhamento, assim, muitos dos escritores surrealistas escreviam a partir da fuga do sentido.

Nesse período de efervescência é que surge o escritor francês Michel Leiris. Inicialmente ligado ao surrealismo, ele pouco a pouco se afasta desse movimento. Sua obra inclui escritos sobre a etnologia, romances e alguns livros autobiográficos. A escrita autobiográfica de Leiris não é um apanhado de reminiscências tal como vimos em Graciliano Ramos. Leiris escreve por uma imposição. Ele precisa escrever, mais do que viver. Ele precisa escrever a língua que o constitui como sujeito.

Abordamos no capítulo anterior um duplo movimento da escrita em Leiris: o de uma escrita no nível da letra e de língua. Sua obra torna-se imprescindível à medida que problematiza tanto a letra como cifra de gozo quanto o conceito de língua. O uso da escritura de Leiris atendeu, nesse trabalho, a um recurso metodológico que possibilitou uma argumentação clínica a partir da noção de letra em Lacan, que vai do texto “A instância da letra” até ao artigo sobre “Lituraterra”. A passagem de um texto a outro demonstrou-se significativa para se apurar tanto a noção do escrito como *pas-à-lire* quanto o conceito de língua, essenciais na clínica lacaniana.

## CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi o de interrogar a função e o uso da letra na clínica psicanalítica. O método utilizado foi o de contrastar dois textos de Jacques Lacan que abordam a questão da letra. O primeiro foi o artigo “A Instância da letra e a razão desde Freud” (1957), o segundo é “Lituraterra” (1971). Ao opor esses dois escritos, a intenção foi a de realizar um estudo da noção da letra nestes dois momentos do ensino lacaniano. A pesquisa desse conceito baseou-se na tese segundo a qual “Lituraterra” é a re-escritura, nos anos 70, do texto “A instância da letra”.

Se a escolha metodológica é um recorte a partir desses dois momentos, cabe na conclusão do trabalho assinalar a volatilidade desse conceito em Lacan. Em muitos momentos de sua obra, letra e significante são sinônimos, em outros se separam completamente. Esse fato, por si só, constitui uma dificuldade para a pesquisa universitária, como percebe Ritvo: “Vocês sabem que, sob o ponto de vista da metodologia habitual universitária, Lacan não deixa de violar todos os princípios elementares, porque qualquer especialista em metodologia diria que ele se contradiz.” (RITVO, 2000, p. 10)

O comentário de Ritvo insere-se a partir das várias vicissitudes observadas por ele, pertinentes ao conceito de letra em Lacan. O fato de Lacan, em relação à letra, violar os princípios metodológicos aponta também para as dificuldades clínicas desse conceito. Do ponto de vista clínico, foi possível estabelecer nesse trabalho dois momentos da noção de letra.

O final dos anos 50 apresenta o significante pensado no domínio da letra, à letra, ao pé da letra. Os efeitos clínicos dessa aproximação são, principalmente, o inconsciente estruturado como uma linguagem e a promoção da fala. O inconsciente freudiano pode ser descrito em termos do funcionamento de uma estrutura simbólica da linguagem tal como é formalizada pela lingüística estrutural. Nesse sentido, o significante/letra funciona como o elemento constituinte da produção do sentido como efeito. O objetivo do analista, ao interpretar, é a liberação de um sentido aprisionado no sintoma, assim, pelo trabalho de interpretação, o sintoma se dissolve em uma decifração.

Outro aspecto clínico resultante do significante pensado no domínio da letra é o enlace entre leitura e escritura. O sonho, por exemplo, é da ordem de um texto escrito, passível de ser lido de acordo com algumas propriedades da lingüística. A aproximação com a lingüística é resultado, em Lacan, de seu retorno a Freud, pois o primeiro encontra no texto do segundo as referências necessárias para pensar a linguagem como condição para o inconsciente. A letra, então, em sua dimensão clínica é pensada a partir do registro do simbólico.

“Lituraterra” representa um esforço de Lacan para repensar o conceito da letra no campo da clínica psicanalítica. O contexto desse trabalho é o da promoção do escrito e o corte lacaniano opera-se entre significante e letra, sendo que esta última é agora litoral entre saber e gozo, logo, sua função e os seus efeitos na clínica são alterados. A letra aproxima-se clinicamente daquilo que faz borda e cifra o gozo. Ela é uma escrita lógica do gozo e a escritura aquilo que esvazia o sentido. A propriedade desse esvaziamento encontra-se na letra, uma vez que o significante por definição é qualificável e vale por seu valor diferencial. A letra, por sua vez, é sem qualidade e o agenciamento dela na escritura permite um afastamento da significação.

A letra/escrita é da ordem daquilo que permite a apreensão do gozo. O escrito é uma cifra que se apresenta como um não-a-ler. Uma análise opera, pela letra, uma redução de sentido, pois ela não aponta para uma decifração, mas sim para a uma cifra de gozo.

A teoria de lalíngua, também formulada a partir dos anos 70, responde aos avanços clínicos da noção de letra como litoral. Por um lado, representa o rompimento de Lacan com os pressupostos da lingüística estrutural e, por outro, a descoberta lacaniana de um gozo próprio do sujeito na linguagem. Lalíngua não serve à comunicação e institui uma relação primordial do sujeito antes de sua entrada na linguagem estruturada – ela é aquilo no qual cada um de nós está imerso, num gozo autista anterior a qualquer ordenamento da linguagem. A homofonia, os jogos fônicos são os fios que tecem a linguagem que o gozo é. O tecido do gozo é o mesmo da linguagem: a noção lacaniana de lalíngua é o cúmulo dessa tese. Mas a linguagem aí não é instrumento de um gozo fora dessa linguagem. Nesse sentido, a escritura de Michel Leiris é paradigmática. Ele engendra uma escrita feita por um depósito de equívocos da linguagem, o que a aproxima do conceito lacaniano de lalíngua e aponta para uma relação primordial do gozo na constituição do sujeito.

Uma outra consequência clínica dessa segunda concepção de letra é uma outra abordagem do sintoma. O objetivo não será mais o da liberação de um sentido oculto nele, não há mais uma idéia de decifração do sintoma. Ao sintoma, o analista não deverá responder interpretando, ou seja, injetando mais sentido. Há uma opacidade no sintoma, na qual o sujeito tropeça e claudica. No seminário *De um discurso que não seria do semblante*, Lacan fala da metáfora feita para não andar. Uma metáfora que não anda é da ordem dessa opacidade, ilegível e não decifrável, presente no sintoma de cada sujeito. O que por sinal reforça ainda mais a idéia de uma linguagem que não se decifra por inteiro e que apresenta pontos de resistência ao sentido.

Em relação ao sintoma, opera-se pela letra uma redução, através do equívoco. A letra opera uma escrita lógica do sintoma, isto é, trata-se de um uso pelo qual a letra produz uma marca minimal, cifra totalmente reduzida do sentido gozado presente no sintoma. É o dizer do analista, portanto, que faz a depuração do sentido do significante à letra, como resíduo não interpretável.

Essas conseqüências clínicas demonstram um longo e paciente esforço de elaboração clínica por parte de Lacan. Sua obra estabelece esses pontos como um trabalho que caminha para a “logicização” da psicanálise. O recurso da lógica é o recurso da escrita, acionado a fim de que a clínica analítica se subtraia de qualquer tentativa de uma direção de tratamento assentado na produção de sentido. O caráter absolutamente religioso do sentido pode ser percebido nos nossos dias pela proliferação das seitas, dos fundamentalismos e da crescente globalização capitalista. Do ponto de vista clínico, as terapias cognitivas comportamentais são a demonstração cabal de uma prática do sentido que aprisiona o sujeito nos impasses imaginários.

A escrita/letra é, portanto, o recurso da psicanálise contra a proliferação do sentido. Talvez, por este fato, a escritura de Michel Leiris se faz tão presente no campo da psicanálise. Esse autor também escreveu toda a sua vida contra os sentidos pré-determinados e estabelecidos. Sua escrita é da ordem da dissolução dos códigos da linguagem – Leiris escreve o seu drama particular: o de sua entrada na linguagem articulada, na sintaxe.

Mas por que a escritura de Leiris é uma interrogação às formulações da letra em Lacan? Primeiro, porque é uma anamnese da entrada do sujeito na linguagem, mas também porque a escritura leirissiana apresenta um tensionamento entre a letra retórica, decifrável, e a letra não-retórica e indecifrável. Pode-se constatar essa afirmação a partir do uso da metonímia na escritura de Leiris. A operação metonímica, neste escritor, não é um recurso estilístico poético. A metonímia em Leiris opera um metabolismo do gozo, tal como

demonstrado em nosso segundo, a partir da citação a respeito da metonímia da palavra *suicídio*. O despedaçamento dessa palavra por Leiris corresponde a uma ruína desse objeto ao mesmo tempo presente e insistente na vida do escritor. Leiris procede a um estilhaçamento do objeto, bem próximo daquele observado no exemplo da palavra *Signorelli*, em Freud. O que se pode perceber nesses exemplos é um para além de um recurso estilístico e de um esquecimento de um nome próprio em que há uma redução a letras e sílabas, no caso de Freud ao mínimo *elli*, que se desloca no percurso impotente da memória na busca pela lembrança primordial. O que se apresenta aí são as ruínas metonímicas marcada pelo significante e que, tanto em um como no outro caso, apresentam a dimensão do gozo na linguagem, sendo que, em ambos, o tema principal é a morte. Não se trata, portanto, de tomar a metonímia como uma parte do todo, mas a partir desses exemplos pensar a metonímia, o processo metonímico, como o da ruína do objeto.

James Joyce também escreveu para desestabilizar a língua inglesa. Em sua leitura de Joyce, Lacan pôde extrair um novo uso do sintoma. O recurso tanto à letra quanto à língua em Joyce visa, segundo Lacan, a impedir a invasão do parasita linguageiro. Joyce desconstrói a língua inglesa, a língua do invasor que lhe atormenta através das palavras impostas.

Michel Leiris também desarticula a linguagem pelo uso da letra e de língua em sua escritura, porém a escritura leirissiana é diferente da joyceana.<sup>20</sup> Se em Joyce a escritura, segundo Lacan, vem restituir uma relação faltante e constitui o ego de Joyce, em Leiris a escritura é da ordem daquilo que o institui como sujeito do inconsciente. Em Joyce, segundo Lacan, há um não assinante do inconsciente. Sua escrita é da ordem do *sintoma* e Joyce nada quer saber do inconsciente.

Leiris busca a emergência do sujeito do inconsciente, interessa-lhe colocar em seus escritos os lapsos, os sonhos, a confissão como catarse para se realizar uma cura das inibições,

---

<sup>20</sup> Fica a sugestão de um trabalho interessante: contrastar os usos da letra e de *lalangue* em Leiris e Joyce.

do alcoolismo, da idéia constante e presente do suicídio. Assim, podemos definir sua escritura como uma tentativa de fazer valer e representar o sujeito do inconsciente, ali onde há uma falta, tal como nos indica essa passagem de Lacan, em “A equivocação do sujeito suposto saber” (1967), nota 5:

“Disso”, diz o sujeito, “eu não me lembro”. Ou seja: ao chamado de um significante ao qual caberia “me representar para outro significante”, eu não respondo presente, em razão de que, pelo efeito desse chamado, não represento mais nada para mim. Sou um quarto escuro que foi iluminado: não há mais jeito de pintar nele, por seu buraco de alfinete, a imagem do que acontece lá fora.

O inconsciente não é subliminar, tênue claridade. É a luz que não dá lugar à sombra, nem deixa insinuar-se seu contorno. Ele representa minha representação ali onde ela falta, onde sou apenas uma falta do sujeito. (LACAN, 2003 [1967], p. 334)

Todo edifício escritural de Leiris visa a uma tentativa, pela escrita, de fazer valer o inconsciente como o representante da representação de uma falta, precisamente a do sujeito. Essa é a travessia da escritura leirissiana: o que ela demonstra é o objeto que ele foi um dia, no qual o equívoco, que vai do ...*reusement!* ao *heuresement*, comporta o seu trágico encontro com o Outro da linguagem. Desse encontro, resta uma opacidade do sintoma de Leiris, denominada por ele próprio como *obscuridade*. Vivificar o escrito representa, para esse escritor, sua forma de ser no mundo, o seu modo de fazer valer que a escrita é o gozo. Se por um lado a escrita é aquilo que o salva da morte e da destruição iminente do outro, ela é também anteparo em relação ao gozo mortífero que o invade. Talvez por isso a escritura em Leiris seja da ordem de um escrito como *pas-à-lire*, cifra e ao mesmo tempo objeto ilegível, não interpretável, que o sujeito porta e carrega consigo.

No livro *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, há um momento de travessia, quando o personagem principal, o jagunço Riobaldo, ao assumir a liderança do bando, serve-se, de um lado, de um velho e, de outro, de uma criança, para realizar a maior aventura de sua vida. A travessia roseana é a travessia da escrita.

Michel Leiris escrevia em seu leito conjugal, oscilava entre o quarto de casal e o escritório. Na mão direita, o dicionário, na outra a gramática. Sua travessia foi a de produzir uma marca, uma escritura. Tal escritura é um não-a-ler (*pas-à-lire*), uma marca ilegível. A psicanálise, com Lacan, conceitua o não-a-ler em suas duas vertentes: o “pas” que é ao mesmo tempo *não* e *passo*. A ambigüidade do *pas* em francês não escapou a Lacan, que o soube explorar em sua língua. O *pas* é o móvel que orienta os destinos de cada análise e possibilita uma ética, que é a da responsabilidade do sujeito diante da cifra que o determina. Na análise, a clínica psicanalítica instrui-nos que o escrito demarca uma cifra onde não há mais o que interpretar e, ao mesmo tempo, na clínica essa marca é o que o sujeito porta como cifra obscura, na qual reside o enigma de seu destino. A clínica psicanalítica, ao operar pela letra a redução do sentido, possibilita um fim lógico do percurso da análise, para cada sujeito que decida por essa singular travessia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMEL, Aliette. *Michel Leiris*. Paris: Fayard, 1997.

AUBERT, Jacques. “Conversando sobre Joyce: pontuações de Jacques Aubert”. In: *A jornada de Ulisses*. Trad. Analúcia Teixeira Ribeiro. Revista da Escola Letra Freudiana, Ano XX, no 28, p. 175-190. Rio de Janeiro, 2001.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Gurnsburg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

BLANCHOT, Maurice. “Olhares de além túmulo”. In: *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 236-247.

CAMPOS, Haroldo. “O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua”. In: *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras. 2ª ed., 2001, p. 175-195.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (ESB) Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1990.

\_\_\_\_\_. (1896) “Carta 52”. Vol. I, p. 324-331.

\_\_\_\_\_. (1900) “A Interpretação dos Sonhos”. Vol. IV, p. 324-331.

\_\_\_\_\_. (1901) “Psicopatologia da vida cotidiana”. Vol. VI

\_\_\_\_\_. (1905) “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. Vol. VII

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (ESB) Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976.

\_\_\_\_\_. (1918) “História de uma neurose infantil” Vol XVII

FREUD, Sigmund. “A Negação” (1925) In: *Die Verneinung – A negação*. Trad. Eduardo Vidal. Revista da Letra Freudiana, Vol. VII - Nº 5, Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1988 p. 9-15.

LACAN, J. *O seminário*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1956-1957) *Livro III: As psicoses*, 1985.

\_\_\_\_\_. (1957-1958) *Livro V: As formações do inconsciente*, 1999.

LACAN, J. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. (1946) “Formulações sobre a causalidade psíquica”. p. 152-194.

\_\_\_\_\_. (1956) “Seminário sobre a carta roubada”.

\_\_\_\_\_. (1956) “Situação da Psicanálise em 1956” p. 461-495.

\_\_\_\_\_. (1957) “A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. p. 496-533.

LACAN, J. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. (1967) “O engano do sujeito suposto saber”. p. 329-340.

\_\_\_\_\_. (1971) “Lituraterra”. p. 15-25.

\_\_\_\_\_. (1973) “Posfácio ao seminário 11”. p. 503-507.

\_\_\_\_\_. *De um discurso que não seria do semblante*. Publicação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife. 1971. [inédito]

\_\_\_\_\_. *A terceira*. Trad. Analúcia Teixeira Ribeiro. Circulação interna da Escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro, 1974, p. 2-22. [inédito]

\_\_\_\_\_. *Seminário RSI*. (1974-75) Ed. Pirata. [inédito]

\_\_\_\_\_. “Rumo a um significante novo”. (1977) Trad. Samyra Assad. In: *Opção lacaniana*. Revista Internacional de Psicanálise, 1998, agosto, p. 6-15

\_\_\_\_\_. *Seminário o momento de concluir*. (1977) Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase. Site: [www.psiconet.org](http://www.psiconet.org)

- \_\_\_\_\_. *O Saber do Psicanalista*. Trad. Luiz de Souza Dantas Forbes. Circulação Interna da Biblioteca Freudiana Brasileira. [inédito]
- LACAN, J. *Le Séminaire. Livre XXIII: Lê sinthome*. Paris: Editions du Seuil, 2005.
- LAURENT, Eric. “La Carta Robada y el vuelo sobre la letra.” In: *Sintoma y Nominacion*. Buenos Aires: Diva, 2002.
- LEIRIS, Michel. *A Idade Viril*. (1939) Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Biffures*. Paris: Gallimard, 1946. (L’Imaginaire)
- \_\_\_\_\_. *Langage, Tangage ou ce que les mots me disent*. Paris: L’Imaginaire Gallimard, 1985.
- MAGAZINE LITTERAIRE. Michel Leiris. no 302, septembre. 1992-.
- MANDIL, Ram Avraham. *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria UFMG, 2003.
- MARINÉ, Leila. “Sobre a identificação”. In: *Transfinitos*. Belo Horizonte. Revista do Aleph- Psicanálise –Transmissão: Autêntica, 1999, p. 94-102.
- MILLER, Jacques-Alain. “O escrito na palavra” In: *Opção Lacaniana*. Nº 16 São Paulo: Edições Eolia, 1996, p. 94-102
- \_\_\_\_\_. “Remarques e questions” In: *Lacan et la chose japonaise*. Paris: Navarin, 1988
- \_\_\_\_\_. *Silet. Os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Trad. Celso Rennó Lima. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Teoria da d’alíngua”. In: *Matemas I*. (1974) Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 55-72.
- \_\_\_\_\_. *Pieces détachées*. Lição de 24/11/2004. [Seminário Inédito].
- MILLER, Jacques-Alain y outros. “Lalíngua de la transferencia em las psicoses”. In: *La Psicose Ordinária*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2003.

- \_\_\_\_\_. *Os casos raros, inclassificável, da clínica psicanalítica: A conversação de Arcachon*. Trad. Luiz de Souza Dantas Forbes. Agálma, 1997
- MILNER, Jean-Claude. *A Obra Clara – Lacan, a ciência, a filosofia*. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O amor da língua*. Trad. Ângela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- NANCY, Jean-Luc e LACOVE-LABARTHE, Philippe. *O título da letra*. Trad. Sérgio Joaquim de Almeida. São Paulo: Escuta. 1ª ed., 1991.
- PETIT ROBERT. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993
- PORTUGAL, Ana Maria. “A letra segunda”. In: *Transfinitos – Percorso da letra: escrita do sujeito*. Belo Horizonte: Revista do Aleph – Escola de Psicanálise, Autêntica, 2005, p. 11-18.
- RABINOVITCH, Solal. “A transferência na psicose”. In: *Psicoses*. Trad. Analúcia Teixeira Ribeiro, Revista da Escola Letra Freudiana, Ano XXIV, nº 36, Rio de Janeiro, p. 9-24.
- \_\_\_\_\_. *A foraclusão – Presos do lado de fora*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*, Rio de Janeiro, 1ª ed. Editora Record, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Infância*. C Rio de Janeiro: Editora Record. 1ª ed., 1945.
- RITVO, Juan. “O conceito de letra na obra de Lacan” In: *A prática da letra*. Revista da Escola Letra Freudiana, Ano XVII – Nº 26, Rio de Janeiro, p. 9-24
- SAMSON, François. “O que se torna a pulsão, ao final da cura?” In: *Transfinitos: Percorso da Letra. Escrita do Sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 147-162
- SANTIAGO, Ana Lydia. *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SANTIAGO, J3sus. “Inconsciente e sintoma: uma quest3o para os usos e a pr3tica da letra”.

In: *O Estilo na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras – UFMG, 2005, p. 225-232.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral* Trad. Ant3nio Chelini, Jos3 Paes e Izidoro Bilkstein. S3o Paulo: Cultrix, 1972.

STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. Trad. Carlos Vogt. S3o Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

VIDAL, Eduardo. “A heterogeneidade Deleuze-Lacan” In: *Gilles Deleuze: uma vida filos3fica*. S3o Paulo: Ed. 34, 2000 p. 479-491

\_\_\_\_\_. “O dito do inconsciente e os discursos” In: *A psican3lise e os Discursos*. Revista da Escola Letra Freudiana, Ano XXIII – n3 34/35, Rio de Janeiro, p. 11-17, 2004.

\_\_\_\_\_. “Stephen e a escritura”. In: *A jornada de Ulisses*. Revista da Escola Letra Freudiana, Ano XX – n3 28, Rio de Janeiro, p. 165-172, 2001.

\_\_\_\_\_. “O inconsciente de Freud a Lacan”. In: *O desejo do analista*. Revista da Escola Letra Freudiana, Ano XXII – n3 30/31, Rio de Janeiro, p. 41-50.